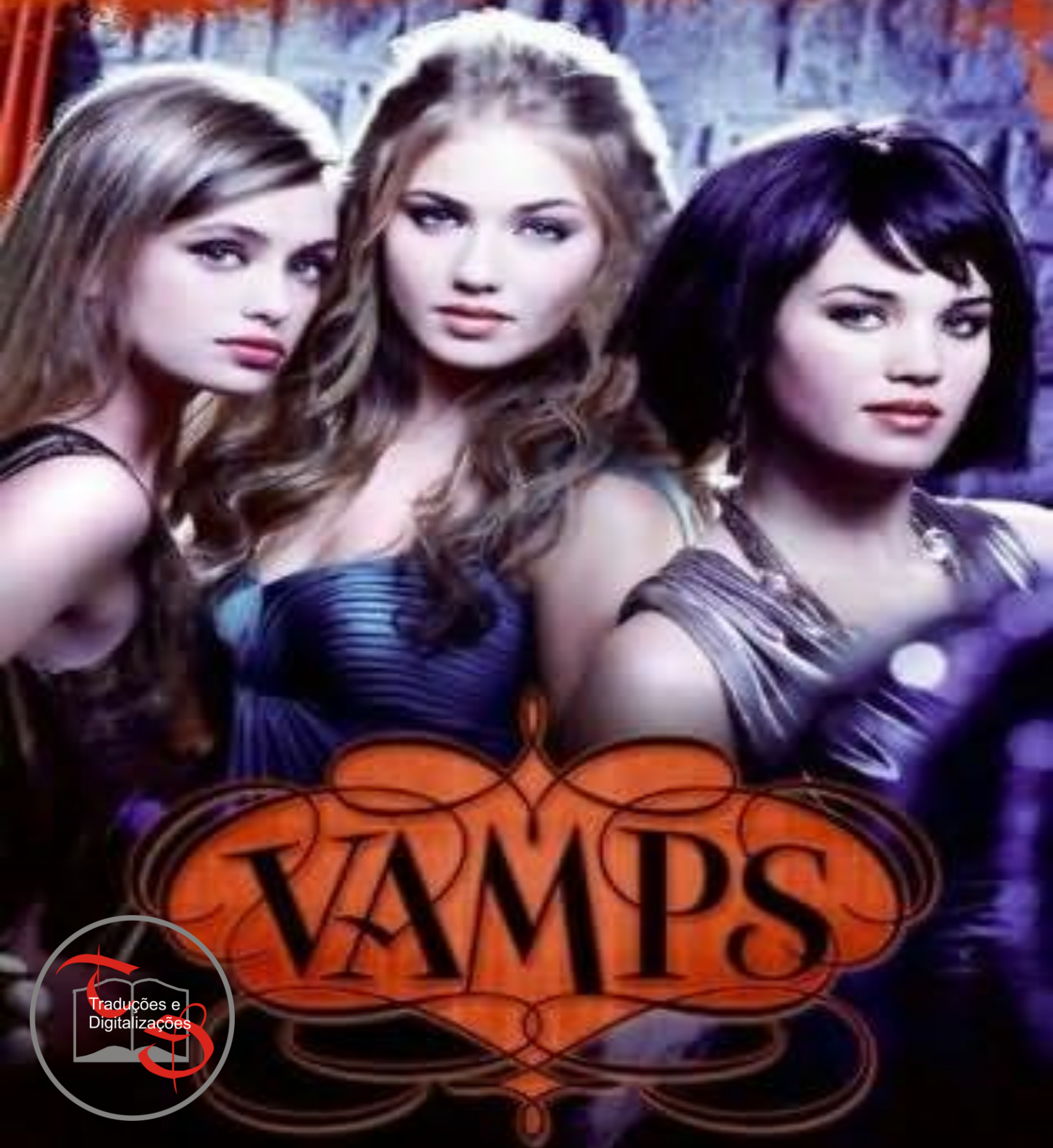
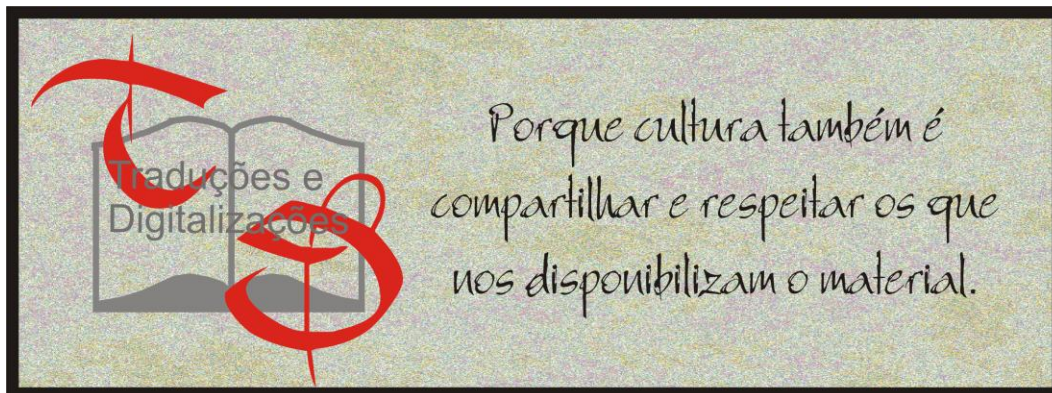


BY THE AUTHOR OF *SINGLESSES AFTER DARK*, **NANCY A. COLLINS**







Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos, por favor, **que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog – <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>

Twitter - http://twitter.com/tradu_digital



Feito por:

MARY FLEURY ## SABBINA

TAMIRIS ## TALITA

Revisado por:

LEILA



“Pode me deixar aqui, Bruno, “ Lilith Todd disse ao colocar um sapato de salto Christian Louboutin em seu pé direito. O chofer olhou por sobre o ombro rapidamente para ela enquanto pilotava o Rolls de colecionador ao longo da Sexta Avenida. Bruno vinha guiando para a família Todd para todos os lugares desde os tempos dos paralelepípedos e das carruagens. Antes disso ele havia sido um oficial em algum exército Europeu.

Ele perguntou: “Tem certeza, senhorita Lilith?” Eu posso dar a volta no quarteirão mais uma vez se a senhorita quiser.”

Lilith olhou para ter certeza que seu vestido Dior aberto nas costas verde-esmeralda estava com o zíper fechado até a cintura e olhou para seu relógio Patek Philippe. Ela sentiu uma pontinha de satisfação em ver que havia quebrado seu recorde em mudar de roupa, do uniforme escolar para as roupas de festa no banco de trás da limusine.

“Eu disse *agora*, Bruno.”

“Sim, senhorita Lilith.”

Enquanto o motorista parava no clube, na seção separada para serviço de manobrista, um homem jovem vestido com o uniforme padrão do Belfry, calças pretas de marca, camiseta e casaco formal, se apressou para abrir a porta do carro. O Belfry havia sido uma Igreja Episcopal construída por barões ladrões. Mais de 125 anos depois, os ricos e famosos ainda passavam por suas portas duplas enfeitadas, só que agora eles vinham para atender às necessidades da carne e beber o vinho. Mesmo sendo após as 2 da manhã, havia muitos *wannabes*¹ na porta, reclamando uns para os outros e olhando para os porteiros fortes que guardavam a entrada do clube. Quando Lilith estendeu uma perna torneada para o meio-fio, a multidão do lado errado das cordas de veludo se virou para ela, faminta por uma olhada, não importava o quão rápida fosse, no glamour de uma celebridade. Com um movimento de cabeça, Lilith subiu os degraus até a porta, o cabelo longo, loiro cor de mel flutuando atrás dela como um véu de noiva. Um dos ratos dos subúrbios² deu uma cotovelada nas costelas de sua acompanhante e apontou para Lilith que passava calmamente.

“Olha! Ali está alguém famoso! Ela não é...?”

“Acho que não,” a amiga dele disse, apertando os olhos como um joalheiro que tenta ver a diferença entre uma pedra preciosa e uma semi-preciosa. “Muito jovem. Mas tenho quase certeza que ela é famosa. Ou então rica. Talvez os dois”

Lilith cobriu a boca com a mão para que ninguém a visse rindo. Oh, ela era mesmo rica e famosa. Apenas não do jeito que os *wannabes* imaginavam. Quando ela chegou na porta da frente do clube, um porteiro novo esticou um braço musculoso para frente, bloqueando a passagem dela. “Você está

¹ NT: alguém que imita o jeito de vestir, de ser e de falar de uma pessoa que ele/ela admira.

² NT: no texto original, a expressão é *bridge-and-tunnel rats*. *Bridge-and-tunnel* é um termo pejorativo para designar as pessoas que moram fora de Manhattan e que vão para lá por alguma razão social.



— vestida para festa, gata,” ele disse, seus olhos viajando para cima e para baixo no corpo gracioso dela. “Mas eu vou precisar ver sua identidade.”

De repente, o manobrista correu e bateu nos ombros dele. A montanha de músculos gigante abaixou a cabeça para que o manobrista pudesse sussurrar no ouvido dele. Liliti sorriu quando viu o pânico aparecer no rosto dele. “Desculpe, o erro foi meu,” o porteiro balbuciou, abaixando a cabeça em respeito ao abrir espaço para ela. “Aproveite a noite, senhorita Todd.”

Lilith atravessou a entrada brilhante e foi em direção à enorme pista de dança que ocupava o que havia sido o santuário da Igreja. Ela olhou para cima, para a cabine do DJ localizada no antigo púlpito e acenou para o jovem que tocava *trance* em níveis ensurdecedores. Ela viu Sebastian, o promotor de festas do clube e guardião escolhido da ala VIP no segundo andar. Ele se apressou para encontrá-la o mais rápido que seus sapatos de couro azul feitos sob medida permitiram. Como sempre, ele estava felicíssimo em vê-la. “Lilith! Querida! Você está absolutamente *maravilhosa*! É tão bom ver você!” ele gritou além da batida que saia tremendo do sistema de som do clube.

“Olá, Seb,” ela gritou de volta. “Os outros estão aqui?”

“Jules acabou de chegar. Pode subir para o Loft, estou com seu favorito exclusivamente aquecido e pronto para você.”

“Você é o meu favorito, Seb!” ela disse, beijando o ar para cada lado das bochechas magras dele.

“Com certeza você diz isso para *todos* os promotores de clubes malignamente bonitos que deixam você beber de graça!” Ele piscou.

Quando ela entrou no antigo compartimento do coral que servia como sala VIP do clube, Lilith viu seu prometido, Jules de Laval, esparramado em um dos divãs. Ele estava vestido com uma camisa pólo Armani, com as mangas enroladas para mostrar seus bíceps ao máximo, batendo papo com Tanith Graves, uma das melhores amigas dela. Com seus bagunçados cabelos loiro-avermelhados na altura do pescoço, olhos verdes, nariz perfeitamente reto, mandíbula masculina forte, Jules parecia uma estrela de cinema e adorava atuar como uma. Tanith e Lilith gostavam de se passar por irmãs, e já que ambas possuíam cabelos loiros, rostos ovais, bronzeados artificiais e o mesmo gosto por roupas da última moda, era fácil pregar essa peça.

Sentado ao lado de Tanith estava seu namorado, Sergei Savanovic, um dos colegas de Jules da Ruthven. Com seus cabelos escuros na altura dos ombros, olhos negros, uma queda por suéteres de gola alta e calças de couro, Sergei podia facilmente ser confundido com algum poeta Russo, mas na verdade ele era da Sérvia, como ele sempre dizia rapidamente para qualquer um que se importasse em perguntar.

Carmen Duivel e Oliver Drake estavam esparramados no sofá do lado oposto. O rosto de boneca de Carmen e suas madeixas acobreadas complementavam os cabelos loiro-sujo de Oliver e sua beleza estilo *bad-boy*. Como a maioria dos casais de vampiros, Oliver e Carmen estavam saindo juntos simplesmente porque sabiam que eles ficavam bem juntos.

“Aí está ela,” Jules disse, sorrindo ao se levantar. “Eu já estava começando a pensar que o Professor tinha te deixado de castigo depois da aula.”



“Graças aos Fundadores que é quinta-feira!” Lilith riu ao se abraçarem. Não entendo como os mortais agüentam ir à escola cinco dias na semana!” Ela deu uma olhada pela sala enquanto o beijava na bochecha. “Quem ainda não está aqui?”

“Melinda,” Carmen respondeu.

“Grande surpresa,” Lilith disse revirando os olhos. “Ela *sempre* está atrasada.”

“Como se você pudesse falar! Você não é exatamente a mais pontual,” Jules brincou.

“Sim, mas eu estou *educadamente* atrasada, querido. Existe uma diferença. Então, qual fofoca eu perdi?”

“Ollie estava nos contando como ele consegui passes para atrás do palco para a Victoria’s Secret Pink Party para todos,” Carmen disse, animada.

Um dos servos do meu pai é relações-públicas da empresa,” Oliver explicou.

“Victoria’s Secret? Ah, por favor.” Lilith fungou.

“É, eu não tinha certeza se eu queria ir,” Carmen disse, seu entusiasmo anterior subitamente acabado. “No que eu estava pensando?”

“Eu vou pegar uma bebida, preciso lavar o gosto de escola da minha boca,” Lilith disse. “Não fofoque muito enquanto eu estiver fora – eu vou ter que fazer vocês repetirem tudo quando eu voltar.”

Enquanto ela andava na direção do bar feito de partes do órgão da Igreja, ela podia ver que o barman já estava esticando o braço para debaixo do balcão. “O de sempre?” ele perguntou.

“Claro.”

“Aqui está,” ele disse, entregando a ela uma taça de vinho cheia de algo que poderia ser confundido com claret³. Lilith cheirou o aroma, sorriu e aprovou com um aceno de cabeça.

Ao se reunir aos amigos, Lilith viu que Melinda havia chegado. Com seus olhos cor de jade pálido, pele café com leite e cabelos elaboradamente trançados, a filha de Anton Mauvais era uma beldade estonteante – e uma beldade que estava um pouco perto de mais de Jules.

“Que bom que você finalmente chegou, Melly,” Lilith disse enquanto se colocava entre os dois de forma que Melinda fosse forçada a dar um passo atrás.

“Eu tive que ir para casa e trocar de roupa,” Melinda explicou, “ou então eu teria chegado aqui mais cedo.”

“O que você está bebendo, Lili?” Sergei perguntou.

“AB negativo servido na temperatura do corpo com uma pitada de anticoagulante: exatamente como eu gosto.”

³ NT: claret é um termo usado na Inglaterra para identificar vinhos tintos de Bordeaux.



“Oba.”

“Então – como foi a escola?” Jules lembrou.

“Ugh! Por favor, nem me lembre!” Lilith fez uma careta. “Ainda estamos na primeira semana do semestre de Outono e já está chato para burro.”

“Eu não sabia que burros eram uma unidade de medida.” Jules riu.

“Cale a boca!” Lillith disse, dando um tapa de brincadeira na perna dele. “Você sabe o que eu quero dizer! De qualquer forma, eu esperava que eles comesçassem a nos tratar mais como adultos e menos como calouros esse ano. Talvez deixar que fizéssemos uma excursão, tentar um pouco de sedução, sabe? Não tivemos essa sorte! Eu já consigo seduzir qualquer um dos mortais nesse clube com uma mão amarrada nas costas!” Ela esvaziou o copo e lenta e sensualmente lambeu os lábios.

“Se é nisso que você está interessada, podemos ir à caça,” Tanith sugeriu. “Há vários traficantes de droga nessa cidade, de dia ou de noite. Ninguém iria notar ou se importar com o que acontecesse com eles.”

“Na área do Washington Square Park é fácil de achar,” Jules sugeriu, inesperadamente, dando uma piscada para Tanith. Tanith levantou uma sobrancelha mas se certificou de que Lilith não visse a expressão no rosto dela. Todos os amigos de Lilith já sabiam que não se podia responder às paqueras de Jules, mesmo de brincadeira.

“Sério? Então vamos!” Lilith disse, recusando-se a dar atenção ao comportamento do Jules. O casamento entre Lilith Todd e Jules de Laval havia sido arranjado por suas famílias quando ambos ainda eram bebês e era visto como a fusão perfeita do poder do Velho Mundo e da riqueza do Novo Mundo. Os De Laval eram a família mais aristocrática em toda a cidade. O pai de Jules, o Conde de Laval, possuía o direito de sangue que vinha desde o reinado de Clovis I, e ele ainda era dono de várias propriedades na sua terra natal, a França.

Apesar de terem mudado o nome da família de Todesking ao se mudarem para a América, os Todd não vinham da realeza. No entanto, eles *eram* mais ricos do que Midas⁴. Com o contrato de casamento com os de Laval, o pai de Lilith garantiria que sua preciosa filha realmente cresceria para se tornar uma princesa – ou pelo menos condessa – e os de Laval assegurariam sua constante corrente de dinheiro necessário para manter sua coleção de casas, palácios e castelos na família.

Claro, nada disso impedia que os olhos de Jules – e outras partes do corpo – se desviassem com frequência. “Podíamos fazer isso esse fim de semana, eu acho.” Ele deu de ombros.

“Isso se você não se importar que alguns dos garotos venham junto.”

“Eu *sempre* estou interessada em festas,” ela disse, chegando mais perto dele. Houve um som de campainha e Jules pegou seu celular. “É meu pai,” ele disse fazendo uma careta. “É melhor eu ir.”

Lilith tentou mexer a cabeça para ver o nome na tela do telefone de Jules, mas ele já havia fechado o aparelho. “Desde quando você vai correndo para casa quando seu papai liga?” ela perguntou.

⁴ Lenda do rei Midas, que tudo que tocava virava ouro.



“Desde que eu tirei nota baixa na minha última prova de alquimia,” Jules respondeu secamente. “Ele ameaçou cancelar minha viagem a Vail se eu não estudasse pelo menos duas horas depois da escola.”

“Te vejo amanhã, então?”

“Claro,” Jules respondeu. Ao se abaixar para dar um beijo de despedida nela, Lilith se levantou para encontrá-lo. Jules segurou a nuca dela em sua palma enquanto sua língua escorregava para dentro de sua boca ansiosa e faminta. Após um longo beijo de despedida que pareceu real, ele olhou nos olhos dela e deu seu clássico sorriso sexy. “Tenho que ir, gata. Me ligue quando acordar.”

Lilith observou Jules ir embora. Mesmo o local estagnado cheio, a multidão se separava sem ele ter que dizer uma palavra. Ela se perguntou silenciosamente se ele realmente estava indo para casa ou se era simplesmente uma desculpa para ficar com alguma outra pessoa. Haveria bastante tempo para ele sair sem ela depois que os dois fossem casados. Até lá, ela o queria todo para si. A idéia de Jules fazer com outra garota as coisas que fazia com ela era o suficiente para desencadear nela ataques de ansiedade por ciúme.

Lilith olhou para baixo, para suas mãos, e viu que elas estavam fechadas em punhos. “Com licença um momento, sim?” ela disse para os outros enquanto se levantava. “Eu preciso ir ao toalete.”

O banheiro feminino da ala VIP era consideravelmente menor do que seu equivalente na parte de baixo, com apenas dois vasos sanitários e nenhum espelho suspenso sobre a pia. Lilith procurou rapidamente pelo chão, checando para ter certeza de que não havia nenhum pé visível sob as cabines. Satisfeita por estar sozinha, ela abaixou a tampa de um dos vasos sanitários para que ela pudesse sentar. As mãos dela já estavam começando a tremer enquanto ela trancou a porta atrás de si.

Ela colocou sua bolsa Prada no chão entre seus pés e procurou dentro dela, os dedos cegamente agarrando o bolso com zíper onde ela guardava o estoque proibido sobre o qual ninguém sabia: nem seus pais, nem Tanith, nem mesmo Jules.

Ela só precisava de um pouquinho, só isso. Só um pouquinho para acabar com seu nervosismo e aumentar sua auto-estima. Todos pensavam que era tão fácil para ela. Mas ser a filha perfeita, a amiga perfeita, a aluna perfeita, a namorada perfeita o tempo todo dava trabalho.

Ela merecia aquilo.

Ela abriu sua mão para revelar um estojo compacto em forma de concha. Ela riu para si mesma ao abrir a tampa do estojo, revelando seu conteúdo.

Um espelho pequeno e circular.

Lilith encarou seu reflexo por um longo momento, inclinando o estojo primeiro para um lado, depois para o outro para ver o máximo de seu rosto possível.

Haviam dito para ela a vida toda que ela era bonita. A mãe dela dizia isso. O pai dela dizia isso. Jules dizia isso. Tanith dizia isso. E quando ela se tornou mais velha, outros disseram isso – não como palavras, mas com seus olhos. Mesmo tendo apenas 16 anos, Lilith estava acostumada a olhares maldosos dirigidos a ela por pessoas de todas as idades e persuasões. Mesmo assim, não



— importava quantas vezes os outros dissessem que ela era atraente, não era a mesma coisa do que poder ver com seus próprios olhos.

No entanto, o alívio que o pequeno espelho dava a ela não era de graça. Se ela fosse pega com ele em sua posse, ele seria automaticamente expulsa da escola e considerada criminosa perante o Synod, o conselho governamental que garantia que as leis antigas de seu povo fossem obedecidas.

Lilith examinou de perto seu cabelo e maquiagem, checando para se certificar que ela tinha a melhor aparência possível antes de fechar o estojo. Ao retornar o espelho para seu esconderijo secreto, suas mãos estavam novamente firmes, suas maneiras recompostas. Antes de sair da cabine, ela se certificou que havia acionado a descarga, em caso de alguém ter entrado no banheiro nesse meio tempo e ter prestado atenção. Afinal de contas, aparência era tudo.

Ela era ela mesma novamente: Liliti Todd, Princesa Vampira Americana.

“Onde você estava esse tempo todo?” Melinda perguntou quando Liliti se reuniu ao grupo.

“Estou entediada. Quer ir lá para baixo?” Lilith disse, ignorando a pergunta enquanto bebia as últimas gotas de sua bebida.

“Claro.” Tanith deu de ombros. “Sergei odeia dançar, não odeia?”

“Todos meus melhores passos são no quarto.” Sergei deu um sorriso torto. “Eu vou ficar aqui e encher a cara, se você não se importa.”

“Eu também,” Oliver disse enquanto bebia.

“Vamos,” Lilith disse, levando Tanith pela mão.

“Vamos dançar.” Ela se virou para olhar para Carmen e Melinda. “Vocês vem?”

Carmen e Melinda trocaram um olhar, depois levantaram-se num pulo e seguiram as amigas sem dizer nenhuma palavra.

Apesar da pista de dança estar lotada, Lilith e sua turma moveram-se através da multidão sem esforço até chegarem no centro.

Enquanto o quarteto dançava, sorria e dava risadas entre si, Lilith percebeu que estava sendo vigiada. Ela olhou em volta e viu um homem de trinta e poucos anos encarando-a intensamente.

Normalmente ela ignorava os mortais que freqüentavam o Belfry, mas ela estava entediada e tinha bebido, e ela gostou da aparência dele. Talvez ela pudesse se divertir um pouco. Ela encontrou o olhar do homem e balançou a cabeça bem suavemente.

O mortal abriu um sorriso que revelava um tratamento dental caro e se moveu na direção dela. Ela se moveu para encontrá-lo, os olhos dela se fixando e prendendo os dele.

Ao ver o que Lilith estava fazendo, Tanith, Carmen e Melly se posicionaram rapidamente entre o casal e as outras pessoas do clube, isolando efetivamente a presa do resto dos humanos. Enquanto



— continuaram a dançar, o mortal parecia desconhecer o fato que sua recém-achada parceira estava gradualmente fazendo com que ele fosse para a beirada da pista de dança.

Ele colocou as mãos na cintura de Lilith, seus olhos brilhando com uma mistura de luxúria e calor alimentado por drogas, mas ela fugiu de seus dedos facilmente. Ela sorriu, mexendo um dedo, desaprovando de brincadeira, mas continuou sem dizer nenhuma palavra. Ao invés disso, ela balançou a cabeça na direção do banheiro feminino mais próximo. Os olhos dele brilharam ainda mais.

Depois de checar para ver se a área estava liberada, Lilith levou sua presa rapidamente para o banheiro, os membros de sua turma bem perto dela. Tanith seguiu atrás dela imediatamente para servir de segurança, enquanto Carmen e Melinda ficaram de guarda na porta, expulsando possíveis intrusas.

Lilith manteve os olhos fixos na presa enquanto ela o dirigia para trás, na direção da cabine do meio, que já estava com a porta aberta.

“Então, uh, sua amiga também está interessada?” o mortal perguntou com entusiasmo, seus olhos brilhando na direção de Tanith, que estava atrás de Lilith, bloqueando a saída dele para a porta.

Lilith olhou por sobre o ombro para Tanith e as duas trocaram um sorriso conhecido. “É, ela também quer um pedaço seu.”

Lilith empurrou sua presa gentilmente para dentro da cabine até que a parte de trás das pernas dele fez contato com a porcelana do vaso sanitário. “Na verdade, *todas* nós queremos provar você um pouquinho.”

O homem sorriu enquanto afrouxava a gravata e a sentava no vaso sanitário, encarando Lilith como se tivesse acabado de entrar em uma fantasia sexual quente. Quatro lindas garotas jovens prontas, querendo, e capazes de fazer sexo grupal com ele? Como não gostar?

Essa pergunta foi respondida quando Lilith se lançou para frente, mostrando um par de presas retráteis de 5 centímetros, as quais ela enterrou na jugular exposta dele. O mortal mal teve tempo para um grito de alarme curto e estrangulado antes que as toxinas na saliva dela se espalhassem pelo sistema dele, paralisando-o. Os olhos dele rolaram para dentro das órbitas, mostrando apenas a parte branca..

Apesar de ter consumido sangue humano sua vida toda, Lilith havia tido a experiência da situação real direto da veia duas ou três vezes antes. Enquanto o sangue de sua presa inundava sua boca, ela se maravilhou com o modo como aquilo parecia vivo. Ela sugou o líquido vermelho escuro com egoísmo, tremendo de prazer enquanto a vitalidade de sua presa se espalhava por seu corpo.

“Ei, não o monopolize.” Tanith sorriu ao bater no ombro de Lilith.

“Fique a vontade,” Lilith disse ao se afastar para que a amiga tivesse a vez.

Tanith pegou o braço direito mole do mortal, puxando a manga do terno um pouco enquanto mordida seu pulso exposto. Ele não gemeu e nem mesmo piscou.

Ao desviar o olhar da cena na cabine do banheiro, a atenção de Lilith foi chamada por seu reflexo no espelho sobre as piaas. Ela se aproximou, paralisada pela visão de sua boca vermelho brilhante e molhada, como se estivesse recém-coberta de batom. Atrás dela, ela podia ver Tanith saindo da



cabine, limpando os lábios em um pedaço de papel higiênico, enquanto Carmen se abaixava para compartilhar da diversão da noite.

De repente houve um barulho enquanto Sebastian forçava a entrada no banheiro feminino. Ele estava com um fone sem fio em um dos ouvidos e um olhar preocupado no rosto.

“O que em nome do inferno está acontecendo aqui? Recebi uma reclamação de que alguém estava bloqueando o acesso ao banheiro feminino.”

Lilith se moveu para se colocar entre o promotor do clube e as cabines. “É só coisa de menina, sabe. Não precisa ficar nervoso, Seb.”

“Mas o que é que vocês estão fazendo aqui embaixo de? O banheiro feminino da ala VIP não está funcionando?”

O olhar de Sebastian se dirigiu ao chão enquanto seus olhos se abriam mais. “Espere um minuto – aquilo são sapatos masculinos?”

Desviando de Lilith, ele abriu a porta da cabine com força e ficou encarando o homem amontoado no vaso sanitário como uma boneca de pano gigante. O queixo do mortal descansava no peito e a pele dele estava quase tão branca quanto o azulejo em volta. Sebastian agarrou o homem pelos cabelos e levantou a cabeça dele, depois deixou cair.

“O que vocês *fizeram*?” ele gritou. “Vocês conhecem as regras – nada de pegar ninguém nas nossas instalações! Pelo menos não enquanto o clube estiver aberto!”

“Olhe, Seb – não fique nervoso, ta?” Lilith disse, tentando desarmar o alarme do promotor. “Você pode colocá-lo na adega junto com os outros, certo?”

“Não fique *nervoso*?” Sebastian grunhiu, mostrando suas presas com irritação evidente. “Vocês *sabem* quem ele é?”

Lilith e as outras se entreolharam e sacudiram a cabeça. Durante a emoção da caçada, ninguém se importou em perguntar o nome da presa.

“Este homem é um executivo *muito importante* do ramo da música! Ele não pode simplesmente *desaparecer*! E com certeza ele não pode desaparecer do *meu* clube!” Sebastian levantou o braço direito mole do mortal e sentiu seu pulso. “Ele ainda está vivo. Graças aos Patriarcas.”

“Talvez a gene possa deixá-lo em um hospital ou coisa parecida?” Tanith sugeriu.

“Ele *não* vai para o pronto socorro com todas essas mordidas nele!” Sebastian rosnou, claramente irritado pelo grande inconveniente que aquilo tudo seria. “Ele está com a aparência de quem caiu num covil de serpentes.” Sebastian colocou um dedo em seu bluetooth e gritou com raiva no microfone. “André! Eu quero que o banheiro feminino da capela seja interditado *imediatamente*! Cuide para que ninguém, e eu estou dizendo *ninguém*, entre aqui. Eu sei lá – diga a elas que alguém jogou um absorvente íntimo na privada.”

“E agora, o que fazemos?” Lilith perguntou. Ela nunca tinha visto Sebastian tão bravo antes e isso a deixava desconfortável. Sebastian soltou um suspiro e esfregou sua sobranalha enrugada com as palmas das mãos, fazendo o possível para recolher seu mau humor. “O que está feito está feito. Eu vou cuidar disso. Não há necessidade de se desesperar, está bem? Eu vou cuidar do nosso amigo



— aqui. Vou pedir para os meninos fazerem uma transfusão nele. Ele vai acordar passando muito mal. Conhecendo esse babaca como eu conheço, ele vai simplesmente deduzir que se deu bem. Mas vocês vão ter que ir embora e ficar longe por um tempo.”

“Você quer dizer que estamos *banidas do clube*?” Tanith protestou.

“Ah, vamos lá, Seb – você não está exagerando?” Melinda perguntou.

“*Exagerando?*” Sebastian grunhiu, virando os olhos de nojo. “Não podemos correr o risco de atrair atenção para cá! Polícia já ia ser ruim, mas a última coisa de que Belfry precisa é de Van Helsing!”

“Mas se estamos banidas daqui, onde vai ser a festa esse fim de semana?” Carmen fez biquinho.

“Em qualquer lugar, menos aqui.” rosnou Sebastian. “No que me diz respeito, vocês podem festejar no inferno.”

DOIS





Lilith gemeu em voz alta enquanto se encolhia debaixo de seus lençóis de fio de algodão egípcio. Quem sabe morder a veia desse imbecil não tenha sido uma boa idéia depois de tudo. Ainda que ela fosse praticamente imortal e imune a todas as doenças humanas, beber o sangue de alguém drogado lhe dava ressaca.

Virou-se e piscou olhando o despertador, ao lado de sua cama. Segundo os números eram três da tarde. Ela havia prometido a Tanith levantar-se mais cedo para fazer algumas compras. Embora ela normalmente tivesse aversão a sair antes do sol se por, Lilith estava disposta a fazer este sacrifício se isto significasse entrar em uma Prada ou Tiffany's⁵ enquanto ainda estavam abertas.

Ela esticou seu corpo ágil, flexionou, desfrutando da sensação dos lençóis de mil e duzentos dólares tocando sua pele.

Sentando-se, apertou o botão de chamada do interfone, do lado do despertador.

“Sim, senhora Lilith?”. Respondeu uma voz masculina prontamente.

“Estou acordada, Curtis” disse ela “Faça subir minha criada de quarto”

“Em seguida senhorita Lilith”

Lilith se descobriu e balançou suas pernas na beirada da cama, que havia estado em sua família desde os dias de Luís XV. Havia muito tempo que ela aprendera a se vestir, porem ela continuava precisando de sua ajudante, Esmeralda, para ajudar-lhe com a cabelo, a maquiagem e tudo o que quisesse.

Antes de entrar no banheiro, verificou duas vezes para assegurar-se de que todas as cortinas do dormitório estavam fechadas, afastando-a do sol da tarde. Ainda que ela pudesse andar ao sol durante as horas do dia sem nenhum efeito secundário, não se podiam dizer os mesmo dos mortos que serviam a sua família. A última coisa que ela precisava era que sua criada pegasse fogo justo antes dela ir às compras.

Satisfeita de que o quarto estava suficientemente impermeabilizado de sol, ela se dirigiu ao seu banheiro, que tinha zonas separadas para sua cadeira de tratamento facial e a cama de bronzamento. Enquanto esperava esquentar a água da ducha, Lilith tirou sua camisola de seda e a deixou no canto do banheiro. Desfrutou ao sentir os jorros de água contra sua pele enquanto se ensaboava para ter o perfume particular de sua família.

Houve um movimento de luz na porta quando ela fechou o registro da ducha.

“Está pronta para mim senhorita Lilith?” Perguntou a criada, empurrando a porta do banheiro o suficiente para meter sua cabeça lá dentro.

Esmeralda se via no princípio de seus trinta anos, com a pele cor de oliva, os olhos negros como um corvo e o cabelo preto, comprido e grosso que recolhia em um rabo de cavalo simples atado com pulseiras de ouro. Lilith nunca havia lhe perguntado, porem imaginou que sua ajudante havia sido cigana antes que se convertesse em um dos mortos.

“Entre e se acomode, Ezzie” Respondeu Lilith “Vou me vestir”.

⁵ NT: Prada é uma loja (grife) de sapatos e bolsas extremamente famosa e cara, já Tiffany's é uma joalheria, também famosa e cara.



“Como desejar senhorita Lilith” disse a ajudante, afastando-se para deixar que passasse sua ama, segurando suas coisas de maquiagem, rodando por trás dela como se fosse um animal doméstico.

Lilith cruzou o quarto e abriu seu guarda-roupa, Pegou calcinhas de seda rosa com perolas e um sutiã combinando. Ela olhou com aversão seus uniformes do colégio, que ocupavam sua própria seção no armário, como se de algum modo pudessem contaminar o resto de seus pertences. Depois de quinze minutos, ela finalmente se decidiu por uma blusa de Marc Jacobs Pink⁶ e uma saia de Chloe⁷, com sandálias de salto floridas. Talvez comprasse algo para esta noite.

Ela entrou no banheiro bem quando Esmeralda colocava seu ultimo jogo de pinceis de maquiagem sobre a toalha limpa. A caixa de cosméticos da criada estava aberta, revelando seus incontáveis potes, tubos e estojos necessários para a sua profissão.

Enquanto Lilith se colocava na cadeira de couro, seus olhos foram automaticamente para o local onde seu espelho de vaidade estaria se ela se fosse como qualquer outra garota em seu apartamento.

“Porque não pode ter um só espelho Ezzie?”

“Você sabe que estão proibidos senhorita Lilith” Respondeu Esmeralda fatigada enquanto começava a lhe por a maquiagem no rosto.

“Eu sei, mas não é justo, eu ainda tenho reflexo. Só por que os demais daqui são velhos demais para examinar-se em um espelho, não significa que eu tenho que ser castigada também.

“Certo, ainda tem reflexo.” Disse Esmeralda enquanto ela seguia aplicando os cosméticos. “Porém não por muito tempo mais. Uma vez que esteja totalmente madura e seja convertida em adulta não se refletirá mais. Já sabe que é contra o decreto de Synob ter espelhos.”

Compreendendo que não havia nenhuma maneira de se opor a esse argumento em particular, Lilith resolveu mudar de assunto.

“Viu as revistas que te dei?”

“Sim, as olhei” Respondeu a ajudante com um suspiro.

Em certa época, Esmeralda havia servido como esteticista pessoal da noiva de algum velho rei Frances, e estava ressentida de ter a ultima moda italiana da Vogue⁸ debaixo de seu nariz. Não que Lilith pensasse que Esmeralda fazia mal seu trabalho, ela só queria parecer atraente, só isso. Uma das coisas que lhe haviam ensinado na escola, e que teve de admitir ser útil, era que era importante se manter nas tendências da moda e não adotar um determinado “look” eternamente,. Se não fosse cuidadosa podia acabar como a mãe de Carmem, que ainda se vestia como as estrelas de cinema de 1940.

“Acha que pode me fazer parecer mais com ela?” Perguntou Lilith, mostrando uma imagem de uma encantadora celebridade jovem em um tapete vermelho ou algo assim.

⁶ NT: *Estilista norte-americano famoso por roupas no estilo Grunge

⁷ NT: Marca francesa de moda *Prêt-à-porter*

⁸ NT: A Vogue é considerada a revista de moda mais importante do mundo. Foi publicada originalmente pela editora norte-americana Condé Nast. Atualmente, existem treze diferentes edições no mundo; Alemanha, Austrália, China, Espanha, França, Itália, México, Reino Unido, Taiwan, Brasil, Estados Unidos, Portugal e Índia.



Esmeralda lhe deu uma deliciosa risada malévola. “Feh! Possa fazer que ela se pareça mais com você.”

Lilith quis rir bobamente, mas sabia que tinha que permanecer totalmente imóvel até que Esmeralda terminasse seu trabalho. Depois de tudo, era importante sair ao mundo parecendo mais humana que as outras pessoas.

“Boa tarde, senhorita Todd.” Disse o porteiro enquanto mantinha a porta prateada e de cobre de Balmoral⁹, aberta para Lilith. “Saindo muito cedo hoje, pelo que vejo.”

Lilith balançou a cabeça para registrar ao comentário do escravo humano, porém não deu nenhuma resposta. Ainda que a maior parte dos outros moradores que compartilhavam seu edifício Park Avenue não tivesse nenhuma idéia da natureza dos moradores do terraço todo o pessoal do edifício estava debaixo do controle de seu pai.

O Rolls¹⁰ estava ali como sempre. O motorista do dia estava de terno, esperando para levar Lilith a qualquer parte que ela quisesse ir. Tocou a aba de seu chapéu com respeito enquanto lhe ajudava a entrar na limusine.

Uma vez acomodada, Lilith começou a buscar em sua bolsa seu iPhone. Havia um par de mensagens de texto esperando por ela quando o abriu. A primeira era de Tanith, perguntando se Lilith tinha tanta ressaca quanto ela e a segunda era de Carmem querendo saber se ela ainda iria à Dolce & Gabbana¹¹. Ela rapidamente respondeu “sim” a ambas e apertou a discagem rápida, contando o número de toque do outro lado. Jules atendeu no terceiro.

“Estava me perguntando se iria ligar” disse ele com um riso sonolento.” Já começava a pensar que Van Helsing¹² te raptara no caminho para casa.”

“Não tive tanta sorte!” Lilith riu “Te acordei?”

“Não, imagina.” Respondeu ele reprimindo um bocejo. “É que faz pouco que saí da cama.”

“Sozinho, espero.”

“Quer ir ao Belfry depois?” Sugeriu ele.

Lilith tratou de não notar que Jules não havia lhe retribuído a risada ou feito caso de seu comentário sobre haver alguém mais em sua cama.

Eles haviam falado já mais de uma vez sobre seus argumentos e seu ciúme, da ultima vez que tiveram uma briga, ele disse que se ela o acusasse mais uma vez, ele seguiria adiante e o faria de verdade.

⁹ NT: Balmoral é uma castelo conhecido como Royal Deeside, localiza-se na área de Aberdeenshire, na Escócia. A propriedade, uma grande residência rural, foi adquirida pelo Príncipe Alberto, marido da Rainha Victoria. Suas portas como diz o texto são prata e cobre

¹⁰ NT: Rolls Royce, carro.

¹¹ NT: Dolce & Gabbana é uma internacionalmente famosa maison de alta costura criada pelo estilista siciliano Domenico Dolce e pelo vêneto Stefano Gabbana.

¹² NT: Abraham Van Helsing é um personagem do romance Drácula de Bram Stoker. O célebre professor de antropologia e filosofia consegue usar símbolos religiosos para derrotar seus inimigos (inclusive vampiros)



5

Em troca ela respondeu. “É uma longa historia, mas fomos temporariamente banidos do clube.”

“Que?!” de repente Jules deixou de parecer sonolento. “Lilith” Ele estava aborrecido. “Fez algo ruim?”

“Não é nada, na verdade, Seb se aborreceu por uma besteira. Já sabe como ele é, em alguns dias nos perdoará.”

“Porque não vamos ao Slumming na cidade?”

“Hey, chegamos! Tenho que ir! Te vejo logo?”

“Logo”

Lilith desligou seu telefone enquanto o Rolls fazia uma parada em frente a loja D&G na sessenta e nove com a Madison, colocou seus óculos de sol enormes Fendi¹³ antes de sair da limusine. Ainda que ela pudesse ir ao sol durante o dia sem medo de se converter em um pedaço de vitelo, a luz direta era dolorosa para seus olhos.

“Chamarei quando estiver pronta para ir,” ela disse ao motorista do dia

Lilith amava ir à Dolce & Gabana. Tudo no lugar a maçaneta da porta de cristal, o teto, as almofadas que adornavam os canapés dos aposentos, eram extravagantes. Além disso o que havia ali era muito necessário para romper com os uniformes que se forçavam a usar no colégio.

Enquanto Lilith entrava na pequena loja de moda, alguns consumidores começaram a olhá-la fixamente, e logo, com excitação começaram a murmurar por trás das mãos. Pelas suas caras Lilith compreendeu que dera a eles a idéia errada de que era uma das divas que tinham os estilistas. Enquanto sentia uma fragrância Lilith notou um homem barbudo em seus trinta anos, que se mantinha a distancia, olhando-a abertamente. Ainda que ela estivesse acostumada a ser devorada com os olhos por muitos homens velhos, havia algo diferente no modo que ele a olhava fixamente. Lilith se virou para encontrar o olhar do estranho.

“Porque não tira uma foto?” caçoou ela. “Vai durar mais tempo.”

Diferente da maior parte dos indecentes anciões que ela encontrava, ele não saiu com toda pressa, em vez disso sorriu “Quem sabe eu o faça algum dia,” disse ele, colocando um cartão de visitas virado para baixo sobre o vidro, quando saia da loja disse. “Aproveite suas compras querida!”

Lilith pegou o cartão e o virou. Impresso do outro lado estava escrito Kristof: fotografo, com um número de telefone. Com um flash de entusiasmo, ela o deslizou para sua carteira.

“Lili!”

Lilith ergueu os olhos e viu Tanith andar até ela através do mosaico extremamente polido do chão da loja. Sua amiga usava um vestido vermelho cereja da Gucci¹⁴, Saltos prateados e um par de óculos de sol da Prada.

¹³ NT: Fendi é uma casa de moda italiana fundada em 1925 por Edoardo e Adele Fendi, artesãos de Roma.

¹⁴ NT: Gucci ou Casa Gucci é uma grife de origem italiana, fundada por Guccio Gucci (1881-1953) em Florença em 1921. A Gucci é recordista mundial de vendas italianas. Gucci opera cerca de 425 lojas em todo o mundo e também vende seus produtos através de franqueados e de lojas de luxo. Hoje a marca Gucci, além de aclamada por muitos, participa dos principais eventos de moda do mundo.



“Já começava a me perguntar se você havia me esquecido!” disse Tanith enquanto juntavam as mãos e jogaram dois beijos ao ar.

“Como se isso pudesse acontecer algum dia!” Lilith riu em silêncio enquanto dava o braço a sua amiga. “Então já teve a oportunidade de escolher algo?”.

“Tenho um vestido lavanda separado, mas quero que você esteja aqui para eu provar. Ah e eu vi um vestido de coquetel azul pavão real perfeito para você! É super curto”

“O que eu faria sem você cuidando de mim?” suspirou Lilith.

“Hey, é o que fazem as amigas, não?” Tanith respondeu.

“Parece estranho que daqui a alguns anos não possamos voltar a fazer isso.” Disse Lilith melancolicamente.

“O que? Ir às compras juntas?” Tanith franziu o cenho.

“Não,” respondeu Lilith “ Quero dizer, isso”.

Ela tocou o espelho do provador, procurando não estragar sua superfície por acidente. Como todos os vampiros, as unhas bem pintadas de Lilith eram como garras. “No momento em que tivermos vinte e cinco, não seremos capazes de ver nossos reflexos. E nada será como antes! Isto quer dizer nunca mais comprar em lugares como este, já sabe.”

“Sim é uma decepção,” admitiu Tanith. “Mas tento não pensar nisso. Não há razões para falar de coisas que você não pode mudar, raras vezes olho em espelhos se pode ser. Além disso sempre existem lojas como Sister Minight’s. De todo modo já sabe o que dizem - use enquanto pode ”

“Sim, acho que tem razão” Lilith sorriu vagamente.

Tanith deu uma olhada curiosa para sua amiga. “Parece um pouco deprê Lili. Está tudo OK entre você e Jules?”

“Tudo bem,” respondeu com um gesto com sua mão. “Ainda sinto os efeitos da noite passada, eu acho”.

“Eu sei, que tipo!” Tanith sacudiu a cabeça.

“De qualquer forma, você e Sergei parecem estar indo bem!”

“Ele é divertido, mas só nos distraímos. Ele está prometido a uma garota em seu antigo país que ele nunca conheceu, ainda que ele seja muito sexy!” Tanith balançou o vestido de coquetel lavanda de seda. “Como estou?”

“Esta cor realmente combina com você,” disse Lilith adiantando-se para sua roupa e deslizando para dentro do vestido azul.

“Eu não sabia que Sergei já estava prometido, que chato. Vocês formam um belo casal.” Ela passou a mão pela barriga firme e sobre seus quadris, virava-se para um lado e para o outro olhando o decote apertado. “Tem razão: realmente fico perfeita nesse vestido.”



“Tudo o que você precisa é de um par de sapatos atraentes e estará pronta.” Tanith disse. “Já sabe, Lili, você tem muita sorte - você e Jules na verdade tem a oportunidade de se conhecerem um ao outro antes de se atarem. Já que tudo que Sergei sabe, é que a garota, que lhe prometeram, poderia ser um Orlock”

Lilith começou a rir, e rapidamente pôs a mão sobre a boca. “Não deve dizer coisas assim Tanith.” Disse com reprovação fingida. “Sabe que Exo é primo de Jules.”

Xander Orlock, conhecido como Exo ente seus amigos e familiares, era primo-irmão de Jules. A mãe de Exo era a irmã menos bonita do pai de Jules, Juliana, que era a segunda esposa do conde Boris Orlock, patriarca de uma das famílias mais velhas e mais poderosas do mundo. Os Orlocks eram infames por incestos e um dos treze patriarcas não desaparecidos. Juliana havia se casado com um Orlock.

Tendo Juliana se casado com um Orlock levou realza aos Laval, mas em igual parte o sangue incestuoso, e teve como resultado um filho singularmente feio.

“Exo não é tão ruim de olhar como parece, acho.” disse Tanith, encolhendo os ombros. “Eu estava pensando em seu pai ou um de seus irmãos mais velhos”.

“Brrr!” Lilith fingiu estremecer. “Não diga, só de pensar em Klaus já sinto um arrepio. Fico feliz que os Orlocks só vão estar ligados a mim pelo matrimônio, e não por sangue.”

Quando voltavam, para olhar as estantes da boutique para ver mais roupas, Lilith viu Melinda vinda na direção delas com Carmem do lado.

“Vamos comprar!”

Meia hora depois da hora da loja fechar terminaram de escolher e seus cartões platina garantiram ao gerente da loja sua boa vontade em fechar mais tarde. O sol brilhava em suas bolsas douradas quando se juntaram na calçada diante da pequena loja de moda

“E agora o que?” Melinda perguntou.

“Poderíamos voltar à minha casa e tomar algo,” Sugeriu Tanith. “Meus pais estão no Brasil esta noite”

“É uma idéia genial,” sorriu Lilith maliciosamente.

Melinda disse “Por que não andamos?”.

“Parece bom,” concordou Lilith. “Mandarei meu motorista para casa e chamarei Jules, então ele e os garotos virão à casa de Tanith. Podemos nos reunir e teremos alguns carros para ir até o Village, Vai ser divertido!”



As garotas conversavam enquanto davam um passeio no crepúsculo crescente. Enquanto o quarteto passava ao longo da Avenida Madison, todas as cabeças viravam para vê-las. Lilith e suas amigas fingiam não notar. As pessoas as olhavam, não só porque eram lindas, mas porque quando passavam quatro jovens vestidas bem e de roupas caras, só podiam ser atrizes de Hollywood ou modelos. Outros olhavam com luxúria. Porém alguns olharam fixamente, porque sentiam a verdade atrás da máscara e eram incapazes de desviar o olhar, como pássaros hipnotizados com os movimentos de uma cobra dançando.

Quando Tanith era criança dizia às pessoas que morava na rua da estátua de Alice no país das maravilhas no Central Park. Agora preferia dar Jimmy Choo¹⁵ como ponto de referencia. Apenas dando uma olhada nos fabulosos sapatos da vitrine, as amigas viraram para a sessenta e três com a quinta avenida.

Três criados mortos estavam de pé no vestíbulo, carregando bolsas, quando o elevador se abriu no andar de Tanith. Enquanto as garotas começavam a entrar, os criados entraram no elevador sem dizer uma palavra

“Maldito seja!” gemeu Tanith. “Eles ainda estão aqui”

“Não por muito tempo” disse seu pai secamente quando saiu do apartamento. Com seu cabelo preto ondulado, Dorian Graves parecia como se tivesse acabado de sair das páginas de uma novela gótica romântica. Deu um beijo na bochecha de Tanith. “Seja uma boa menina e me prometa não queimar a casa enquanto não estamos Certo?”

“Só se você me prometer trazer algo bonito”

“Não trago sempre?” Ele riu em silêncio. “Bem, melhor eu ir, sua mãe está me esperando lá embaixo,” disse ele, saudando as amigas de sua filha com um gentil aceno de cabeça quando entrou no elevador.

“Bem, pronto isso está terminado!” disse Tanith com um suspiro de alívio, quando as portas do elevador se fecharam com seu pai atrás. “Fiquem à vontade.”

“Não se importe se eu o fizer!” Lilith sorriu deixando suas sacolas de compra no chão, tirando os sapatos e movendo os dedos com pedicure perfeita em cima do tapete.

Tanith foi até o bar no canto da sala, onde seu pai guardava o bom material. Ela abriu o congelador e tirou uma bolsa de gelo com Brandy Napoleon¹⁶ enquanto Carmem e Melly se sentavam no sofá de couro. Tanith verteu o sangue em quatro copos e o repartiu para suas amigas.

“A nós”, disse Lilith, levanta seu copo alegremente no alto.

“A nós,” Tanith, Carmem e Mellinda ressoaram, levantando seus copos também.

“Pelas princesas da cidade de Nova York que reinemos por muito tempo!”

¹⁵ NT Jimmy choo é um estilista de sapatos da Malásia, muito chique, dono de uma grife A Jimmy Choo Ltd. A referencia de Tanith então é um loja de Sapatos.

¹⁶ NT: Brandy Napoleon é um conhaque, muito famoso entre apreciadores de destilados, acho que é meio uma forma de falar que é um sangue de qualidade.



TRES



“Então.... que bairro visitamos esta noite?” Perguntou Melinda ,enquanto colocava sobre a mesa seu copo de suco dietético.

“Vamos à praça do Parque Washington.” Explicou Jules, jogando com uma moeda entre suas mãos e soltando-a dentro do copo vazio.



“Está bem.” Fez uma careta, estudando a seus companheiros um momento, como se fosse caso de vida ou morte, antes de fazer sinal para Lilith. “Lili tem que beber um gole.”

“Como se tivesse que dar o braço a torcer por isso,” Lilith riu e agarrou um copo de tequila. “Isto é como sangue em meus olhos.” Disse ela, tomando a tequila e sacudindo a cabeça.

“OK, porque temos que esperar um tempo, eu vou iniciar a última rodada, a de despedida.” Disse Jules, colhendo a moeda do fundo do copo.

“Quanto temos que esperar para poder ir?” Perguntou Lilith. “Estou começando a me aborrecer.” Depois de ontem à noite estava impaciente por sair à caça. Jules se deteve brevemente para dar uma olhada em seu relógio.

“Acredito que já esta tarde o bastante. Poderíamos ir agora, já que demoraremos um tempo em chegar lá. Conheço um novo clube pelo qual poderíamos passar mais tarde.”

“Estupendo. Vou chamar à Tanith.” Lilith deu um passo em direção a Tanith e Sergei, que estavam abraçados sobre o tapete, deu a Tanith um chute brincalhão no pé. “Vamos, deixem isso para depois, é hora de continuar a festa na rua!”

Tanith se estirou lentamente longe de Sergei e sorriu para Lilith com olhos nebulosos. “Logo agora que consegui me esquentar!”

“Você achaê que nós estaremos seguros?” Perguntou Sergei.

“Ainda obcecado com Van Helsing?” Disse Lilith rindo entre os dentes. “É só uma história de fantasmas que os adultos utilizam para nos assustar e não nos divertir.”

“Eu não estou tão seguro disso... meu avô foi assassinado por Van Helsing.” Disse Sergei.

“O que foi, Sergei?” Ronronou Tanith. “Com medo de que o grande caçador de vampiros maus venha te agarrar também? Vamos! Isso aconteceu faz quanto? 5 ou 7 milhões de anos?”

“120 anos.” Admitiu ele.

“Vê? É só uma velha história.” Insistiu Lilith. “Quando foi a última vez que *alguém* ouviu falar de que Van Helsing atacava a *qualquer* um nas ruas de Nova Iorque? Eu não quero dizer um dos não-mortos, quero dizer um de *nós*.”

“Lilith tem razão.” Disse Tanith com um sorriso. “Não há necessidade de se preocupar. O pior que pode acontecer é que entremos em terreno aberto e nos encontremos com os New Blood.”

Todos ficaram em silêncio trocando olhares tentando espionar a preocupação do resto com os New Blood – não que qualquer um deles fosse admitir. Não queriam ser leões que eram intimidados por hienas.

O clã de famílias de Old Bloods ansiava o controle absoluto das legiões dos não-mortos, que trazem grande abundância e poder. O sangue verdadeiro dos New Blood raramente está na família por mais de três ou quatro gerações, os fazendo cada vez menos poderosos e socialmente inferiores. A razão pela qual existe sua rivalidade é simples: a avareza.



21

Tudo remete ao início, quando centenas de irmãos foram convocados do inferno para seu nascimento. Irmãos matando irmãos cada um para impor a regra suprema do mundo humano. Não pararam por nada, inclusive beberam o sangue dos parentes cansados aumentando seus próprios poderes.

Não deixaram de se matar uns aos outros até que só ficaram treze. Ao se dar conta de que estavam à beira da extinção, os irmãos restantes, os patriarcas, concordaram em dividir o mundo entre eles mesmos, dispersando a raça de vampiros a cada esquina do mundo.

Com o passar do tempo, o número foi aumentando, novamente o irmão começou a invejar irmão, levando às rivalidades e às vinganças. Sempre que um patriarca era morto por um rival, aos sobreviventes se dava a oportunidade de se converter em escravo (vassalo) dos que tinham matado a seu parente e usurpar o sangue verdadeiro da família, ou tentar de reconstruir sua herança como New Blood.

A maioria negociava sua liberdade por proteção. Os que escolhiam começar como New Blood eram os mais vulneráveis. Porque estes New Blood seguiam sendo fracos e verdadeiramente sem nenhuma importância para os de milhares de anos.

Então, há seiscentos anos, Danton Gris obrigou um número de famílias de New Bloods a formar uma aliança. Concordaram em parar de caçar uns aos outros e pedir ajuda um do outro quando fossem atacados pelos inimigos Old Bloods. Não tinha passado muito tempo desde que os vassalos tinham abandonado em manada aos senhores, animando um século de larga guerra que foi terminado pela assinatura de um Tratado de sangue-frio. Então os New Bloods e Old Bloods tinham que, a contra gosto, conviver.

“O que vamos fazer se nos encontrarmos com New Bloods?” Perguntou Oliver quebrando o tenso silêncio. “Escutei que jogam sujo nas brigas.”

“Queria ver alguém tentar começar qualquer merda comigo.” Disse Lilith com uma sacudida arrogante de sua cabeça.

“Você alguma vez se meteu com um New Blod, Lilith?” Perguntou Oliver.

“Não.” Respondeu ela. “A menos que as gêmeas Maleditto contem.”

“Isso não é justo.” Disse Melinda. “O pai de Bela e Bette pode ser um New Blood, mas o sangue de sua mãe remonta ao início, ao Aeneas.”

“Sim, mas somente uma delas vai herdá-lo.” Respondeu Carmen.

“Hey, podemos tomar isto como início.” Disse Jules.

Lilith captou seu sinal. “Estou pronta para golpear alguns “sangues frescos”. Quem está comigo nisso?” Ela fez caretas a seus amigos quando se levantaram com vozes roucas de júbilo.

“Isso é o que pensei.”



22

Cada vampiro aprende desde sua infância que as presas mais fáceis são as prostitutas e os traficantes de drogas. Alguns seres humanos são dados a se aproximar de estranhos. Estão dispostos a ir às áreas isoladas com pouca persuasão. E quando um deles desaparece ninguém se importa. A verdade é que, os indivíduos com habilidades especiais são às vezes necessários, mas a grande maioria dos não-mortos que servem aos autênticos nascidos foram uma vez nada mais que criminosos, prostitutas, viciados, e ladrões.

Por isso, com toda Manhattan para escolher, Lilith e seus amigos pegaram o Mercedes de Jules e o Bentley de Tanith para ir a Praça do Parque de Washington atrás de algo.

“Meu pai cuspiria sangue se soubesse que estou aqui fora visitando os bairros baixos.” Riu Lilith. “Sou uma menina tão travessa.”

“Travessa, sim - mas também adorável.” Jules riu entre dentes enquanto deslizava uma mão por sua saia, acariciando a parte superior de sua coxa.

“Adoro os Bairros baixos vocês não?” Ronronou Lilith quando inclinava sua cabeça contra o ombro do Jules, trocando de posição para dar a sua mão um acesso mais fácil. “É tão emocionante. A verdade é que atrair às nossas vitima me deixa excitada.”

“A mim também.” Jules esteve de acordo, enquanto que colocava os dedos pelo elástico de seu Agent Provocateur¹⁷.

“Agora não, Jules.” Disse Lilith se separando de seu abraço. “Logo, depois da caça.”

Os olhos do Jules fecharam ao manter em sua mente às futuras imagens deles, sorriu e retirou a mão de entre as pernas dela. “Como você quiser baby.”

Lilith olhava para fora das janelas e viu que o Mercedes tinha se detido a algumas ruas de seu destino. “Estamos aqui!” Disse ela com um grito triunfal, abrindo a porta antes que o condutor pudesse fazê-lo para ela. Olhou sobre seu ombro e viu os outros saírem do Bentley de Tanith.

“Peguem-me se puderem!” Disse Lilith, rindo quando seus amigos a seguiram, com seus gritos e suas risadas repetindo através das estreitas e angulosas ruas de Greenwech Village.

Embora fossem já mais das duas da manhã, as ruas estavam longe de estar abandonadas. Ainda havia um monte de gente jovem, indo e vindo dos diferentes clubes que havia, comendo, rindo e brincando. Um observador ocasional podia dizer, que Lilith e seus amigos eram outro grupo barulhento de universitários brincando a sua maneira enquanto voltavam aos dormitórios da NYU¹⁸ depois de uma noite de festa.

Ainda rindo entre eles, o grupo se dirigia para o arco do triunfo ao pé da Quinta Avenida e ao norte da praça do Parque de Washington. Iluminado dramaticamente por estratégicos holofotes colocados, o monumento de mármore branco parecia uma lápide mortuária gigante.

Embora as luzes estivessem alinhadas aos caminhos, o parque em si estava bem mais escuro que o resto da vizinhança. Os vampiros olharam para o arco cavado com a grande fonte no centro, podiam

¹⁷ NT Agent provocateur é uma marca de lingerie famosa por fazer lingerie que chocam, seduzem e satisfazem.

¹⁸ NT: Universidade de New York



ver ao menos seis homens que rondavam perto do banco de metal ao redor da fonte. Essas indistintas figuras com calças folgadas, sapatos, correntes, camisetas e encapuzados eram os verdadeiros senhores da praça do Parque de Washington.

Sem dúvida nenhuma eram os traficantes. Lilith e seus amigos eram apenas outro grupo de bêbados em busca de drogas. Lilith sorriu antecipando ao olhar de surpresa na cara da presa quando finalmente descobrisse a verdade.

Jules fez um gesto para que se colocassem mais perto, tomando a cobertura detrás de um pequeno conjunto de árvores e de uma placa baixa com um letreiro em que se lia “Não pise na grama”. Como de costume, ele teve que desempenhar o papel de senhor do jogo, e estabeleceu as regras aos outros.

“Um de nós vai e enrola a presa para que ela lhe siga então todos nos movemos de onde estamos. Como pontos extras para o troféu – algo pessoal – da presa. As drogas não contam. Agora que temos as regras definidas, quem quer ser a isca?”

“Ooh! Ooh! Eu!” Disse Lilith, agitando seu braço como se pedisse permissão ao professor para falar em classe.

“Muito bem, será Lilith.” Disse ele com um sorriso.

Ela se virou olhou fixamente fora do esconderijo para onde estavam os homens no lado oeste da fonte central. Ela viu um indivíduo gordo afro americano com uma barba cinza que se sentava em um banco com bolsas de compras EU ♥ NY completamente cheias do que parecia bolas ou Pelotas de jornal e de embalagens descartáveis de Fast food.

Ewww. Ela não ficaria em cima de um indivíduo velho grosso e de massa gelatinosa. Quem quer que ela escolhesse tinha que ser pelo menos jovem e em boa forma.

Fixou seu olhar para um traficante alto, desajeitado que se inclinava contra uma das largas e esculpidas pilastras de granito que se fixavam à parede da fonte. Sua expressão mudou ao olhá-la e suas mãos se ocultaram nos bolsos de sua jaqueta encapuzada de cor azul marinho de guerra.

A cabeça do traficante girou para ambos os lados como se fosse um radar quando ela se aproximava, dando um grito forte:

“Tem fogo?” Lilith parou e se virou para encará-lo, mas não falou. Lendo isto com interesse como se fosse um cliente potencial, o traficante indicou a ela que chegasse , mais perto.

“Claro”

Lilith não caminhou para mais perto, mas pelo contrário lhe deu de presente um meio sorriso. Ela viu a mudança em seu olhar de de puro negócio a uma de esperança, de prazer.

“Está procurando algo mais, carinho? Porque se for assim, eu lhe dou isso.” Gabou-se.

Lilith queria lhe dizer algo malicioso, mas não o fez já que lhe dava medo falar e romper sua concentração. A maneira mais fácil de controlar uma mente era ter a presa dirigindo seu foco a você e olhando-a diretamente nos olhos, ser fisicamente atraente era uma grande vantagem.



24

O traficante olhava fixamente a garota jovem e bonita que estava ante ele, deu-se conta repentinamente que ele não poderia tirar os olhos de cima dela. Era como se o mundo inteiro tivesse concentrado em seu perfeito rosto oval e seus olhos, que pareciam brilhar intensamente na semi-escuridão como os de um gato.

Lilith começou a pensar, *Vem Comigo*, tão forte quanto podia.

Tanto seus braços como suas pernas estavam intumescidas, como se alguém lhes tivesse enchido de novocaina, apoderou-se do traficante um desejo de caminhar com este anjo estranho, até qualquer lugar que ela queria lhe levar.

Lilith riu quando ele começou a se mover para onde ela estava. Entretanto, antes que sua presa voltasse a se mover novamente, sua cabeça chicoteou repentinamente para um lado, como se ele tivesse ouvido alguém que gritava seu nome e ele começou a voltar

Que diabos está acontecendo?

A mente do traficante tinha escapado de algum jeito de seu controle. Isto definitivamente *não* deveria ter acontecido, pelo menos não com *ela*. Lilith enrugou sua testa, redobrando sua concentração.

Olhe pra mim.

O traficante voltou lentamente sua cabeça para ela, Lilith podia ver que seus olhos não estavam focados e tinha a mandíbula aberta: obviamente sinais de que estava em transe.

Vem comigo.

O traficante caminhou outra vez, mas repentinamente parou e balançou levemente um pé, como quando um menino brinca de estátua.

O rosto de Lilith começou a esquentar pela frustração. Ela não tinha nenhuma dúvida de que os outros estavam rindo enquanto a olhavam de seu lugar oculto nas sombras.

AGORA!

Ela repetiu a ordem na cabeça do traficante como se fosse uma onda de uma guitarra elétrica, fazendo-o dar uma sacudida como se alguém o tivesse cravado com um forcado¹⁹. Entretanto, uma fração de segundo depois saltou para trás, se chocando contra a pilastra de granito, parecia como se violentamente uma mão fantasma o tivesse empurrado.

Lilith franziu o cenho tratando de entender o que acontecia. Sua presa se movia mais como uma marionete sob uma corda que como um animal que trata de evitar uma armadilha. Mas o que poderia causar aquele tipo de interferência?

Bem no momento em que ocorreu a Lilith, que ela poderia não ser a única no interior da cabeça do distribuidor, uma garota que ela nunca antes tinha visto saiu detrás de outro arbusto. A estranha estava vestida com um jeans skinny²⁰ cinza claro, botas púrpuras de tweed, uma camisa larga preta, e uma bomber jacket preta de couro curta e desbotada²¹. Seu cabelo escuro irregular, junto com a

¹⁹ NT Forcados são aqueles garfos de lavoura, tipo um tridente, que também é usado como arma.

²⁰ NT: Calças Skinny Aquelas calças justas até os tornozelos.

²¹ NT Bomber Jacket são jaquetas que imitam jaquetas usadas por pilotos, normalmente acolchoadas.



25

totalidade de seus lábios e maçãs do rosto altas, a fez parecer como uma Pixie²² Selvagem. Desde o começo Lilith compreendeu que estava em frente a um New Blood.

“Ele é meu!” A New Blood falou, lançando o traficante como uma mariposa contra o arbusto, com a baba gotejando de sua boca.

“Suma daqui, puta.” Assobiou Lilith, mostrando suas presas no ritual de desafio. “Ele me pertence!”

“Suma você, cadela!” Grunhiu a New Blood em resposta, seus olhos estavam brilhantes. “Eu estava aqui *primeiro*!”

Lilith deu um passo adiante, apertando suas mãos em punhos. “Como se *atreve* a falar assim *comigo*! Não *sabe* quem *sou*?”

“Sim,” a New Blood zombou. “Você é a cadela da parte rica da cidade cujo traseiro eu vou *chutar*!”

As duas se olharam com ira enquanto dava voltas como boxeadores que se preparam para a luta, Lilith golpeou sua rival, impaciente para cortar a roupa da New Blood e sua carne em tiras com suas garras agudas como navalha de barbear. Entretanto, a New Blood se mostrou inesperadamente ágil, esquivando seu ataque com a graça de um matador. Lilith deu voltas ao redor, surpresa pela velocidade da outra garota

A New Blood riu ao ver a cara assustada do Lilith. “Vocês antigos falam muito, mas quando chegam à luta, não são mais que covardes!” A risada da New Blood foi bruscamente substituída por um chiado de dor quando Lilith cravou suas unhas no lado direito de sua oponente.

“O melhor sangue é o meu!” Lilith riu enquanto lhe deu um puxão com sua mão livre. “Então quem é a covarde agora, novata?”

A New Blood cambaleou, sua mão direita passou pelo braço, sangue de cor vermelho brilhante escorria por seus dedos. Embora seu corpo se curasse rapidamente, seria vulnerável para atacar no minuto seguinte, tempo suficiente para que Lilith desse o golpe de honra. Os olhos da New Blood rodaram para trás até que só o branco era visível.

“O que foi novata?” Lilith zombou. “Não vai desmaiar em cima de mim não é?”

Se a New Blood teve uma resposta aos insultos do Lilith, foram perdidos no vento uivante que de repente fez que cada resto na praça se elevasse em um redemoinho de areia e lixo, perseguindo a maior parte dos traficantes restantes do parque.

Lilith levantou seus braços para proteger seu rosto da chicotada do redemoinho, viu Tanith e Jules correrem para ela de seu esconderijo. Com os olhos ainda em branco, a New Blood levantou uma mão, como alcançando uma corda invisível, e logo o fechou-a em punho. Havia um som como se alguém atravessasse correndo folhas secas de outono, e uma auréola de fogo de cor azul clara piscaram ao redor de seu punho fechado.

“*Lilith!*” Gritou Tanith sobre o rugido do vento. “*Se afaste dela! Ela é uma coletora de tormentas!*”

Lilith girou olhando a sua adversária, que agora sustentava uma bola de relâmpagos branca azulada na palma da mão. Seu alarde anterior rapidamente foi substituído pelo medo. Embora os vampiros

²² NT Pixie raça de gato que acreditasse ser um híbrido entre gatos domésticos e lince-pardos.



29

possam ser resistentes a cada enfermidade humana e ter os poderes regeneradores que fazem cada ferida exceto a decapitação ou uma estaca pelo coração, regenere com rapidez, a eletricidade de um raio pode matá-los.

Quando se separou da New Blood, Lilith viu que Jules corria para ela. *“Jules! Me ajude!”* Gritou ela.

O grito de Lilith rompeu a concentração da New Blood, fazendo que seus olhos girassem como uma máquina caça níqueis, embora os ventos desvanecessem imediatamente, ela ainda sustentava o relâmpago em seu punho.

Liberado de seu transe, o traficante bruscamente despertou e escapou na escuridão além dos anéis de luzes que rodiam a praça. Nesse momento o barbudo que estava no banco se levantou e tirou uma **balestra**²³ armada de sua sacola de compras.

“Van Helsing!” Gritou Jules em advertência.

“Lilith! Cuidado!” Chiou Tanith.

Enquanto Lilith corria para seus amigos, olhou sobre seu ombro bem a tempo para ver o caçador levantar sua arma. Instintivamente se lançou para o lado no último segundo, a flecha roçou sua costela. Tanith não foi tão afortunada, caiu golpeando o chão como uma boneca inerte, O ferrolho da flecha sobressaía em seu peito.

Lilith se ajoelhou ao lado de sua amiga. *“Se levante Tanith! Tem que se levantar!”*

Enquanto o caçador de vampiros levantou sua arma para um segundo tiro, a New Blood estalou seu pulso, sacudindo a bola de relâmpago nele, em seguida se virou e escapou, desaparecendo nas sombras sem olhar para trás.

Havia um grito horroroso, seguido do aroma de carne queimado e cabelo, enquanto um punhado de relâmpago golpeou ao caçador de vampiros no peito. Ele deixou cair sua balestra e se deixou cair no chão como um monte retorcido.

Jules esteve de pé sobre Lilith enquanto ela estava ajoelhada ao lado do corpo do Tanith, ele explorava desesperadamente a área em busca de sinais de mais Van Helsing. Embora nunca tivesse enfrentado a eles antes, sabia que os caçadores de vampiro não viajavam sozinhos. É obvio, viu três mais, vestidos como os traficantes de drogas, correndo para eles do outro lado do parque, cada um deles armado com uma balestra.

“É uma emboscada!” Gritava Jules enquanto tentava arrastar Lilith. *“Esqueça a Tanith! Está morta! Temos que ir!”* Antes que ele pudesse finalizar sua frase, o Van Helsing mais próximo disparou contra ele. O vampiro jovem rugiu de dor e saltou para seu atacante, presas e garras expostas. O Van Helsing retrocedeu instintivamente, gritando enquanto um monstro com as asas de morcego e o rosto de um homem se adiantava para ele, com uma flecha na coxa.

Jules agarrou a balestra do caçador de vampiro com seus pés parecidos com garras, dando um puxão levanto o caçador pelo ar.

“Atirem!” O grito do Van Helsing enquanto lutava para se liberar do Jules. *“Não se preocupem comigo atirem! Somente disparem!”*

²³ NT Balestra: Arma de disparo que pode ser usada com flechas.



Jules batia as asas bruscamente e deixou a seu passageiro tonto, jogou o Van Helsing em um banco do parque. Enquanto os caçadores de vampiros se apressavam em ajudar seu companheiro, deixando para traz Lilith e indo para tão longe como pudesse.

“Maldita a coletora de tormentas!” Grunhiu Drummer enquanto ficava de pé.

“Está bem?”

“Viverei.” Seu braço direito parecia deslocado, e ele estava bastante seguro que tinha ao menos uma costela quebrada, mas considerando tudo isto, tinha saído bem. Ele tinha outras coisas com que se preocupar agora. “Não se preocupe comigo – eu irei ver o Grande Ike.”

Rémy, o mais velho dos dois, estava em cima do corpo do grande homem e checava seu pulso. “Ele foi fortemente queimado – mas ele ainda vai sobreviver. Sorte dele estar vestindo sapatos com sola de borracha.”

“Vamos removê-lo,” Drummer resmungou. “Diga que temos um homem ferido.”

“E o que acontece com ela?” Kevin apontou o corpo da vampira inerte no pavimento.

“Já sabe como funciona,” Respondeu Drummer. “Estes imbecis gostam de se fazer de mortos. Temos que nos assegurar de que está morta.”

“Entendido.” Respondeu Kevin enquanto tiro sua faca Ghurka²⁴ de sua capa e cautelosamente deu um toque no corpo com sua bota. “Sabe? Nunca antes vi a um desses reunir um tornado, ou se converter em um morcego, independentemente do que era essa coisa.”

“É porque até agora, você só eliminou não-mortos.” Explicou Drummer. “Um não-morto não pode trocar de forma ou controlar o tempo. O que aconteceu esta noite é que eram verdadeiros nascidos. Mais provavelmente Old Bloods.” Ele franziu o cenho enquanto olhava à moça morta. A vampira, parecia esquisita ao jovem, não aparentava mais de dezesseis ou dezessete anos. Ele coçou a cabeça com confusão. “Isto é estranho; eu poderia ter jurado que a loira vestia azul...”

“Que quer dizer?” Perguntou Rémy, sustentando os restos despedaçados de um vestido azul de pavão de seda.

“Onde encontrou isto?” Perguntou Drummer com desconfiança.

“Isto estava aí, ao lado da fonte.” Antes de que Rémy pudesse indicar o lugar que tinha encontrado a roupa, ouviu um profundo e gutural grunhido que o deixou gelado. De repente um enorme lobo com de olhos azuis e sem cauda saltou à fonte em uma explosão de água fria, empurrando Rémy contra o chão.

“Atire nela!” Gritou Drumer, Mirando sua balestra na criatura que escapava. “Ela está fugindo!” Sua flecha não a alcançou, saltando inofensiva contra o pavimento enquanto o lobo monstruoso desapareceu nas ruas.

²⁴ NT Ghurka são facas usadas por soldados que provem do Nepal.



“Maldita seja!” Disse Drumer lançando balestra ao chão a pesar da dor insuportável em seu ombro. “O chefe vai se chatear quando souber disso.”

QUATRO



Cally Monture sacudiu a cabeça indignada quando se apressou em descer as escadas do metro. Em que estava pensando? Devia ter deixado que aquela tonta do vestido azul horrível tomasse a presa. Mas não, ela havia deixado que seu orgulho atrapalhasse, e agora se encontrava correndo por sua vida. A avó havia advertido que deixasse seu caráter tomar a melhor, em limitadas ocasiões, e, como sempre, tinha razão. Cally se sentiu aliviada de que a anciã já não estivesse por aqui para ver ela a haveria desapontado - mas só um pouco, pois sentia muitas saudades de sua avó.



Ainda que estivesse espreitando no parque de vez em quando durante vários meses, era a primeira vez que havia topado com verdadeiros problemas. Provavelmente teria reconsiderado seus planos para a noite se soubesse que tropeçaria não só em Old Bloods, mas também com Van Helsings.

Considerando a reputação dos Van Helsings pelo fanatismo e a tendência dos Old Blood para o rancor, ambos eram inimigos sumariamente perigosos. Cally se alegrou que sua avó finalmente houvesse cedido e ensinado feitiços antes de morrer. Pelo menos assim ela podia se defender, até certo ponto. De todo modo, havia tido muita sorte, porque os Old Bloods eram novatos como ela. Se fossem adultos, provavelmente estaria morta, foi uma mistura perigosa.

Quando se dirigiu às escadas que conduziam à plataforma, olhou ao redor procurando por sinais de perseguição. Já que os Van Helsings e os vampiros não gostavam de chamar atenção em público, provavelmente ela estaria a salvo enquanto se assegurasse que haviam muitas testemunhas ao redor.

Quando ela chegou à plataforma com esperança de encontrar o próximo trem de partida, reparou em um garoto atraente com calças jeans skinny da moda e uma jaqueta de sarja esperando o trem. Era um dos seus, a julgar pela camisa vintage²⁵. Estava fingindo ler uma revista, mas Cally podia dizer que ele estava secretamente olhando para ela.

Tinha o rosto bem feito e uma boca grande e expressiva, olhos castanhos escuros, e um cabelo castanho avermelhado ondulado. Parecia ter uns dezoito ou dezenove, transbordava uma seriedade madura, que Cally costumava associar com os tipos em seus vinte. Quem sabe era só um emo.

Quando ele deu uma olhada por cima de sua leitura, Cally encontrou seu olhar fixamente. Quando seus olhares se fecharam, ela sentiu um formigamento dentro de si, não diferente de quando ela via os raios do amanhecer. Por algumas breves batidas do coração, era como se o ar entre eles crepitasse energia. Ela dirigiu ao belo desconhecido um sorriso, só para fazê-lo ruborizar e enfiar o nariz na brochura. Sim definitivamente emo.

Em outros tempos ela teria flertado com ele - ao menos um pouco - mas quando as luzes do túnel mudaram de vermelho para verde, Cally se esqueceu rapidamente de seu admirador. Quando seu trem chegou, ela deslizou para dentro e ficou de pé perto da porta. Havia um punhado de passageiros no vagão com ela, em sua maioria baladeiros que iam para casa, depois de uma longa noite de festa em algum clube.

Quando saiu duas paradas depois ela pensou ver o cara das calças skinny sair de um vagão atrás do dela. Virou-se para se assegurar, mas não havia nada ali. Tirou-o da cabeça e apressou o passo para o seu próximo trem.

Agora que tinha o espaço suficiente entre ela e seus potenciais inimigos, Cally usou seu tempo para contar rapidamente os progressos da noite. Decepcionou-se ao se encontrar apenas com duzentos dólares. Normalmente ela podia conseguir ao menos duas vezes isso com seus “fornecedores” do parque. Franziu o cenho, consternada, quando meteu as notas dentro de seu sutiã.

Necessitava de dinheiro vivo para a próxima emergência. E não precisava de uma adivinha para perceber que ali havia uma.

Ainda que seu pai enviasse o dinheiro regularmente, sua mãe tinha uma forma de gasta-lo todo em coisas que ela “tinha” que ter, como uma enorme TV de tela plana, ou outro tratamento de dois dias no SPA. Então o pagamento da conta de luz ou a hipoteca do apartamento caia muitas vezes sobre

²⁵ NT Vintage é uma moda retrógrada, uma recuperação de estilos dos anos 1920, 1930, 1940, 1950 e 1960.



Cally. Cally se perguntou por um momento o que poderia ter acontecido com sua mãe se fosse ela que tivesse sido pega de surpresa pela balestra mais cedo, mas o pensamento era tão inquietante que imediatamente o bloqueou da mente.

Não há razão para se preocupar com coisas que não aconteceram, disse a si mesma. Concentre-se em voltar para casa. Isso é tudo que importa. Só mais um trem, e estarei fora de perigo.

Houve um barulho de sapato arrastando-se contra o concreto atrás dela. Cally se virou para ver a figura de um homem se dirigindo as escadas da superfície acima. O pânico se elevou nela como uma enchente quando olhava ao redor e se deu conta de que estava completamente só. Agachou-se atrás de uma das colunas de apoio de aço estreito que ficavam nas bordas da plataforma, pressionando a si mesma contra a superfície metálica quando os passos se aproximaram. Inspeccionou desesperadamente a plataforma para uma melhor cobertura, porém não havia nenhuma outra parte onde ela possivelmente poderia se ocultar.

Se fosse só um pouco mais experiente nesse tipo de coisa... Todavia ela não havia se recuperado o suficiente desde o parque para recolher mais que uma brisa leve. Isso queria dizer que teria de confiar nas armas que tinha ao alcance de sua mão. Cally estendeu um manto de sua mente e entrou em contato com algo marrom, peludo e muito próximo. Quando o homem alcançou o pé da escada, uma ratazana, do tamanho de um gato, saiu correndo de alguma parte, seus olhos redondos e brilhantes reluzindo como diminutas pedras polidas. O animal se levantou sobre suas pernas traseiras um furioso e gutural ruído.

“Que diabos -?!” O desconhecido berrou quando a rata de repente correu até sua perna. *“Ah! Sai daqui! Ajuda!”* Ele golpeou o furioso roedor quando ele mostrou seus reluzentes dedos amarelos, mas ele se esquivou e estava em sua garganta em apenas alguns segundos. Quando o homem tratou de proteger seus olhos dos dentes afiados e suas asquerosas garras, perdeu o equilíbrio e caiu na borda da plataforma. Ao chocar-se com o solo, a ratazana deu um salto e saiu em disparada de volta à escuridão do túnel deixando sua vítima jazer aturdida na via, gemendo enquanto saía sangue de suas numerosas feridas no rosto e nas mãos.

Cally deu uma olhada na plataforma e, sobressaltada, reconheceu o jovem homem que ela havia visto antes, com quem ela tinha experimentando uma conexão inesperada. O medo que teve por sua própria vida de repente se transformou em apreensão. Ela havia jogado a ratazana no desconhecido, esperando escapar enquanto ele estivesse distraído. Não lhe havia ocorrido que este terminaria seriamente ferido como consequência do ataque.

“O que eu fiz?” Ela gemeu.

Um ruído surdo distante, uma explosão de ar, e um redemoinho de calor do túnel indicaram a chegada do trem. Dando-se conta de que não havia tempo a perder Cally saltou da plataforma para o desconhecido ferido abaixo.

“Fique quieto e não se mova!” Gritou ela se afastando mais uniformemente pelos trilhos.

“O que você está fazendo?” Gritou ele, seus olhos marrons cheios de medo quando Cally pressionou seu rosto tão perto do seu como amantes.

“Salvando sua vida,” Cally pode ouvir o sangue gotejando e lutou para ignorar a fome que isso despertou nela. Não havia tempo para se distrair. “Se não ficar quieto, ambos perdemos uma perna em um segundo.”



31

O chão debaixo deles começou a tremer enquanto eles jaziam ali se envolvendo cada um com o braço do outro. O trovão artificial encheu seus ouvidos e fez vibrar seus ossos. Cally se pressionou contra o peito do jovem enquanto ele ficava imóvel debaixo dela, olhando fixamente para cima, o trem de pouso dos vagões do metro passando umas polegadas do seu rosto. Depois do que pareceu uma eternidade o trem finalmente chegou a uma parada em cima deles.

“O que fazemos agora?” perguntou ele em um sussurro rouco.

“Esperamos até que ele se vá,” Cally respondeu sussurrando. “Ninguém sabe que estamos aqui embaixo. Inclusive se há alguém na plataforma, duvido que poderia nos ouvir se gritássemos para pedir ajuda.”

O jovem não disse nada mas em troca reforçou seu aperto em Cally, puxando-a tão perto quanto lhe foi possível. Quando Ela escutou seu coração palpitando em seu peito, aspirou ao aroma de sua pele. O achou extremamente reconfortante, até calmante.

Depois de um longo minuto ouviram fechar as portas e as rodas do trem começaram a girar. Cally se imobilizou perfeitamente, enquanto os vagões faziam Clic-Clac sobre suas cabeças, temendo que o mais leve movimento pudesse acabar em desastre. Ela se maravilhou em quão quente era a carne do jovem contra ela. Fechou seus olhos e respirou profundamente, outra vez, saboreando seu cheiro, para assim poder recordá-lo mais tarde.

Depois que o último vagão passou, finalmente ela levantou sua cabeça e olhou ao redor.

“Tudo bem,” disse ela de modo tranquilizador. “Já pode me soltar.”

“Eu estava tão bem assim,” disse ele com um sorriso fraco.

“Temos que tirá-lo daqui antes que apareça um outro trem,” disse Cally enquanto se punha de pé.

“Soa bem para mim.”

“*Olá, Há alguém aí?*” gritou ela. “*Homem na via.*”

Cally esperou uma resposta, mas tudo o que ouviu foi seu próprio eco.

“Pode ficar de pé?”

“Sim,” disse ele, assentindo. “Eu acho.”

Quando Cally lhe ajudou a ficar de pé, o jovem cambaleou e caiu sobre ela oscilando ligeiramente quando seu corpo inerte sem esforço ela o pegou em seus braços. Facilmente saltou até a plataforma, carregando-o em um de seus ombros. Movendo-se com a graça de um gato, apoiou seu corpo direito em um banco próximo e com cuidado acariciou sua bochecha esquerda, tirando uma gota de sangue.

“Ei, o que está fazendo aí?”

Um trabalhador se apressou até eles com um olhar alarmado. Logo se dando conta de que estava toda coberta de graxa e sujeira dos trilhos, Cally percebeu que ele havia se confundido com um fugitivo que tentava pressionar um passageiro.

“Meu amigo precisa de uma ambulância,” disse ela rapidamente. “Acho que está machucado, caiu da plataforma nos trilhos.”



“Santo Cristo! E como voltou a subir?”

“Fui até lá e o carreguei.”

O trabalhador lhe deu uma olhada duvidosa. “Uma juvenzinha como você arrastando este garoto de volta para a plataforma, e tudo sozinha? Ah veja lá!”

“Acho que deve ter sido a adrenalina ou algo assim.” Disse Cally balançando os ombros. “Sabe, como essa mulher que levantou o carro para salvar o filho.”

“Ah! Me lembro de ter lido sobre isso.” Parecendo satisfeito com a resposta de Cally o trabalhador sacou um Walkie-Talkie do bolso de sua jaqueta. “Central aqui é Colina, tenho uma emergência aqui. Cambio.” Apertou o botão para captar, mas só o que saiu foi um ruído estático. “A recepção aqui embaixo é uma merda. Estamos as uns cinquenta pés abaixo da rua. Terei que ir até lá em cima para fazer a chamada. Acha que ficará bem?”

“Eu estou perfeitamente bem não o perderei de vista até que você volte.”

“Esta bem – espere aqui!”

Quando o trabalhador correu escada acima o jovem deu um fraco gemido de dor. Cally colocou a mão em seu ombro, sustentando-o com cuidado quando ele tentou se sentar direito.

“Descanse, deve ter quebrado algo quando caiu.”

Ele respirou fundo e fez uma careta. “Tem razão.” Gemeu. “Creio que quebrei uma costela.” Levantou sua cabeça. “Te devo minha vida.” Sussurrou ele, seus olhos marrons bebendo de seus lábios, rosto, cabelo. “Não tinha porque fazer o que fez.”

“Minha avó me disse uma vez que o pior que alguém pode fazer é não fazer nada.”

“Sua avó parece ser uma mulher muito sábia.”

“Ela era,” Cally concordou.

“Além disso estou certa de que você teria feito o mesmo por mim, se nossos papéis fossem invertidos.”

Algo piscou nos olhos do jovem e ele rapidamente olhou para o outro lado. “Pode ser que você tenha razão.”

Cally virou para a plataforma do Brooklin-bound. “Creio que ouço meu trem chegando.”

“Não vai me deixar, vai?” perguntou ele estendendo a mão,

“Não se preocupe, há uma ambulância a caminho, ficará bem.”

“Por favor, não vá. Fique comigo.”

“Olha, me meterei em um montão de problemas se não for.” Disse seriamente

“Mas não disse qual é o seu nome! Devo saber pelo menos o nome da garota que salvou a minha vida, ou não?”

“É Cally.”



“Gostei,” ele sorriu. “Meu nome é Peter.”

33

Cally lhe devolveu o sorriso enquanto apertava sua mão. “Gostei também, Se cuide.”

“Eu tentarei!”

Peter Van Helsing viu como Cally subia no trem J e lhe dizia adeus no assento da janela. Quando ele levantou uma mão ensangüentada para devolver seu adeus, se perguntou como explicaria tudo isso a seu pai. Essa noite havia sido a sua primeira missão sozinho; lhe cabia vigiar a estação de metrô mais próxima ao parque no caso do alvo escapar da equipe do Grande Ike.

Meteu a mão dentro de sua jaqueta e tirou a estaca de madeira oculta, lançando-a dentro da lixeira que estava do lado do banco, tal com haviam lhe ensinado a fazer. Os paramédicos estariam ali logo, e isso ajudaria a manter os intrusos fora do negócio familiar

CINCO



“Se Apressse!” gritou Oliver sobre seu ombro enquanto ele corria pelo parque. “Temos que voltar para os carros antes que os Van Helsing chamem apoio!”

“Mas quebrei um salto!” Carmen choramingou, cambaleando atrás dele, andava como um cavalo manco. Oliver se inclinou e quebrou o salto restante do sapato.

“Aha! Agora eles fazem par outra vez!”



“Eram meus novos Pradas!” ela chorou.

“Assim você estará bem vestida quando eles lhe cravarem uma estaca no coração e cortarem sua cabeça!” Oliver grunhiu. “Se você voltar a me atrasar, *juro* que te deixarei para trás para que os Van Helsing cuidem de você! Não pense que não o farei!”

O olhar de Oliver fez que Carmen deixasse de discutir. Ela se desfez dos sapatos arruinados, e seus pés nus golpeavam contra o pavimento do West Village se apressando atrás dele.

Sergei freou sua corrida e olhou ao redor. “Onde está Tanith?” Ele perguntou. “Alguém a viu?”

“A última vez que eu a vi, ela estava com o Jules,” respondeu Melinda. “Ollie, viu o Jules?”

“Ele foi atrás de Lilith é tudo o que sei,” respondeu Oliver.

“Parece que nós poderíamos ficar aqui. Até que Jules ou Tanith apareçam, não há nenhum modo de retornarmos nos carros,” disse Melinda, assinalando através da rua para as limusines estacionadas em que eles tinham chegado. O motorista estava apoiado contra a capota do Mercedes, com seus braços cruzados sobre o peito, tinha o olhar perdido, enquanto que o motorista do carro de Lavall estava ocupado em seus assuntos. Polindo o pára-brisa de seu veículo.

“Voar?” Carmen franziu o cenho. “Você está falando sério? Só posso ficar em forma alada por cinco minutos! tomaria ao menos vinte minutos para retornar ao norte da cidade!”

“Compreendo que é perigoso. Nenhum de nós é particularmente forte para voar ainda,” respondeu Melinda. “Mas temos que chegar a casa tão rápido quanto pudermos.”

“Mas e se eles já chamaram seus interceptores?” Oliver perguntou com inquietação. “Escutei que Van Helsing treinam águias e condores para tirar as asas dos vampiros.”

“Ouvi sobre isso também,” Carmen esteve de acordo. “Minha tia diz que alguns deles ainda usam gárgulas como mascotes desde que eles saem dos ovos! *Gárgulas*, Melly! Uma águia já seria algo ruim o bastante quando se está voando, imagine lutar no ar contra uma gárgula?”

“Você só está conseguindo se assustar por nada Carmen,” disse Melinda, tratando de acalmá-la. “Isto são somente rumores, mitos urbanos, mais ou menos esse tipo de coisas.”

“Sim, bom, escutei isso antes,” Lilith e Tanith disseram o mesmo sobre Van Helsing,” e *agora* olhe o que aconteceu.” A voz da Carmen tremia. “Tudo o que sei é que estou assustada, meus pés estão doendo, e quero ir a casa!”

“Me deixem tentar falar com o chofer da Tanith,” sugeriu Sergei. “Fiz algumas visitas durante uns meses, talvez ele reconheça meu cheiro....”

“Tome cuidado,” Oliver advertiu. “Um não-morto pode não ter os mesmos poderes que um nascido verdadeiro, mas eles ainda poderiam acabar com você.”

Sergei andou através da rua, se dirigindo ao Bentley. Quando esteve mais perto do carro, o chofer do Tanith deu a volta para confrontá-lo.

“Dixon, sou eu,” disse Sergei, levantando sua mão em sinal de saudação. “Você me conhece, não é? Meus amigos e eu somente queremos entrar no carro, isso é tudo....”



Com um grunhido profundo como um cão de guarda que adverte a um ladrão, o condutor mostrou suas presas a Sergei. Seus olhos vermelhos eram brilhantes como rubis, ele se colocou entre o intruso e o carro.

“Calma!! Não há nenhuma necessidade de se ofender!” Sergei imediatamente retrocedeu. Olhou sobre seu ombro para os outros e sacudiu a cabeça. “É inútil. Dixon não vai deixar que ninguém entre no carro a não ser que seja da linhagem de sangue. O mesmo ocorre com o condutor do Jules. Teremos que nos arriscar a voar, com gárgulas ou sem gárgulas.”

“Talvez não!” Melinda disse com emoção. “Ai vem o Jules!”

Sergei e as garotas viraram para ver seu amigo mancar até eles, uma flecha se sobressaía de sua coxa. Jules fez uma pausa por tempo suficiente para lhe dar um puxão e tira-la e em seguida quebrá-la em duas, enquanto seus amigos se juntavam ao redor dele.

“Graças aos Patriarcas!” Carmen exclamou, lançando seus braços ao redor de seu pescoço. “Tivemos medo de que estivesse morto!”

Jules lhe deu um abraço.

“Eu sabia que esses bastardos não podiam te apanhar,” disse Sergei com um sorrisinho de alívio.

“Onde estão Lilith e Tanith?” Melinda perguntou com inquietação.

“Você não viu?” Jules respondeu, surpreso.

“Não me assuste,” disse Oliver. “Quando você gritou, ‘VanHelsings,’ saímos de lá tão rápido quanto pudemos.”

“Jules o que aconteceu?” Melinda sussurrou.

“Tanith está morta.”

“OH, não!” Carmen ofegou, cobrindo sua boca.

“O que?” Sergei piscou com surpresa. “Tem certeza?”

“Sim, infelizmente sim,” respondeu Jules tristemente. “Ela se foi - sinto muito.”

“E Lilith?” Carmen gemeu. “Ela está bem?”

“Não sei,” disse Jules com seriedade. “Eu esperava que ela estivesse aqui com vocês.”

“O que fazemos agora?” Melinda perguntou.

Não partirei sem a Lilith,” disse Jules firmemente. “Já perdemos Tanith; não perderei a ela também.”

De repente apareceu um animal grande do tamanho de um lobo irlandês, sua pele gotejava, o pelo molhado, vinha dando grandes passos no meio da rua em direção ao parque. Seus olhos eram de um azul ardente, a besta sem cauda de repente se levantou sobre suas patas traseiras e acariciou o rosto de Jules



“*Lili!*” Jules lançou seus braços ao redor dela. “Você conseguiu!” De repente ela estava aí nua nos fortes braços do Jules, seu cabelo molhado caía como cascata sobre suas costas, Lilith procurou seus lábios famintos.

“OH, meu ...” O olhar fixo do Oliver disse tudo.

Jules rapidamente despiu sua jaqueta e a pôs em Lilith.

“Sinto muito,” disse ela com vergonha. “Quando a D&G fará vestidos a prova de transformações?”

“Simplesmente estou contente que você escapou ilesa,” disse Jules, fechando os botões.

“Temos que sair daqui rápido,” disse Lilith. “Escutei a conversa de Van Helsing. Seus reforços estarão aqui logo.”

“Ficaremos apertados, mas acredito que todos caberemos em minha limusine,” disse Jules, fazendo gestos a seu motorista. “Marcel! Vamos agora!”

Marcel guardou seu trapo para polir e assentiu. “*Oui, Monsieur Jules,*” disse enquanto abria a porta traseira para seu amo. Melinda, Oliver, Carmen, Jules, e Lilith foram no assento traseiro enquanto Sergei foi com o condutor.

“Que acontece com condutor do Tanith?” Melinda perguntou. “Não deveríamos lhe dizer que vá para casa?”

Jules negou com sua cabeça. “Não podemos ajudar. É um não-morto. Não obedecerá a ninguém que não tenha o sangue de Graves em suas veias.”

Enquanto o carro fazia a curva, Lilith moveu seu corpo nu no colo de Jules para poder ver pelo vidro traseiro uma última vez o chofer. Dixon se inclinou contra o Bentley, braços cruzados, esperando pacientemente que sua ama retornasse. Continuaría fazendo-o até que o sol o convertesse em cinzas.

O porteiro noturno do Balmoral não levantou nem sequer uma sobrancelha quando Lilith caminhava pelo lobby descalça, vestida com nada mais que a jaqueta de seu namorado; antes de tudo, era um simples servo,. não era da sua conta aprovar ou desaprovar como se vestia um membro da família.

Lilith entrou no elevador e apertou o botão do andar da cobertura, esperou até que as portas se fechassem com segurança antes de permitir a suas mãos tremer.

Durante todo o caminho de volta, ela trabalhou duro para não parecer fraca diante dos outros. Mas a verdade era, que o que aconteceu no parque a abalou muito. Ela nunca tinha visto morrer ninguém antes - e nunca suspeitou que a primeira morte que ela testemunharia seria bem a de outro vampiro, ainda mais uma de seus melhores amigas.

Esta noite foi um aviso de quão perigoso é lá fora, especialmente por causa dos New Blood que estão aprendendo a manejar suas habilidades que lhes permitirão sobreviver e prosperar em um mundo desumano.



Cada vez que fechava os olhos, ela via Tanith deitada sobre o terreno como um brinquedo quebrado. Se ela não tivesse esquivado no último segundo, talvez fosse ela a que estaria deitada ali, não sua amiga. Ela franziu o cenho e sacudiu sua cabeça, tratando de tirar o isso de sua mente.

Tudo foi culpa daquela maldita New Blood, ela disse a si mesma. Se ela não tivesse atraído a atenção de Van Helsings invocando uma tormenta, nada disto teria acontecido.

Lilith decidiu que a pior coisa do que os Van Helsings aparecendo e matando Tanith foi começar uma luta entre ela e esse lixo de New Bloods. Claro, a garota a pegou com a guarda baixa com esse redemoinho, mas Lilith estava segura que ela teria ganho a briga ao final. Mortificava-a que a novata tivesse escapado ilesa. Não há dúvida que a putinha está dizendo a todos seus amigos da ralé como ganhou de uma Old Blood.

Ela ainda podia ouvir os insultos da cadela ressoando em seus ouvidos. Coletora de tormentas ou não, não havia uma novata que fosse competente até mesmo para lamber seus sapatos. Lilith se prometeu que se ela visse outra vez essa vítima da moda, ela arrancaria a língua se ela se atrevesse a lhe dirigir a palavra!

Lilith saiu do elevador para o lobby privado que serve como o vestíbulo de seu apartamento, só para encontrar o mordomo da família esperando-a.

“Saudações, Senhorita Lilith,” disse com sotaque britânico, sem reagir a seu estado de vestimenta. “O amo deseja lhe ver.”

“Tenho que ir, Curtis?” Lilith grunho. “Eu *realmente* tive uma noite de merda, como sem dúvida pode ver, e eu estou muito cansada....”

“Seu pai foi muito insistente em lhe ver logo que chegasse. Eu estive aqui esperando por sua volta...” O mordomo tirou um relógio de bolso de seu colete- “sete horas, vinte e seis minutos, e cinqüenta e oito segundos.”

“Muito bem.” Lilith suspirou. Embora os não-mortos que serviam a sua família normalmente a obedecessem em cada palavra, os desejos de seu pai ultrapassam aos dela todo o tempo.

“Venha comigo, Senhorita Lilith,” Curtis disse enquanto segurava a porta de em frente aberta. “O amo está em seu escritório.”

Qualquer que fora as razões de seu pai para esperar para falar com ela, o fato de que ele estivesse esperando-a em seu escritório não era uma boa idéia. Embora ela tivesse vivido na cobertura deste prédio toda sua vida, Lilith podia contar nos dedos quantas vezes havia estado dentro de seu santuário privado.

Desenvolvedor e Executivo do HemoGlobe, a maior e mais bem-sucedida companhia na indústria de bancos de sangue, Víctor Todd revolucionou sem dúvida a cultura vampica para nascidos e não-mortos por igual.

Graças a seu programa de fornecimento de sangue processado, pago por assinaturas mensais, não era mais necessário passar toda as horas acordado procurando e caçando a comida. Agora todos até os mais miseráveis têm tempo para se focar em outras necessidades e interesses, usando seu tempo livre para melhorar sua existência.

No que diz respeito às famílias dos amigos de Lilith e seus companheiros de classe, Víctor Todd era Thomas Edison, Henry Ford, e Bill Gates todos em um. Mas para Lilith, era o homem que controlava



cada aspecto de sua vida, ao menos até que ela estivesse finalmente suficientemente velha para se casar com o Jules e começar sua nova vida como a condessa de Laval.

Enquanto Curtis a escoltava para seu pai, Lilith se pegou fitando os retratos que ficavam no longo corredor. Sua atenção foi momentaneamente apanhada por uma pintura de seus avós, Adolphus Todesking e Marcilla Karnstein. Tendo morrido décadas antes de que ela nascesse, eles nunca foram mais para ela que uma figura em uma pintura. A única coisa que Lilith sabia de verdade sobre eles era que Adolphus foi o responsável por assassinar a Pieter Van Helsing depois de ter matado sua amada esposa.

Lilith pôde quase jurar que a cabeça da Marcilla se voltou para vê-la passar.

Curtis vacilou antes de tocar ligeiramente a porta do escritório. “A Senhorita Lilith chegou a casa, senhor.”

“Mande-a entrar.”

Lilith suspirou e puxou as lapelas de sua jaqueta emprestada mais perto. Mesmo que ela odiasse admitir, no mais profundo, no coração de seu ser, tinha medo do pai.

Curtis segurou a porta aberta, mas não seguiu Lilith à interior do escritório. “Há algo mais que eu possa fazer, amo Víctor?” perguntou.

“Não. está livre para se retirar, Curtis.”

“Obrigado, amo,” disse o mordomo, com mais que um indício de alívio em sua voz enquanto fechava a porta, deixando Lilith só com seu pai.

Víctor Todd virou o monitor do computador de seu escritório para fazer frente a sua filha. Com seu dinheiro e boa aparência, era inegavelmente um dos homens mais desejados no jet set²⁶.

“Acredito que você não deixou a casa vestida assim, senhorita?” Ele franziu o cenho.

“Não, senhor,” respondeu Lilith, sua voz de repente muito baixa. “Se estiver ocupado, posso voltar mais tarde depois de que tenha trocado de roupa.”

“Não há nenhuma necessidade disto. Eu só estava verificando alguns investimentos que fiz na bolsa de valores. O euro está muito bem agora,” disse ele, com a auto-satisfação que se arrastava em sua voz apesar por estar descontente com sua filha. “Você e eu temos que conversar agora mesmo. Primeiro quero ouvir o que você pensou que fazia no clube ontem à noite; então você pode me explicar como terminou vestindo *isto*.”

“Você sabe o que aconteceu no Belfry?” Lilith perguntou, congelando por um momento.

“*Obviamente!*” Ele respondeu com ar cansado. “Sou um co-proprietário do clube. Você deveria saber que tenho um interesse em cada negócio favorável a vampiros nesta cidade!”

“Só estávamos nos divertindo, só isso.” Lilith deixou seus olhos caírem para o tapete. “Não fui só eu - Tanith e Carmen o morderam também.”

²⁶ NT: é uma expressão cunhada nos anos 1950, atribuída ao colunista de fofocas do New York Journal American, Igor Cassini, para designar um grupo social com poder aquisitivo suficiente para viajar frequentemente de avião a jato



“Não me preocupo do que as demais fizeram ou não fizeram,” respondeu Todd severamente.

“Elas não são minhas filhas - você sim.”

“Sim, Pai,” disse Lilith com tristeza.

“Primeiramente, o que é que lhes passou pela cabeça para fazer algo tão imprudente como se aproveitar de um humano no clube? Não importam as questões de segurança – já se incomodou em considerar se você estava pronta para tomar a responsabilidade de trazer um sem vida a esse mundo?”

“Isso não podia ter acontecido,” disse Lilith com um encolher de ombros. “Sou muito jovem para criar não mortos.”

“Misericordiosamente, ainda é o caso. Mas não será por muito mais tempo, Lilith. Em um abrir e fechar de olho - outros quatro anos, cinco se muito – você terminará de amadurecer tornando-se uma adulta. Você perderá a capacidade de se refletir, seu processo de envelhecimento reduzirá a marcha a um décimo que um humano, e sua mordida transformará aqueles dos que se alimenta em não mortos...”

“Papai, *temos* que passar pelo tema ‘Os morcegos e as abelhas’ agora mesmo?” Lilith gemeu, girando os olhos envergonhada.

“Melhor falamos do assunto agora, antes que seja muito tarde. Certamente não posso confiar em sua mãe para que dirija a situação, verdade?”

“Não, senhor,” Lilith concordou.

Lilith não podia recordar a última vez que ela tivera algo parecido com uma conversa com sua mãe. Depois de gastar mais de cem anos tentando desesperadamente conceber um herdeiro para seu marido, a antiga Irina Viesczy agora gastava tão pouco tempo com sua descendente e marido quanto possível.

“Trazer um não morto ao mundo é um negócio sério, Lili. Eles lhe servirão sem escrúpulos ou queixas durante séculos. As probabilidades são que eles inclusive ‘sobreviverão’ e acabará sendo deixado no legado a seus herdeiros quando chegar o momento, como Bruno, Esmeralda e Curtis. Todos eles com muito gosto matarariam e morreriam por você. Além do mais, se você é destruído antes de que possa acontecer seu direito de sangue - ainda outra coisa - eles morrem também. Os não mortos são a fundação verdadeira na qual o poder está apoiado em nossa sociedade.

Lembre-se, é melhor ter criptas cheias de não mortos que abóbadas cheias de ouro. Por quê? Porque o vampiro com maior direito de sangue consegue o ouro. É isto simples. Mas não importa que seja tão capitalista, se você chamar a atenção para nós, você terá que responder ao Sínodo²⁷. O homem que você atacou no clube é de interesse jornalístico, Lilith. Na era dos satélites, podcasts, e CNN, é mais importante do que nunca para nossa classe guardar nosso segredo.

“Se o Senhor Chanceler considerar que você é a culpada de nos colocar no centro de atenção, terá suas presas arrancadas.”

“Que barbaridade!” Lilith ofegou, instintivamente cobrindo sua boca.

²⁷ NT Um sínodo pode ser realizado por qualquer denominação religiosa, sendo muito comum entre os cristãos. Trata-se de uma reunião convocada pela autoridade eclesiástica, no caso é uma ironia com a igreja católica.



“De verdade,” seu pai respondeu. “Nos velhos tempos isto daria uma pena de morte. Agora entende por que é sábio se manter longe de coisas que poderiam leva-la perante o Sínodo?”

“Sim, senhor,” disse ela asperamente.

“Não só isto, mas também não queremos fazer algo que faria com que o Conde de Laval reconsiderasse a idéia de casamento com nossa família, não tenho razão? Então, tenho sua promessa que você nunca se aproveitará de um humano no clube outra vez?”

“Sim, senhor.”

“Muito bem,” disse Todd com um suspiro aliviado. “Agora, talvez você possa me dizer por que você está de pé na minha frente vestida em nada mais que a jaqueta de um homem. O que aconteceu com seu vestido?”

“Foi despedaçado quando troquei de forma.”

“Você trocou de forma?” Todd franziu o cenho. “Como *isso* aconteceu?”

“É uma longa história,” respondeu Lilith, ainda olhando fixamente seus pés.

“Por que não estou surpreso?”

“Sinto muito, Papai. Realmente, realmente sinto. Mas não foi minha culpa,” disse Lilith, as palavras de repente se derramaram dela como a água. “Nós estávamos na casa de Tanith, só passando o tempo. Estávamos aborrecidos porque nós não podíamos ir ao clube. Terminamos por ir ao Washington Square Park.”

“De quem foi a brilhante idéia?”

“Jules.”

Na menção do Jules, seu pai se abrandou. “Você foi até o centro da cidade? Para que?”

“Nós estávamos passeando, isso é tudo, eu juro.”

“Sei que você está mentindo, Lilith. Ou, ao menos, você não me diz algo. Mas tive uma noite muito longa e estou muito cansado para jogar com você.” Ele se inclinou para seu telefone. “Se você não me disser o que você e outros faziam no Parque, vou ter que cancelar todos os seus cartões de crédito.”

“Não! Não faça isso!”

“Então me diga a verdade.”

“Bem. Você ganhou,” disse ela, seus ombros se curvando pela derrota. “Nós estávamos nos bairros baixos.”

Víctor Todd saiu de sua cadeira como se fosse eletrificado. “Você estava *onde*?” Sua voz reverberou tão forte que isto fez que as paredes dessem uma sacudida no quarto. “De todas as coisas mais perigosas, mais *estúpidas* que você poderia ter feito! E depois de que *tudo* o que eu trabalhei para



41

alcançar! O *objetivo* da HemoGlobe é fazer o comportamento aventureiro uma coisa do passado para nossa gente! Pelos Patriarcas, menina, No que pensava?"

"Pensamos que era seguro..."

"Seguro! Isto se parece com a roleta russa - as probabilidades estão contra você! Sempre que você sai em público, você corre o risco de ser atacada por Van Helsing! Você, de todas as pessoas sabe quanto se destaca em uma multidão!"

"Nós procurávamos passar despercebidos juro! Tudo ia bem. Então esta cadela New Blood apareceu e tudo se descontrolou..."

"New Blood?" O cenho do Todd se fez mais profundo.

"Sim. Ela que é realmente responsável pelo que aconteceu. Se não fosse por ela, Van Helsing nunca saberiam que nós estávamos ali."

"O que ela fez?"

"Ela tratou de me atacar com um relâmpago."

"*Uma coletora de tormenta?*" Todd pareceu sinceramente assustado por esta revelação. "Você está segura sobre isto? Acho que você disse que a moça era uma New Blood."

"Bem, *supus* que ela era," disse Lilith. "Quero dizer, conheço todos os jovens Old Bloods daqui e *nunca* vi esta garota antes..."

"Então o que aconteceu?"

"Tanith foi estacada," respondeu Lilith, sua voz que cai a um pouco mais que um sussurro.

"Pelos Patriarcas," resmungou Todd no choque. "Ela está -?"

Lilith concordou.

"Entendo," disse Todd. Ele esfregou seu lábio inferior com a ponta do indicador direito, um sinal que ele estava perdido em seus próprios pensamentos.

"Muito bem. Vá para cama, Lilith. Eu verei para que Dorian e Georgina sejam notificados."

Víctor Todd olhou a cabeça de sua filha que se dirigia para fora da porta do escritório Lili o olhou por sobre o ombro, seus olhos azuis brilhando com lágrimas.

"Papai?" Ela perguntou com uma voz de dúvida.

"Sim Lilith," ele respondeu com cuidado

"Você não vai cortar meus cartões, né?"

"Não princesa," ele suspirou. "É claro que não."



SEIS



Cally vivia com sua mãe no último andar de um edifício de sete andares que originalmente tinha sido um armazém de tubos de órgãos ou algo igualmente vitoriano. Seu apartamento foi um dos muitos criados para artistas estudantes e operários que foram obrigados a abandonar o Lower East Side em busca de aluguéis acessíveis.

Em comparação com alguns dos lugares que em tinham vivido os três dormitórios e dois banheiros do apartamento de agora faziam a casa parecer um palácio. De fato, na sala havia excelente vista e uma varanda da qual se podia ver a ponte do Williamsburg. A cozinha estava decorada com todos os eletrodomésticos de aço inoxidável Viking²⁸, incluindo um fogão de seis bocas, o que não importa

²⁸ NT: Viking é a marca líder no mercado de eletrodomésticos de luxo nos Estados Unidos e está presente, entre outras, nas cozinhas de Madonna, Jack Nicholson, Ozzy Osbourne, do seriado Sex and the City e da ala residencial da Casa Branca.



porque a mãe do Cally não tinha nem idéia de como cozinhar e não tinha intenção de aprender nunca.

Enquanto ela saía do elevador em seu andar, Cally podia ouvir o retumbar do som da TV em sua casa. Ela suspirou e revirou os olhos. Não havia dúvida de que iria a receber outra nota desagradável da junta de condomínio

A mãe de Cally, Sheila Monture, estava sentada na antiga poltrona de veludo vermelho que estava em frente a uma TV de plasma HDTV de sessenta polegadas, e uma vez mais, estava vendo Drácula de Francis Ford Coppola. Cally reconheceu a parte em que Anthony Hopkins e Keanu Reeves entram no quarto da Winona Ryder, e a vem nos braços do Gary Oldman..

“Estou em casa!” Cally gritou em voz alta sobre o tremendo som enquanto ela abria a porta. Ela notou que as cortinas que cobriam as enormes janelas da sala tinham sido movidas para trás, de modo que sua mãe pudesse olhar o East River.

Sheila Monture se virou, e se assustou ao ver que sua filha apareceu subitamente. Ela agarrou o controle remoto, e o nível do som do filme se reduziu a um nível mais audível

“Amorzinho! Está aí! Tinha a esperança de que chegasse cedo em casa para que pudéssemos conversar.”

Como sua mãe parou para saudá-la, Cally viu que usava uma bata lavanda pálido, com mangas de morcego e uma longa peruca negra com uma mecha branca. Com os anos, Cally passou a perceber que sua mãe escolhia o vestuário para expressar seu estado de ânimo. Cada vez que queria ser sofisticada e distante, ela se vestia como Morticia Addams, quando ela queria ser percebida como maternal e pé no chão, ela se vestia como Lily Munsters²⁹.

“Conversar? A respeito do que?” Cally perguntou com receio.

“Falei com seu pai esta noite,” disse Sheila alegremente, desconsiderando o tom de voz de sua filha.

“Como se *e/le* se importasse muito!”

“Agora, Querida, isso não é verdade!” Sheila Monture estava afetada por uma tristeza exagerada, já que seus braços estavam abraçando seu peito. “O seu pai se importa com tudo a respeito de você.”

Cally caminhou através da sala e olhou pela janela que dava na ponte, seu arco metálico iluminado contra a noite.

“Querida, seu pai está te dando uma grande oportunidade. A partir de segunda você vai freqüentar a Academia Bathory” disse sua mãe, saboreando as palavras claramente.

Cally se virou com incredulidade. “Porque tenho que ir para lá, de todos os lugares? Estive na *lista de honra* no Varney Hall o ano passado!”

“É isso, carinho. Seu pai é *muito* importante, um homem *muito* ocupado. Nem sempre tem tempo para fazer as coisas por si mesmo. Normalmente, envio suas notas às pessoas que dirigem seus

²⁹ NT: Ao contrário da similar família Addams, que pareciam aristocratas, a família Monstro vivia como uma típica família trabalhadora de classe média dos subúrbios das grandes cidades, onde Lily era mãe amorosa e prestativa.



negócios, portanto demora certo tempo para seu pai ver realmente seus resultados acadêmicos. Mas uma vez que o fez, impressionou-se *muito*. Disse-me esta noite que você desperdiça sua inteligência na Varney. É uma escola boa e tudo, mas mesmo assim é uma escola de *New Blood*. Seu pai quer te ajudar para que tenha o melhor! Não é *maravilhoso*?”

Cally sacudiu a cabeça em negação furiosa. “Você pode lhe dizer para esquecer isso! Tenho amigos em Varney! Não vou a essa idiotice de escola Old Blood.”

Sheila Monture tinha um sorriso demasiado amplo e por um momento vacilou e depois começou a retorcer suas mãos, isso nunca foi um bom sinal “Mas você *tem* que ir, Cally. Se não fizer, seu pai retira seu amparo, para não falar de seu dinheiro. E vamos ter que nos mudar de novo.”

Cally pôs suas mãos na cabeça tratando de evitar que explodisse. “Mudar-nos? Pensei que disse que tinha comprado este apartamento com o dinheiro que a vovó te deixou.”

“Utilizei para fazer o primeiro pagamento, mas é seu pai quem paga a conta mensal da hipoteca e todas as demais taxa.”

“Talvez isso *significasse* algo para mim, se eu soubesse quem diabos realmente é meu pai!” Cally disse bruscamente. “Nunca vi esse homem ou escutei sua voz! Nem sequer sei seu *nome*! A única coisa que sei é que está muito ocupado e é muito importante para passar tempo comigo, ou está casado com outra pessoa, e lhe dá vergonha me reconhecer!”

“Cally, *por favor*, não fale assim,” rogou sua mãe. “Não é justo culpá-lo por como são as coisas entre vocês. Minha mãe tem muito a ver com que seu pai se mantivesse afastado de você, e você sabe disso. Acredite, quando seu pai estiver preparado para se apresentar, o fará. Até então, é mais seguro que você não saiba sua identidade. Seu pai é um homem muito *poderoso*, com *poderosos* inimigos, aqueles que não se deteriam ante *nada* para se assegurar em destruir sua prosperidade.”

“Isso é tudo o que sou para ele, então? Uma garantia contra a extinção?” Sheila Monture estava a ponto de negar a avaliação de sua filha, então pensou melhor e moveu rapidamente o olhar. Cally gemeu com desgosto.

“Sim, isso é o que pensei. Se precisar de mim para algo, estarei no meu quarto.”

Enquanto Cally caminhava pelo corredor, Sheila agarrou sua filha pelo pulso. “*Por favor*, Cally – lhe rogo isso, por favor, faz o que seu pai te pede. Não quero me mudar! Eu *gosto* de estar aqui no Williamsburg, e sei que você também! A comunidade artística aqui é muito aberta. Estou *confortável* aqui. É como o East Village, como costumava ser. Ninguém me olhe quando saio, ao menos não muito. Não quero ter que me mudar de novo e terminar em algum lugar onde os vizinhos nos tratam como loucos.”

“Mãe, *não* jogue isso em cima de mim – não é justo.”

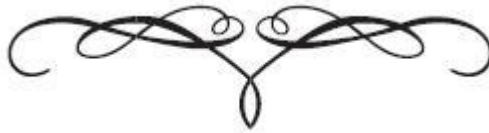
“*Por favor*, Cally?” Sheila perguntou com uma voz tremula. Lágrimas começaram a sair pelos cantos de seus olhos e escorrer rímel por suas bochechas “Vamos lá, faça *este favorzinho* á sua Mamãe....?”

Cally apertou sua mandíbula e disse a si mesma que ela não ia dar o braço a torcer. Não desta vez. Ela tratou de tirar seu punho, mas sua mãe não a soltou. Seria muito fácil *fazer* que ela a deixasse ir, mas Cally não queria verdadeiramente lhe causar dano. Sua mãe já estava muito machucada.



Inspirou o ar profundamente e o deixou lá por um instante, expirou dolorosamente. “Está bem mãe. Você ganhou. Eu irei.”

SETE



O Instituto Van Helsing tinha sua sede em uma labiríntica propriedade georgiana situado a dezessete acres do campo de hipismo de Connecticut. Durante os últimos dezoito anos e meio este tinha sido o lar e a escola de Peter Van Helsing. Com o tempo, sem dúvida, ele devia tomar as rédeas da empresa, seguindo os passos de seus antepassados. Ou era este o plano até que cruzou com Cally.

Peter se moveu com cautela através da sala até a enorme mesa de mogno em frente à chaminé. Se ele caminhava muito rápido, sua costela recém quebrada lhe fazia sentir como se alguém estivesse cravando-o no flanco com uma lança. Alegrou-se de que seu pai não estava, porque ele ainda não estava certo do que ia lhe dizer sobre o que acontecera.



Peter deu uma olhada para o retrato de seu tatara-tatara-tatara-avô pendurado sobre a chaminé. Vestido com uma gravata escura com uma enorme volta no pescoço que estava na moda na década de 1830, o infame Pieter Van Helsing parecia contemplar a seu descendente mais recente com um olhar de desaprovação.

Uma pontada de culpa quase tão aguda quanto a dor nas costelas fez com que Peter desviasse o olhar. Ele baixou a vista pra o mar de pastas cheias de impressos, informes, fotografias e recortes de jornais que cobriam o escritório. Apesar de que muito do que estava nas pastas de papel manilha envelhecida fizesse tempo que tinha sido digitalizado e transferido para o sistema de informática do Instituto, seu pai era um homem antiquado e preferia ter a documentação real ao alcance da mão.

Enquanto Peter se aproximava, escutou o som das correntes vibrando. A gárgula levantou a cabeça do tapete junto à chaminé com um grunhido tão profundo que Peter o sentiu em vez de escutá-lo. Com o tamanho e a estrutura geral de um mastim, a criatura de couro, pele de cor verde cinzenta e as asas de morcego que nasciam de seus ombros. Cheirou o ar, e o rugido surdo desapareceu, substituído por um gemido de fácil reconhecimento.

"Quer um presente, Talus?"

A gárgula sem pelo, sua cauda de lagarto dava bofetadas contra o tapete por antecipação enquanto que Peter com um puxão abriu a tampa de uma velha caixa de charuto de madeira. Pegou, do interior, pela cauda um dos ratos mortos e o lançou à besta que babava. Talus deu uma bocada no ar, logo olhou com expectativa para Peter.

"Um é suficiente." Peter se pôs a rir, movendo o dedo em censura. "Não quero que meu papai me culpe por arruinar seu jantar!"

Nesse preciso momento, as portas do escritório se abriram e Christopher Van Helsing, presidente e diretor geral do Instituto Van Helsing, o mais antigo e secular serviço de extinção sobrenatural do mundo, entrou na habitação. Com seu desgrehado cabelo cinza ondulado e intenso, com o profundamente preocupado olhar que sempre parecia levar, tinha uma curiosa semelhança com Beethoven.

"Peter!" Van Helsing disse, se adiantando para saudar seu filho ferido. "Meu valente rapaz! Como vão suas costelas?"

"Não está mau, acho," disse Peter, fazendo uma careta nos braços do pai. "Os médicos da sala de emergência disseram que rachei uma, mas nada realmente quebrado. Vou à enfermaria daqui a pouco para ter uma consulta com o Doutor Willoughby. Só estou esperando que termine de atender ao Grande Ike e ao Drumer

"Alegra-me ouvir que está bem. Em qualquer caso, é bom que Van Helsing se curem muito rápido, não é, filho? ", Disse seu pai.

"Sim, senhor," Peter estava de acordo.

"Está preparado para falar sobre o ocorrido no metrô?"

"Acho que sim, senhor." Peter encolheu os ombros

"O que foi?" Van Helsing franziu o cenho, surpreso pela falta de entusiasmo do Peter. "A última vez que te vi, estava todo entusiasmado a respeito de ir sozinho pela primeira vez."



47

"É só o que você estava contando comigo, e sinto como se tivesse te decepcionado, senhor."

"Não é só *sua* culpa que a missão tenha fracassado filho," seu pai disse "A missão toda foi um fiasco".

"Sim, senhor", murmurou Peter, com os olhos caindo ao chão.

"Falando nisso. . ." Van Helsing se aproximou de sua mesa apertou o botão do interfone. "Diga ao Rémy que quero vê-lo em meu escritório. Stat. "

"Sim, senhor", respondeu uma voz feminina. "Ele está a caminho".

Como o pai do Peter se moveu para se sentar, Talus se animou.

"Quem está feliz de ver o papai?" Van Helsing lhe perguntou enquanto acariciava atrás das orelhas de morcego da besta. "Sim, é você, Talus! *Está* feliz de ver papai, não?"

"Eu já lhe dei um petisco", disse Peter advertindo a seu pai. "Não deixe que ele te engane fingindo que está morrendo de fome."

"Sou um bobo quando se trata desta besta, e ele sabe," Van Helsing disse com um sorriso pouco habitual. "É difícil não estar conectado quando você mesmo as cria

Chamaram à porta com uma batida e Rémy colocou a cabeça dentro da porta do escritório. "Você queria me ver, chefe?"

Van Helsing assentiu com a cabeça e indicou ao outro homem para que entrasse. Seu sorriso tinha desaparecido, substituído por um cenho franzido. "De fato eu, Rémy. Enviei você e aos outros no que deveria ter sido uma emboscada relativamente simples a uma jovem garota, não menos. Eu gostaria que me dissesse como é que meu melhor agente de campo na ativa está em estado crítico depois de ser eletrocutado, o líder de minha equipe de ataque tem um ombro deslocado, e meu filho está coberto de mordidas de ratos e sofrendo de uma costela rachada."

Rémy trágou tão forte que seu pomo de Adão quase desapareceu. "Chefe, eu posso explicar o que aconteceu! Tínhamos as coisas sob controle, mas antes que pudéssemos chegar ao objetivo, um grupo dos Olds apareceu..."

Van Helsing levantou uma sobrancelha. "Adultos ou jovens?"

"Jovens, pelo que qualquer de nós poderia dizer. Parecia da mesma idade que a coletora de tormenta. Houve ao menos três deles. Um homem e duas mulheres".

"Marginais, sem dúvida." Van Helsing moveu a cabeça com desgosto.

"Uma das mulheres se meteu com o alvo. Isso é o que desencadeou tudo. A próxima coisa que soubemos foi que estávamos no meio de um redemoinho. Grande Ike nos chamou para tirar os Old Bloods antes que pudessem conspirar contra a coletora de tormenta".

"Conseguiu?"



409

Rémy assentiu. "Ele conseguiu estacar a uma das fêmeas. O troféu está sendo limpo e preparado neste momento. depois disso, as coisas se descontrolaram. A coletora de tormenta acabou atacando Ike. Então, o homem interveio. Nós o ferimos, mas não antes que ele tratasse de dar um jeito no braço do Drumer."

"O que me diz sobre a segunda fêmea?"

"Ela aproveitou para escapar. Como disse, estávamos de guarda baixo desde que os Old Bloods tinham aparecido."

"Sei," disse Van Helsing. "O que acha, Peter? Era o chupador que te atacou no metrô o mesmo que Drummer reportou ver no parque? Era ela a coletora de tormentas?"

"Não estou seguro," disse Peter, trocando de posição inquieto. "Tudo aconteceu tão rápido. Tive apenas ocasião de olhá-la antes que o rato saltasse sobre mim."

"Você viu que trem ela tomava? Ela estava na plataforma que vai para a parte alta da cidade ou ao centro da cidade?"

"Para a parte alta" disse Peter. "Com certeza para a parte Alta"

"Muito interessante," disse Van Helsing, escrevendo rapidamente uma nota.

"Você está certo de que esta moça é a que estivemos vigiando?" Perguntou Peter enquanto olhava seu pai tomar uma informação falsa. Por que tinha ele que mentir? Peter não tinha nenhuma idéia disto, ele se sentia obrigado a fazer isso por Cally.

"Filho, nunca estive mais seguro em minha vida. Rémy, você tem agentes secretos que trabalham fora de Manhattan?"

"Tenho operários que têm controlado este clube no Williamsburg, onde a coletora foi vista faz algumas semanas."

"Bom. Mande-os ao centro da cidade e à zona alta. Se a avó já não estiver mais no quadro, as probabilidades indicam de que a moça deve estar se juntando a seu pai. Pelo que sabemos quem ele é, será mais fácil mantê-lo sob vigilância. Ele nos levará eventualmente a ela."

"Sim Chefe" Remy disse se virando e saindo da sala.

Peter jogou uma olhada para seu pai, que tinha o olhar nos fragmentos de informações dispersas pelo seu escritório.

Christopher Van Helsing empurrou vários dos pedaços de papel ao redor com seu dedo indicador, como se tentasse pôr junto um quebra-cabeças. Peter sabia muito bem que com isso seu pai podia passar horas sem nem sequer falar, quando ele estava com esse humor

"Melhor eu ir também, papai."

"Não. Fique e fale comigo, menino," respondeu seu pai sem nem sequer levantar o olhar. "Estamos perto. Muito perto. Seu avô, que em paz descanse, ensinou-me que a mais valiosa das ferramentas para um caçador de vampiros é sua intuição. E a minha me diz que estamos em bom caminho, filho. Posso sentir em meus ossos. A coletora é a que estivemos procurando."



“Ela é da idade correta. E posso te assegurar, por experiência pessoal, de que a avó podia lançar estocadas como qualquer dos melhores. Tem sentido que ela tenha passado sua capacidade para sua neta, se não a tiver amplificado.

“Se esta moça for quem penso que é – então ela será a maior arma que o Instituto Van Helsing vai ter a oportunidade de utilizar contra a raça dos vampiros desde a época de Pieter.”

“Mas se ela não quer nos ajudar? O que acontecerá então?”

“Se ela ou sua avó, assumindo que a velha mulher ainda viva, se mostrarem hostis a nossos planos, elas têm que ser exterminadas.”

Peter tremeu em surpresa. “Pensei que a avó era uma velha amiga nossa.”

“Isso é verdade,” disse Van Helsing, um lampejo de remorso atravessou seu rosto. “Conheço Sina Monture desde que era um garoto. Ela se juntou às Elites quando seu avô Leland controlava as coisas. Ela era uma das bruxas brancas mais poderosas que já trabalhou para o instituto.

“Sina esteve casada com o Cyril Monture, seu avô era seu melhor amigo e era meu padrinho. Nenhum deles era o que podia se chamar jovens, assim todos se surpreenderam quando Sheila nasceu.

“Eles mimaram a menina dando-lhe tudo que desejava, e é obvio que ela cresceu para ser uma dessas crianças atraídas por tudo o que seus pais fossem contra. Ela estava fascinada pelos vampiros. Passou todo seu tempo assistindo filmes sobre eles, lendo livros a respeito deles – eventualmente, ela saía para buscá-los. Ela inclusive se tinha convertido na amante de um vampiro.

“Pobre Cyril teve um ataque fulminante do coração quando ele viu sua filha sendo levada por esse demônio. Ele morreu em meus braços

“Sina nunca voltou a ser mesma depois disso. Então, dois anos depois, sem nenhuma advertência, ela deixou o instituto. Nós acreditamos que Sheila havia sido convertida em uma não-morta, mas ao que parece o chupador a manteve como sua amante. Quando ela ficou grávida de seu bebe mestiço, ela decidiu se reconciliar com a mãe.

“Eu vi o potencial da criança como uma arma e imediatamente entrei em contato com Sina. Ela ameaçou utilizar sua energia contra mim se me aproximasse dela ou de sua neta. Soube então que a mulher que eu conheci uma vez tinha sido irreversivelmente corrompida, igual a todos com que se mesclam com os vampiros e sua estirpe.”

“Mas eliminá-los? Não há alguma outra maneira?” perguntou Peter, tentando não demonstrar sua repulsa.

“Melhor isso que a moça cair nas mãos de nossos inimigos.”

A cabeça do Peter estava cheia quando deixou seu pai no escritório. Como jovem que ele era usualmente mentia para seu pai ,mas o que ele acabara de fazer era muito mais sério que mentir sobre o roubo de umas bolachas ou o jogar bola dentro de casa.



50

Até este momento, tudo o que Peter tinha desejado em sua vida sempre foi procurar e destruir vampiros, tal qual seu pai e seus avós antes dele, como cinco gerações atrás. Fazia menos de 24 horas tinha estado tão excitado por ir sozinho pela primeira vez que ele nem tinha podido dormir. Mas agora tudo o que ele podia pensar estava ao redor do Cally.

Ele podia ainda sentir o peso e o calor dela quando seu corpo se pressionou contra o dele. Sempre que ele fechasse seus olhos, ele via seu rosto olhando para ele pela janela do trem que se dirigia para o Brooklyn, sorrindo e lhe dizendo adeus.

Peter estava assustado e emocionado pela força dos sentimentos que passavam através dele. Seus pais diziam que os vampiros eram capazes da corrupção, inclusive do coração mais puro, fosse bastante a exposição. Mas isso não podia se aplicar possivelmente a ela poderia? Ela não era como os outros. O fato de que ele estivesse vivo o provava.

Ele precisava vê-la outra vez, da maneira que um tigre precisa saciar sua sede. Mas como? Ele sabia que ela vivia no Brooklyn, mas onde exatamente? Ele recordava repentinamente que Rémy tinha mencionado um clube no Williamsburg onde a tinham visto e estava sob vigilância. Não deveria ser difícil de encontrar o nome do lugar – só tinha que perguntar a Rémy. Depois de tudo, quem suspeitaria do filho do chefe, entre todos, estaria apaixonado por uma vampira?

OITO



Como os Graves estavam fora do país e como Lilith tinha sido a amiga mais próxima de sua filha, a tradição ditou que ela seria a anfitriã do totentanz³⁰ de Tanith, onde cada um se reunia para trocar simbolicamente simpatias e em seguida cantar, dançar e beber em memória de sua companheira caída, todo o tempo riam frente à cara da morte.

No passado, as festas duravam semanas. Mas, dado o curto prazo e o fato de que todo o mundo andava tão ocupado na atualidade, O totentanz de Tanith se limitou a uma só noite.

"Aí esta você!", Disse Sebastián ,” sua cara estirada em uma aproximação de compaixão. "Eu fiquei absolutamente horrorizado quando soube o que aconteceu, querida!"

"Obrigado, Seb, " respondeu Lilith quando eles trocaram beijos no ar. "É muito doce de sua parte estar de acordo com celebrarmos o Totentanz de Tanith aqui."

"É o mínimo que posso fazer, querida, considerando as circunstâncias." Sebastián suspirou. "Além disso, o domingo é uma noite lenta." Graças ao correio eletrônico e às mensagens instantâneas, as

³⁰ NT: Totentanz é uma tradição do Roma antiga e que se estendeu durante a idade média de festejar a morte, como uma forma de ironizá-la.



notícias sobre o fim de Tanith por mãos de Van Helsing tinham se espalhado como pólvora pelos garotos mais populares tanto da Academia Bathory como do Ruthven assim como entre muitos, recém graduados maduros. Lilith olhava ao redor do clube para todos os belos jovens que bebiam em tradicionais cálices de sangue.

"É incrível ter uma forte participação em tão curto prazo" disse ela.

"Ooh! René, olhe! Aí está Lilith! " Lilith girou sua cabeça na direção do grito e suspirou quando ela viu René Grimshaw e Bianca Mórtime se aproximarem dela. Ihes dando um sorriso de uso múltiplo, ela disse, " Fico feliz que tenham podido vir."

"OH, não teria perdido isso por nada do mundo, Lili! "Rene- exclamou-. "Quero dizer, Todas as pessoas importantes estão aqui"

"Estou segura que Tanith apreciaria," disse Lilith secamente.

"Ooh! Lilith! É verdade que você estava lá quando Tanith foi assassinada?" Bianca perguntou, seus olhos brilhavam com uma fascinação mórbida, René se inclinou para frente, com esperança, como um passarinho esperando por um verme. "Ooh! Foi grave? você acha que doeu?"

"Não sei", respondeu Lilith, surpresa pelo bombardeio de perguntas. "Tudo aconteceu tão rápido."

"Não teve medo?" antes que Lilith tivesse oportunidade de responder, Bianca deu uma cotovelada em René, apontando através do salão. "Não é Dustin Grabstein? O que você quer seduzir?"

"OH. Meu Deus." René riu tontamente. "Vamos! "Bianca disse, atirando-se ao braço de seu amiga. " Vamos pra aonde ele for!"

"Adeus!, Lilith! " René lhe disse sobre seu ombro. "Nos vemos na escola amanhã de noite!" Sebastián riu quando ele olhou Bianca e ao René cambaleando." Não deixe que aquelas cabeças de vento lhe incomodem. Asseguro que os verdadeiros amigos de Tanith a acompanham com amor."

Quando ela chegou ao sótão, Jules se levantou para se encontrar com ela, seus olhos se iluminavam na luz da penumbra. "Lamento chegar tarde," disse ela. "Eu teria pedido uma bebida, mas não queria que ela coagulasse antes que você estivesse aqui, vou te conseguir uma..."

Lilith estava surpresa por como Jules agia tão solícito; sentia-se bem. Sentou-se no sofá ao lado de Melinda para esperar a Jules, levou um momento ou dois para se dar conta de que faltava alguém. "Alguém viu ao Sergei? " Lilith perguntou.

"Ele está por aqui em algum lugar," disse Oliver vagamente.

Lilith se perguntava se Sergei estava triste. De repente viu as imagens do corpo enrugado de Tanith sobre a terra, se convertendo em cinza. Isto passou por sua mente, então o rosto de Tanith se transformou no seu. Horrorizada Lilith olhou suas mãos que estavam tremendo. "Por favor, desculpem-me por um momento", disse, agarrando sua bolsa. Lilith se apressou ao banheiro das damas, ela sentia que lhe começava uma espécie de pânico. Embora ela soubesse que isto não tinha sentido, ela tinha que olhar seu próprio rosto de novo para se tranquilizar e ver que ela não era a que tinha morrido. Ela somente precisava de uma pequena olhada, isso era tudo.



52

Quando ela abriu a porta do toilet, automaticamente explorou o piso por baixo nas cabines dos sanitários para ver se algum deles estava ocupado. Um par de pernas masculinas era claramente visível no cubículo mais afastado. Calças pretas de couro combinadas com botas.

A princípio Lilith pensou que um dos homens da festa estava muito perdido para se dar conta que ele estava no banheiro das mulheres.

Então ela escuto a respiração pesada que vinha do outro lado, seguida pela voz de mulher que gemia em êxtase. Lilith riu e balançou a cabeça, sua ansiedade momentaneamente estava esquecida. Que melhor maneira de cuspir na cara à morte que trepar durante um totentanz?

Escutando os amantes misteriosos estava começando a se excitar. Depois que finalmente se olhasse no espelho, iria encontrar Jules e ver se era tão aventureiro como o proprietário das calças de couro preto.

O cubículo começou a vibrar com violência, como se o casal do outro lado estivesse tratando de arrancar a porta das dobradiças. Os gritos da mulher de repente se tornaram febris, enquanto o homem grunhia. Um segundo depois um segundo par de pernas, estas decididamente femininas, apareceu, à vista, e a porta do banheiro começou a abrir.

Lilith se perguntou se deveria se agachar em uma das cabines, mas decidiu não se incomodar. Matava-lhe a curiosidade, estava morrendo por descobrir a identidade dos amantes misteriosos. Além disso, quanta intimidade se pode esperar, enquanto transa em um banheiro público? Uma garota alta e magra com o cabelo comprido e negro cambaleou para fora do banheiro em um par de saltos, enquanto esticava seu vestido voltando a cobrir seus peitos expostos. Lilith instantaneamente a reconheceu, era Samara Bleak, uma de suas companheiras de classe no Bathory. Samara congelou no momento em que olhou para Lilith, um olhar de confusa surpresa em sua cara. Um segundo depois o companheiro da Samara saiu do cubículo, ainda puxando para cima suas calças de couro.

"Sergei-! Que diabos?" Lilith exclamou.

"OH, olá, Lilith," disse Sergei com uma leve, sorriso pós-coito. "Conhece a Samara, não é?"

"Melhor eu ir", disse Samara, se escorregando para fora da porta.

"Sergei,... o que está fazendo?" Lilith olhando-o incrédula quando ele subia o zíper. "Tanith não está morta nem há quarenta e oito horas e já está fazendo o amor com outra pessoa? "

"Tinha muito carinho por Tanith." Sergei se encolheu de ombros. "Mas nunca foi nada sério. Ela não esperaria que ficasse desconsolado."

"Você tem que ser o primeiro desconsolado na lista de estar desconsolados!" Lilith disse bruscamente. "O que tinha com o Tanith foi divertido," disse Sergei. "Mas agora terminou, para nunca voltar. Haverá outras que me farão sentir da mesma maneira que ela me fez. Precisa ter o espírito do totentanz, Lili. "

"Você é um porco, Sergei!" Lilith lhe cuspiu enquanto saía do banheiro das mulheres, golpeando a porta atrás dela.



3

Ela cruzou furiosamente o salão, fazendo um sinal ao garçom para que lhe servisse outra bebida. Tomou um profundo gole de sangue tradicional, só para fazer uma careta de desgosto. Empurrou a bebida e voltou a se reunir com os outros, perto de se chocar com o Jules. Cujo sorriso desapareceu rapidamente quando viu o olhar em sua cara. "Aconteceu algo ruim?"

"Quer dizer, além de Tanith estar morta e que nunca mais vai voltar?" respondeu ela, com a suficiente força que os mais próximos a eles ficaram em silêncio e a olharam. "OH, sinto muito," disse Lilith ao mar de caras vagamente conhecidas que a olhavam assombrados. "Não quis dizer que interrompessem a festa. "

"Estão fazendo o que ela teria feito", disse Jules. "Tanith amava as festas mais que ninguém. Você sabe. Ela o teria querido desta maneira. Nenhum de nós pode mudar o que aconteceu. Tudo o que podemos fazer é seguir como o fizemos antes e não deixar que isto nos mud ".

"Sei." Lilith suspirou. "Acredito que ainda estou atordoada, isso é tudo".

"Jules! Homem! O que está esperando?"

"Ahn? OH, olá, Sergei", respondeu Jules, momentaneamente distraído pela chegada de seu amigo.

"Esquece-o, então," Lilith grunhiu lançando a Sergei um olhar tão negro e resplandecente como vidro vulcânico " Vou para casa"

"O que aconteceu com ela?" Sergei perguntou. "Foi algo que eu disse?"

O domingo era a noite da limpeza na casa dos Monture. Enquanto tirava os lençóis da cama de sua mãe essa tarde, Cally tinha encontrado outro aviso da companhia elétrica de interrupção do serviço, sob o colchão, onde Sheila habitualmente escondia as coisas com as que não queria lidar. A roupa tinha que esperar. Cally não tinha o dinheiro que havia previsto do parque e precisava compensar a diferença se queria manter as luzes acesas. Desde que Van Helsing faziam o parque muito incômodo, tinha que dar a ronda mais perto de casa. E só havia um lugar no Billyburg onde pudesse encontrar o tipo de presa que necessitava: Underbelly

Cally foi ao seu quarto e vasculhou seu armário à procura de algo para ficar sexy. Finalmente se decidiu por uma minissaia justa amarela com um espartilho verde , sabia que mostravam seus ombros de alabastro e suas pernas torneadas ,suas melhores vantagens. Logo deslizou –para o novo par de saltos Miu Miu³¹ que tinha comprado a semana passada na loja de usados do Bedford Avenue.

Depois de vestida, passou o lápis de olhos e o labial, como sua avó tinha ensinado, usando só seus finos dedos como guia. Uma vez que tinha terminado, secretamente se jogou uma rápida olhada no espelhinho que guardava em sua velha bolsa, só para se assegurar de que tudo estava bem.

Caminhou através da sala e viu que sua mãe estava distraída em outro filme. desta vez estava vendo As Noivas da Drácula.

"Tenho que sair. Volto já, Mamãe ", disse Cally, tratando de se fazer ouvir por cima Dolby de 5.1³²

³¹ NT: Marca pertencente à Prada, destinada ao público jovem

³² NT:Som Digital



54

"Tome cuidado, querida", respondeu Sheila Monture, agitando a mão em um adeus sem se incomodar em olhar mais que da tela plana .

Situada no porão de uma antiga fábrica de maionese, Underbelly era o tipo de clube onde a identificação raras vezes era verificada, bebidas se serviam fortes, e as drogas passavam livremente pelas mãos, em resumo, era um bom lugar para caçar.

O porteiro nem lhe deu um segundo olhar, já entrou no clube. Pediu um gole no bar e, logo fingiu desfrutá-lo enquanto jogava uma olhada no salão. Mesmo no domingo, estava repleto de exibicionistas internacionais, jovens modelos e outros com calças na moda manchadas de pintura e os braços abarrotados com tatuagens.

"Cally! Onde você se meteu? "

Voltou-se para sorrir a Simon Magi, um velho amigo da escola do Varney Hall. Ele apertou seu braço amigavelmente, assinalando a Cindy Darko, que os estava chamando por cima de uma das mesas fracamente iluminadas que se alinhavam nas paredes do bar. "Não ouvimos nada de você no fim de semana", disse Cindy . "E aí? Não está respondendo às mensagens?"

"OH, estive por aí," disse Cally, se deslizando na mesa frente a eles. "Encontrei problemas do outro lado do rio na outra noite. Washington Square Park está rastreado por Van Helsing".

"Você está bem?" Perguntou Simon, mostrando cara de preocupação.

"Sim. Os mandei pra longe. Mas vi estacaram alguém enquanto eu estava ali.

"Patriarcas, tenham piedade!" Cindy exclamou, cobrindo a boca em surpresa. "Era alguém que conhecíamos?"

"Não", respondeu Cally, sacudindo sua cabeça. "Era uma Old Blood"

Simon e Cindy intercambiaram um olhar de alívio. "Graças aos Patriarcas por isso, ao menos." Cindy suspirou.

"Então, está pronta para a grande prova para pôr as iscas do Sr. Dirige desta semana?" perguntou Simon.

"Sim. A respeito disso. "Conhecendo como era intensa era a rivalidade entre sua velha querida Varney Hall e a Academia Bathory, Cally sabia que se dirigia a águas perigosas. "estive fazendo mudanças nas última noites. . .".

"Como assim?"

"Parece que meu estúpido pai tem feito grandes planos para mim".

"Seu pai?" Simon franziu o cenho. "Aquele que você nunca conheceu?"

"Esse". Cally respirou profundamente. Sabia que podia deixar para lá. Poderia também contar e terminar logo com isso. "Ele *decidiu melhorar minha educação* me enviando à Academia Bathory".

"Não brinca!" A cara do Simon de repente se mostrou tensa.



"Eu queria. Amanhã é minha primeira noite. Tenho que levar um uniforme escolar e tudo. Esta tarde entregaram os uniformes lá em casa. Espero que nunca me vejam com ele." Cally fez uma careta em desgosto.

"Mas Bathory é uma escola de Old Bloods!" exclamou Cindy, afirmando o óbvio.

"Foi bem difícil na escola Varney Hall, só posso imaginar como me receberão em Bathory. Mas Tenho que fazê-lo ".

"Sim, bom, boa sorte com isso," disse Simon, "Falando da escola, é melhor que Cindy e eu irmos logo".

"Huh?" Disse Cindy, surpreendida pelo repentino anúncio do Simon. "Ir aonde? Ainda é cedo. . .".

"Lembra?, Cindy," disse Simon, arrastando-a fora da mesa tomando seu cotovelo."Temos esse exame de direção de não-mortos manhã ".

"Temos? OH! Certo! Temos!"

"Está bem. Entendo", disse Cally, enquanto eles saíam apressadamente.

Tinha esperado mais apoio de parte de Simon e Cindy e estava ferida e decepcionada por sua resposta. Mas inclusive Cally se sentia como uma traidora para os New Bloods, que uma vez tinham sido seus amigos mais próximos.

"Importa se eu me sentar?"

Cally olhou acima através de seus escuros pensamentos e se surpreendeu de ver um rosto conhecido sorrindo para ela.

"O que está fazendo aqui?" ofegou quando Peter se deslizou na mesa.

"Esperando que você aparecesse."

"Está me espreitando?" perguntou Cally, não estava segura de se alegrar ou se alarmar. "Como soube que estaria aqui? "

"Tenho formas de obter informação", respondeu, lhe mostrando um olhar que sugeria não ser uma brincadeira.

Cally inclinou sua cabeça com incredulidade. "estava sem fazer nada esperando que eu aparecesse? por que faria isso? "

"Assim poderia te agradecer por salvar minha vida".

"Fez isso na outra noite."

"Prefere que eu vá embora?", Perguntou.

Cally olhou nos olhos do Peter e sentiu uma sacudida pela atração, tão forte, mais que a primeira vez que seus olhares se cruzaram. "Não", admitiu. Era uma espécie de ironia que ele tivesse se



mostrado justo quando Simon e Cindy tinham ido. "Para te dizer a verdade", disse com um sorriso torcido, "De fato estou mais ou menos encantada em te ver."

"Estava esperando que dissesse isso." Peter sorriu, tomando suas mãos com as dele. "Cally tenho que te fazer uma confissão. Desde que te conheci, não posso te tirar de minha cabeça. Não entendo o que estou sentindo. Mas você o sente também?"

"Você não sabe quem sou", sussurrou Cally, não querendo que terminasse

O sorriso do Peter vacilou e rapidamente olhou ao longe, incapaz de fazer frente a seus olhos.

"Sei mais do que pensa que sei. . . . Não te disse meu nome completo, Cally. Tive medo ".

"Medo?" O coração do Cally a golpear como um colibri apanhado em uma teia de aranha. "por que teria medo de mim?"

"Porque pensei que me mataria ao saber quem sou realmente. "

À medida que escutava as palavras de Peter, Cally sabia que não queria escutar o que tinha a dizer. Ela olhou ao redor inquieta enquanto tratava de recuperar sua compostura e forçou a seus lábios a retornar um sorriso. "por que quereria te matar? Isso é uma loucura".

"Cally, meu nome é Peter Van Helsing".

Cally ficou ali sentada por um longo tempo.

"Tenho que ir ",disse entre dentes, se atirando para liberar suas mãos.

Quando se levantou, ele agarrou-a, apanhando-a pelo braço. "Cally, não é o que pensa! Não está em perigo! Não vou te fazer mal! "

"Me deixe em paz!" disse bruscamente, sacudindo para se liberar de seu agarre. "Se afaste de mim, Peter! Não quero te ferir, mas se tiver que fazê-lo! "

Então ela se foi.

Cally corria pela avenida Metropolitan, vertendo lágrimas em seus olhos com ira. Em algum momento, mesmo inconscientemente ela devia ter sabido, que ele era um verdadeiro Van Helsing . O que realmente lhe irritava era como se repetia sempre toda a maldita coisa: vampiro e caçador de vampiros se apaixonando um pelo outro a primeira vista. Quão mal poderia ser isto? Era tão patética como sua mãe. Mas pelo menos sua mãe sabia no que estava se metendo desde o início, inclusive na realidade ela buscou.

No que concernia a Cally, não havia nada mais doente e repugnante que amar alguém dedicado ao genocídio sistemático de seu povo, por outro lado, por mais nefasto que isto fosse, ela esperava poder vê-lo outra vez.

A mãe do Cally estava esperando-bem atrás da porta quando chegou em casa.

"Aqui está amorzinho! Amanhã vai ser uma noite muito importante para você, então quero que se assegure de ter um bom dia de sono! Isso significa que não ficará se pé até tarde, mocinha! "Sheila



atirou seus braços ao redor de sua filha, apertando seu abraço. "Não vai se arrepender!, prometo! Verá que tudo vai ser bem melhor! "

"Tá. Tanto faz.". Cally suspirou enquanto brigava por se liberar do abraço de sua mãe. "Vou tomar uma ducha antes de ir para a cama."

Cally foi para o quarto no final do corredor. Fechou de repente a porta atrás de si e tirou os sapatos. Como se os acontecimentos da noite não a perturbassem o bastante, a primeira coisa que viu foi um dos uniformes da academia Bathory colocado ao pé de sua cama, igual à pele vazia de uma serpente

NOVE



Não há nada no exterior da Academia Bathory que sugira que seus alunos sejam vampiros neófitos. Não há nenhum sinal externo de natureza bizarra sobre seu ensino. A menos que você conte as janelas eternamente fechadas. Muito bem projetada a mansão de três pisos localizada ao leste da rua Noventa e um foi construída por um barão salteador, ainda quando Upper East Side era subúrbio. Na verdade o único edifício a fazer frente a elegância da Academia Bathory é seu anexo masculino, é a escola pra meninos Ruthven, localizada dois quarteirões acima na rua a leste Oitenta nove.

Toda segunda-feira até a noite de quinta-feira, a partir do final de setembro até o início de maio, uma sucessão de limusines estacionam na frete da escola, levando o fluxo constante de jovens moças vestidas com casacos marrons e saias plissadas. Na maioria das noites os alunos permanecem no prédio até as duas da manhã, as vezes até as quatro. Muitas vezes, grupos de estudantes são acompanhados pelos professores, levados em limusinesbrilhantes numa misteriosa excursão de campo a meia-noite.

Comentários a parte, as meninas e os professores tem sido como fantasmas para gerações de cidadãos nova-iorquinos, vizinhos da escola. E aqueles que não se detem a se envolver com seus próprios assuntos tem uma tendência de desaparecer para sempre.É sempre mais seguro explicar que a Academia Bathory é uma escola privada que funciona a noite para meninas ricas e mimadas



que não querem serem incomodadas para levantar bem cedo e preferem dormir a luz do dia em nas águas-furtadas de suas mansões.

Vestir-se era uma das coisas preferidas de Cally. Ela sempre teve um toque de estilo em suas roupas. Desde que ela tinha idade suficiente para falar, ela foi autorizada a se vestir como quisesse, ou pelo menos tanto quanto seu bolso permitisse. Ela gosta de comprar tecidos incomuns, fitas e rendas para customizar saias e vestidos que encontra em brechós e no mercado de pulgas.

Quando ela se vê no espelho olha o casaco marrom e a saia cinza com nojo. É tão cinza e medíocre, comparado ao que ela normalmente usava. Mais do que nunca desejou ser humana e poder fazer uma tatuagem! Infelizmente, os vampiros se curam rápido e tinta literalmente é empurrada para fora da pele logo que aplicada. Talvez houvesse outra maneira menos drástica para proclamar sua individualidade em sua primeira noite na nova escola.

Ela abriu a caixa de jóias na penteadeira e retirou um par de pulseiras antigas herdadas de sua avó. Uma delas era uma cor pálida de azeite que quase poderia passar-se por jade, e a outra era um amarelo girassol.

“Assim está melhor.” Disse ela com um sorriso e deslizou as jóias em seu pulso esquerdo. Enquanto ela estava na plataforma elevada da Avenida Marcy, o vento chicoteava suas pernas expostas Cally encontrou mais um motivo para odiar seu uniforme escolar. Ao julgar pelo número de olhares assustadores que ela estava recebendo, ela era um imã para pervertidos.

Enquanto subia as escadas da escola, Cally perguntou quem estava esperando por trás das portas de glóbulos vermelhos de Bathory.

A primeira coisa que ela viu quando entrou foi o retrato de uma mulher extraordinariamente atraente, com o rosto branco como leite emoldurado por seus cabelos vermelhos. A sombra de lavanda de seu vestido fluíu compensando seus brilhantes olhos verdes. Em uma mão ela segurava um fino rolo de pergaminho em branco e na outra o calcanhar de um notário.

O que Cally achou particularmente notável foram olhos da mulher. Ao contrário das pinturas do início da era romântica que Cally tinha visto em um museu, não havia nada de tímido ou vaidade nos olhos da mulher. Em vez disso, ela irradiava uma mistura de sabedoria, curiosidade e determinação. Ela parecia estar olhando com expectativa para Cally, como se estivesse feito uma pergunta e aguardasse pacientemente a resposta.

Cally caminhou para olhar a placa de bronze no interior da moldura no retrato. Para sua surpresa, a inscrição estava em Inglês, e não a escrita cônica formal de sangue velho. Lia-se: A Nossa Fundadora, Karnstein Morella.

Embora a mulher na pintura estivesse morta há muito tempo, Cally sentiu que a escola de alguma forma era acolhedora. E, que talvez ela pudesse se encaixar. Mas, primeiro ela precisa localizar o secretário da escola e descobrir onde é sua classe.

Cally olhou ao redor, de repente, consciente de como o prédio estava vazio. Embora houvesse pelo menos setenta alunas que freqüentavam a escola, não se ouvia vozes vindo das salas fechadas ou o chacoalhar dos armários. O único som era o clique do teclado de computador, vindo do escritório do seu lado direito.



Ela andou e viu uma mulher de meia idade vestida com uma jaqueta cinza e saia, cabelos longos e escuros em um coque por um lápis enfiado estrategicamente. Ela estava sentada atrás de uma mesa, integrada a um computador.

Vendo Cally a secretária da escola deu uma pausa, parando os dedos na tecla.

“O que esta fazendo aqui?” A secretaria perguntou severamente.

“Desculpe-me, gaguejou Cally, surpresa com a severidade da mulher. “Eu sou aluna nova e me disseram que teria que procurar pela secretária da escola, quando chegasse aqui. . .”

“Você é New blood”, afirmou a secretária, seu lábio superior enrugou-se como se algo cheirasse mal. “E você está atrasada.”

“Eu sei”, disse Cally. “É que tive que pegar o metrô para chegar até aqui e levou mais tempo do que pensei.”

“O atraso não é tolerado na Academia Bathory. Também é regulamentada sua roupa, jóias e acessórios”, disse a secretária secamente enquanto observava o penteado incomum de Cally e suas pulseiras coloridas. “Tais declarações pessoais de moda podem ser aceitáveis em um lugar como Varney Hall, mas aqui é mal vista. Você faria bem em lembrar, senhorita Monture”.

“Sim Senhora”, Cally respondeu calmamente.

A secretária levantou-se, caminhou rapidamente para um armário cheio, e tirou uma pasta. Ela foi para uma máquina copiadora e puxou um pedaço de papel a partir da pasta para o vidro. Sua linguagem corporal, deixando claro que ser forçada a auxiliar uma New blood, era frustrante demais.

“Este é o seu horário de aula,” disse literalmente a mulher puxando o papel da copiadora no rosto de Cally. Você deve se apresentar a Assembléia imediatamente. Entendeu?

“Acho que sim.”

“Então vá juntar-se as outras”, disse ela brevemente puxando a porta atrás dela.

“Obrigada”, murmurou Cally baixinho enquanto estava no corredor, as sobrancelhas franzidas por causa de seu horário de aula.

Foi impresso em escrita cônica, linguagem usada pelos patriarcas, o que parecia ser um cruzamento entre chinês, sumério e língua de frango. Ela aprendeu a versão simplificada da língua na Varney, mas não estava familiarizada com a versão formal preferida pelos de sangue acadêmico. Ela teria de decifrar para saber exatamente quando, onde e quais as classes. Para piorar a situação, Cally não tinha idéia de onde encontrar a gruta.

O zelador continuou empurrando a vassoura pelo chão.

Ela olhou em volta, desesperada para encontrar uma visão de uma estudante ou membro do corpo docente, mas o primeiro andar da escola estava deserto, exceto pelo zelador vestido de cinza empurrando lentamente a vassoura. Uma vez que sua família não tinha funcionários, Cally não cresceu cercada por mortos-vivos, aliás como a maioria de seus amigos New Blood, que têm evitado criar mortos-vivos. Não que ela tivesse medo ou algo assim, é que não sabia para onde olhar ou o



que dizer quando eles estavam perto. Ela se sentia super estranha em estar esperando uma mão ou ao pé do seu povo - ou pelo menos alguém em sua família – que estivesse essencialmente morto.

Ela aproximou-se do zelador que estava limpando o chão e delicadamente colocou a mão sobre a boca para tossir.

“Desculpe-m ...? Oi?” disse Cally, um pouco mais forte que antes, desta vez dando um tapinha em seu ombro.

O homem com a vassoura saltou ligeiramente. Virou-se para olhar com uma expressão de surpresa em seu rosto. “Você esta falando comigo senhorita?”

“Sinto ter interrompido seu trabalho, mas suponho que você deva saber aonde tenho que ir.”

“Eu sou apenas o zelador, senhorita.”

“Sim, posso perceber isso, só quero saber onde fica a gruta.”

“Fica no terceiro piso, senhorita”, disse o porteiro retornando a sua vassoura.

“A gruta fica acima?” Perguntou ela, franzindo a testa, olhando pra o andar acima de sua cabeça.

“Não senhorita.” Respondeu o porteiro com aceno de cabeça. “fica embaixo”

“Mas como chego lá?” O funcionário não disse nada, apenas apontou para uma porta no final do corredor.

“Mas isso é o armário da despensa”, disse ela, franzindo mais do que antes. Ela virou-se para fazer outra pergunta, apenas para perceber que já havia retornado pra fazer a limpeza do chão e estava virando a esquina.

Cally coçou a cabeça, intrigando-se com os sinais do zelador. No entanto, apenas para estar em lugar seguro, ela caminhou pelo corredor e espreitou para dentro do armário de materiais de limpeza. Em vez de esfregões ou cera para piso, viu um grande elevador com um operador não morto vestindo uma jaqueta com brasão da Academia Bathory.

“Eu tenho que ir para a gruta”, disse ela hesitante. O operador do elevador tinha o mesmo olhar vago do, o que estava começando a assustar.

“Muito bem, senhorita”, disse o ascensorista, empurrando a primeira porta interna do elevador e depois a porta se fechou atrás dela.

Cally levou as mãos a uma das barras laterais para se segurar, como num carro que de repente começasse a andar.

“Eu sou nova aqui”, explica ela. “ Você pode me dizer o que é a gruta?”

“Eu não sei, senhorita”, respondeu o operador com os olhos fixo nela. “Eu nunca vi”.

Cally franziu a testa, intrigada com a resposta. “Quer dizer que você trabalha aqui e não sabe onde fica a gruta?”



61

"Eu sou o operador do elevador, senhorita", respondeu ele, como se isso explicasse tudo. "É meu dever levar os alunos e professores de um andar para outro. Venho fazendo isso há anos, em que anos estamos, senhorita?"

"2008".

"Ahhh." Ele balança a cabeça lentamente. "Nesse caso, eu estive neste elevador cento vinte e sete anos. É tudo o que sei. Tudo o que há".

"Ah, entendo", disse Cally, agora oficialmente rastejando para fora. Ela decidiu passar o resto de sua longa jornada até a misteriosa gruta em silêncio.

Ao sair do elevador, Cally ouviu uma estranha mistura de ruídos e interferências de tubulações, como se alguém tivesse irritado uma colméia de abelhas e jogado em uma caverna cheia de morcegos. Ela seguiu o som, andando por um longo corredor abobadado que termina em uma enorme porta que estava aberta.

Enquanto se aproximava, o zumbido tornou-se o som de dezenas de vozes falando com entusiasmo e estavam usando a linguagem real, aquela dos patriarcas.

Cally cruzou com uma cruz gigante e se encontrou não em uma sala, mas em uma caverna, grande e imponente como uma catedral. O telhado era mais de duzentos metros acima de sua cabeça, apoiado em seis pilares de pedra maciça, se ela lembrava direito do que ela havia aprendido com o guia turístico de um passeio que ela e sua avó fizeram em Howe Caverns quando ela tinha dez anos. As formações da enorme rocha desciam penduradas no teto como pingentes gigantes, enquanto as que saíam do chão, pareciam empurrar para cima, lembrando o formato de presas, enormes.. Mas, mais surpreendente que a gruta secreta, foi ver tantos vampiros reunidos num único local. A maioria dos vampiros estavam em sua forma humanóide, vestidos com uniformes das Academias Bathory ou Ruthven, sentados repousando como gárgulas em cima de algumas das estalagmites³³. Mas havia um certo número deles que, com suas asas, agarravam-se às paredes íngremes e as estalactites maiores, com a cabeça pendurada, como feixes de rapé pendurados em um celeiro.

Ela fez seu caminho pelo labirinto de rochas sem ousar olhar para os lados, procurando um lugar para ficar, quem já estava em seu lugar se virava para olhá-la com seus olhos brilhando na escuridão. Ela sabia que viam nela uma novata, um rosto não familiar entre os famosos pela sua exclusividade.

Quando ela tentou escalar uma estalagmite, sem discutir, uma menina de cabelos ruivos e olhos cor de esmeralda pulou de uma rocha, assobiando como um gato, Cally protegeu-se da intrusa.

'Este lugar é meu!' Cally queria dizer a ruiva para beijar sua bunda, mas entrar numa briga em seu primeiro dia, provavelmente, não seria a melhor maneira de começar as coisas.

Murmurou uma desculpa e seguiu seu caminho olhando. Cerca de um minuto depois encontrou um lugar para ficar e rapidamente o alcançou.

"Posso ter sua atenção, por favor?"

^{33 33} são formações que crescem a partir do chão de uma gruta e caverna que vão em direção ao teto, formadas pela deposição de carbonato de cálcio arrastado pela água que goteja do teto



62

Não foi realmente um pedido. Como as palavras ecoaram em toda a caverna, os estudantes reunidos calaram-se e viraram-se para a voz. Cally seguiu o olhar dos outros e viu uma mulher de óculos, com uma dramática mexa branca no cabelo preto. Ela ficou na boca da pequena caverna que ficava suspensa como um púlpito.

"Em consideração a nossos irmãos de Ruthven, permitam que me apresente. Eu sou Madame Nerezza, diretora da Academia Bathory. Nossas escolas estão reunidas aqui hoje para reconhecer a passagem de um dos nossos, que foi atacado por Van Helsings sábado cedo. Seu nome era Tanit Graves, filha de Dorian e Graves Gergina, e era do terceiro ano aqui em Bathory.

Houve um breve momento em que os alunos se entreolharam. Embora alguns tenham engasgado de surpresa, a maioria dos alunos simplesmente permaneceu sentada em silêncio, tão silenciosamente como rochas em descanso.

"Meus mais sinceros pêsames, assim como dos professores da Bathory, se estende a família da senhorita Gaves e aos amigos dela. Como todos vocês sabem os patriarcas fora convocados há mais de vinte mil anos da região infernal, apenas para encontrar-se presos nesta dimensão. Desde os primeiros dias, nossa espécie tem lutado para sobreviver em um mundo que não é nosso. No entanto, apesar das dificuldades; nós não só resistimos, mas prosperamos. No entanto, nosso sucesso não veio sem oposição, e muitas vezes nos obriga a pagar um preço elevado. Se há algo de positivo para aprender com essa tragédia, deve ser esta: Van Helsings são muito reais. Percebo que este é um momento emocionante para vocês estudantes. Vocês estão a beira da idade adulta e experiência que anseiam para esticar suas asas, figurativa e literalmente. Vocês estão com fome de abraçar a noite, que é o seu legado. Mas só porque vocês são mais fortes e rápidos que seres humanos e possuem poderes que neles faltam, não se iludam em acreditar que não têm de temê-los!" Senhora Nerezza fez um pausa e olhou no rosto dos jovens, em seguida, fez um gesto com a mão esquerda. "Olhe para a pessoa que está a sua esquerda", ela ordenou.

Cally olhou para uma menina de cabelos pretos traçados com duas fitas vermelhas.

"Agora olhem a sua direita", indicou a diretora.

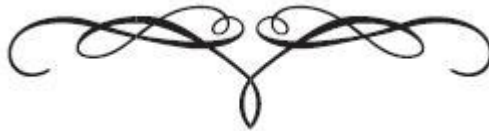
Todos obedeceram, exceto a menina que estava a direita de Cally. Ao invés de ver a parte de trás da cabeça de seu vizinho, Cally encontrou-se olhando diretamente o rosto da loira, que havia contestado no parque. A julgar pela expressão em seu rosto, havia um ódio brilhando em olhos azuis, a loira também reconheceu Cally.

"Em cem anos, um dos três de vocês estará morto. Disse Madame Nerezza. "Essa é a vida de nossa espécie. E é nosso dever nessa escola prepará-los para isso.

Cally tragou a saliva, rapidamente olhando a ruiva de olhar ardente. Algo lhe disse que não seria preciso espera cem anos para constatar o que a diretora disse.



DEZ



Quando todo mundo começou a sair, Lilith saiu do seu lugar e começou a procurar entre os alunos que haviam ficado de fora da gruta, com a esperança de ver Jules, ela precisava encontrar-lo antes de voltar para Ruthven assim poderia dizer que acabou de encontrar a 'New blood' do parque.

A medida que serpenteava através de um amontoado de stalagmites, ela escutou a voz de Jules ,logo adiante, depois de uma rocha em forma de cone e o viu ao lado de uma das grandes colunas que apoiavam o telado da gruta, olhando para o teto.

"Louvados sejam os patriarcas, encontrei você",disse apressadamente.

"Oi, Lili, " disse, em resposta. "Estava falando com meu primo",explicou, apontando para cima.

Lilith levantou seus olhos e se encontrou Orlock Xander. Primo de Jules que estava grudado de um lado da coluna como um lagarto de jardim.

"Hum, sim.Hola, Exo," disse Lilith, lutando para limpar a sujeira que estava em seu rosto.

Diferente da maioria dos estudantes de Ruthven e a Bathory, Xander não usava nenhum tipo de bronzeamento artificial. Sua cutis era tão pálida que chegava a ser realmente transparente, lhe dando um ligeiro tom azul metálico. Com seus olhos grandes e protuberantes, dedos largos e



antinaturais, e orelhas pontiagudas, Lilith tinha dificuldade em acreditar que Xander era de algum modo relacionado a Jules.

"Hola, Lilith," disse Xander com um leve aceno. Devido endogamia na família do seu pai, suas presas demoraram muito tempo pra sair completamente, afetando as vezes sua forma de falar.

"Lembra-se da cadela novata que quase nos matou noite passada?" Lilith perguntou para Jules.

"A do parque?" franziu a testa "O que tem ela?"

"Está aqui, na caverna"

"Há um novato em Bathory?" Perguntou Xander "Como isso pode ser possível?"

"Não sei" Lilith grunhiu em desgosto. Talvez ela seja uma New blood, ou isso ou Nerezza não é tão difícil de fazer matrícula."

"Tem certeza que é ela?" perguntou Jules.

"Sim! tenho certeza! nunca esquecerei sua cara enquanto tiver viva!"

Lilith disse bruscamente. "Ela esta sentada perto de mim durante a reunião, a teria matado se a diretora não estivesse lá"

"Olha Lilith, não tem sentido fazer algo precipitado", disse Jules "Você sabe que a escola é uma zona livre de vingança. Se tentar fazer algo a pelo menos uma milha de distância daqui, não só será expulsa, como te arrastarão até o Sínodo e te tratarão como uma criminosa."

"Nunca tinha visto uma verdadeira New blood" Xander sorriu.

"Talvez me coloquem do lado e eu comprove!"

"Cala a boca, Exo" Lilith se irritou, já não podia esconder o incomodo com sua presença. "Ninguém esta falando com você!"

"Muito bem. Sei quando não sou querido." Xander suspirou.

Ele investiu rapidamente sobre a superfície da coluna e saiu disparado de novo para as sombras.

"Ugh! Não sei como aguenta esse estúpido pendurado em você", disse Lilith com um estremecimento.

"Eu admito que ele é bem estúpido, mas é um bom menino, e não consegui ter aventuras por conta própria" Jules riu "Exo fica do meu lado desde pequeno, não precisa gritar com ele".

"Poderia se preocupar menos com Exo? Temos um problema", Lilith disse mal humorada. "Quero saber o que aquela puta novata esta tentando fazer. Primeiro aparece no parque logo depois vem o ataque de Van Helsing, e agora esta aqui! não gosto nenhuma dela, Jules. Tem algo nela que nao gosto. Eu senti no momento que pus os olhos nela, não me espantaria se ela fosse cúmplice do Van Helsing "

" Lilith, o Van Helsing tentando acabar com ela também".



Jules suspirou "Eu estiva lá, lembra? Se ela não tivesse cuidado do Van Helsings, provavelmente estaríamos tão mortos quanto Tanith."

"Porque a defende?" Disse Lilith rispidamente, com os olhos azuis em chamas. "Está dizendo que desejaria que estivesse morta?"

"Você está colocando palavras na minha boca,Lilith" Disse Jules, mordido por sua resposta. "Estou dizendo que talvez você devesse pegar leve, não quero te ver ferida..."

"Oh agora pensa que não estou a sua altura? É isso?" Disse Lilith secamente.

"Está bem, Vocês dois apaixonados, separados" Disse a treinadora Knorring enquanto se aproximava deles. "Todd, vá pro vestiário e se vista para mudança de forma, e. você, Sr.Heartthrob" Apontou para Jules " Levando sua bunda de volta para Ruthven rápido".

"Sim treinadora," Disse Jules, secretamente aliviado por ter escapado

Enquanto corria rápido na direção em que o tunel conectava com a gruta da escola para Chicos Ruthven, Jules tentava não pensar no olhar estrangulador de Lilith, quando falava da Sangra Nueva. Ele sabia o quanto Lilith poderia ser obsessiva.

Esperava que ela superasse o que estava corroendo e começasse a agir como de costume. Isso era tudo que ele queria, de verdade: Para que as coisas voltassem a forma que estava antes do parque. Certamente não é pedir muito?

"Não há nenhum?"

Ela girou para encontrar a menina que havia visto antes, a de cabelo trançado, continuava atrás dela com exceção de que agora havia duas delas, uma com laço roxo e a outra usava laço azul. Cally piscou para assegurar-se de que não era um truque, mas não desaparecia.

"Quero dizer que nada disso é real", disse uma menina com miçangas turquesa no cabelo, "Ao menos não é da maneira que pensa que é. Isso não é uma coisa natural- foi extraída da rocha a mão. Tudo que vê aqui é artificial, especialmente criado, feito em meados do século XIX."

"Na verdade as pessoas construíram isso?", Cally disse isso com incredulidade. Ela olhou ao seu redor de novo, e dessa vez se deu conta que ali sem dúvida havia uma mostra de estalagmite e estalactite em seu tamanho, forma e posição. O mesmo acontecia com as enormes colunas,que se podia ver equidistante entre si.

"Mais ou menos. Utilizaram mãos não-mortas. Levou mais de 30 anos para poder escavar esse lugar, trabalhando vinte e quatro horas por dia".

"Bastante impressionante para um maldito ginásio", disse Cally com uma risada "Obrigada pela informação. A propósito meu nome é Cally Monture,."

"Sou Melinda Mauvais. E as estas são Bella e Bette Maleditto".

"Sou Bella", disse gêmea com fitas azuis.

"Bette", disse a outra gêmea com fitas roxas.



"Encantada em conhecer a todas."

"Gostei das suas pulseiras", disse Melinda. "Onde conseguiu?"

"Isto?" Cally levantou seu braço esquerdo e sacudiu as pulseiras com o pulso. "Minha avó me deu antes dela, eh, antes de ir pra Europa. "

"Nos conhecemos de algum lugar?" Perguntou Melinda, pensando se havia algum lugar, enquanto olhava o novo corte de cabelo da menina. "você vai ao Belfry?"

"Acho que não," respondeu Cally mechando sua cabeça. "É algum tipo de club?"

"Na vinte oeste."

"Oh", disse Cally, "Normalmente não me sinto bem em clubes do centro - já sei, El Sonho, Tribeca... "

"Talvez tenha sido lá que te vi," decidiu Melinda.

"Vou bastante ao El Sonho, Tribeca ".

"Melly!"

Melinda se virou pra ver Lilith que chegava.

Antes que pudesse responder, Lilith a agarrou pelo braço e a levou pra longe de Cally.

"O que você acha que está fazendo?" Lilith bufou para sua amiga.

"Só falando com a menina nova, nada demais", respondeu Melinda, desconcertada pela ira de Lilith. " O que está acontecendo com você?"

"Não sabe quem ela é?"

"Ela disse que seu nome era algo como Cally..."

"É a New blood do parque e é a razão da Tanith esta morta!" gritou Lilith.

Melinda franziu a testa. "Bem que 'achei ela' familiar! Mas o que uma New blood está fazendo aqui?"

"Não sei, mas o que sei é que não quero você falando com ela. Sabe Melly," Lilith grunhiu,

"Eu negligenciei o fato de que esta sendo amável com as mestiças Maleditto, apesar que seus pais serem inimigos jurados do meu pai.! Mas ser amigável com uma New blood - especialmente esta, é outra coisa! Odiaria ter algo como isso no caminho da nossa amizade. Entendeu?"

"Perfeitamente". Melinda fez uma cara de dor quando Lilith puxou mais forte seu braço.

"Quem é a louca" Cally perguntou, apontando pra garota com o cabelo longo que tinha acabado de arrastar Melinda a força.

"Ela é Lilith Todd," respondeu Bella



"Todd? Como Victor Todd? Cally engasgou, com olhos arregalados pela surpresa.

"Ele é o pai dela", disse Bette.

"Muito bem, meninas, Chega! O papo acabou!" Gritou Knorrig, batendo palmas. "Quero que aquelas que tem que ficar aqui entrem nesse vestiário para a aula em 5 minutos! Isso significa você, Mauvais! E você também, Maleditto! Não, não você, a outra Maleditto! Não vou dizer uma terceira vez, Todd! estou falando sério, o resto de vocês, voltem para suas salas onde deveriam estar! Só porque temos uma reunião a tarde não significa que vocês estão livres da primeira aula!"

"Desculpe" disse Cally, olhando para baixo o seu horário de aulas, voltou para a mulher vestida com um moletom cinzas, um par de Chuck Taylors pretos, e um apito pendurado no pescoço e um boné dos Yankees. "você é a treinadora, uh, Knorrig?"

"Eu não sou sua fada madrinha, isso não é óbvio. Sim, eu sou a Knorrig. Você deve ser a menina nova."

"Sim, Senhora. Sou Cally Monture".

"Vem comigo, Monture", disse Knorrig, liderando sua saída da caverna e voltando ao túnel rumo a sua oficina. "Tenho alguma roupa de mudança para você."

"Roupa de mudança" A barriga de Cally se agitou igual uma cortina com uma forte brisa.

"Se trata de uma aula de mudança de forma?"

"Suponho que sim" Respondeu a treinadora Knorrig, tirando de lá a novata aluna de curioso aspecto enquanto abria um armário e tirava uma blusa vermelha de mangas curtas com um zip na frente.

"Que diabos você acha que ensinamos aqui em baixo? dança em quadrilha, yoga? Aqui está, Monture."

"É serio?" Cally engasgou, ajustando as mangas da sua blusa.

"Vou admitir que não é a coisa mais sexy na face da terra, mas foi encantado para mudar junto com vocês de modo que não vão sair peladas por aí, isso é o que importa, ao que me diz respeito. Hora de se trocar. E se certifique de tirar essas coisas do seu pulso,". Disse a treinadora Knorrig, acenando com a cabeça para as pulseira que Cally usava "você não quer arrebentem quando mudar."

Quando Cally deixava o escritório da treinadora Knorrig, a porta através da sala se abriu e um grupo de estudantes apareceu com Lilith olhando para Cally. Enquanto cada uma passava pelo corredor, Lilith olhou para Cally, seus olhos brilhavam como o cano de uma arma.

Então empurrou a menina nova o suficiente para derrubar sua roupa de mudança, a ruiva que havia questionada antes, passou do seu lado pisando no seus dedos.

"owww" Cally urrou, tirando sua mão debaixo do pé da outra menina. "olha!"

"Opa!" Disse a ruiva, dando a Cally uma sarcástica risada.



"Eu sinto muiiito! não te vi aí, como está embaixo do meu pé?"



As outras meninas caíram em uma risada irônica. Quando o grupo seguia pelo corredor, Lilith olhou atrás do seu ombro com um olhar negro e frio em seu traje de ginástica, Cally sacudiu a cabeça fingindo consternação: Apenas a primeira aula do seu primeiro dia na escola e já estava na merda da lista da filha de um dos mais conhecidos no mundo dos Old blood.

Enquanto se apresava para chegar no vestiário para se juntar ao resto da turma, disse a si mesma que se, se concentra nas coisas negativas não iria te levar ao lugar que ela queria chegar. Claro, Lilith estaria de baixo dela, Cally realmente não podia culpá-la, depois do que aconteceu no parque. Mas isso não significava que as coisas tivessem que permanecer assim entre elas.

Da forma que ela via, tinha duas opções: O suportava sua putaria e intimidação como um cachorrinho amedrontado, ou poderia tomar a iniciativa e começar a trabalhar nas coisas entre ela e Lilith.

Hun sim. . Mas é bem difícil se sentir preparada e alto-confiante, quando sua roupa de ginástica está trabalhando pra entrar no seu traseiro.

"Certo, meninas" disse a treinadora Knorrig, movendo sua prancheta. "Essa noite vamos começar com velocidade."

Ela tinha um. "Vamos ver se vocês são capazes de mudar de forma rápido quando estão em movimento, é uma necessidade quando estão sendo perseguidos por Van Helsing, por exemplo, não podem perder seu tempo passando de uma forma pra outra.

Sua transformação deve ser tão fácil como tirar um casaco. Tem que chegar a um ponto morto com o fim de mudar de forma. Quem quer começar primeiro?"

As alunas olhando ao redor inquietas. Ninguém levantou a mão

"Bom, se é assim que vai ser, então acho que vai ser você, Mauvais. O resto de vocês dê a ela algum espaço."

Melinda deu um passo à frente, quando se entretia trançando seu cabelo com as miçangas. "Tenho que fazer treinadora?"

"Não te disse que não continuará com seu cabelo trançado, quando acontece a mudança, não é minha culpa que não prestou atenção, Mauvais".

Melinda suspirou em resignação, Quando as outras meninas da turma formavam um círculo ao seu redor.

"Está pronta?" A treinadora Knorrig perguntou, apontando o botão do cronômetro. Melinda se conformou. "Já!"

Os olhos de Melinda se movimentaram nas orbitas, monstruosamente brancos, quando seu corpo começou a ter espasmo com os pés na terra.

Fez um som úmido parecendo como se os ossos do seu corpo se deslocavam e começavam a deslizar por debaixo dos seus pés. As palmas das suas mãos se escureceram e incharam como almofadas, e apareceram garras retráteis no branco das suas unhas, Quando Melinda jogou sua



cabeça pra trás e abriu sua boca o máximo que podia, enormes presas amarelas deslizava de suas gengivas. Sua orelhas cresceram e se alargaram dando a impressão que iam para a parte superior de sua cabeça, e o rugido de um grande gato surgiu da sua garganta.

Era um som como se alguém golpeasse um saco de laranjas meio-podres com um taco de beisebol. Suas narinas se abriram abruptadamente rumo ao interior do seu crânio.

Ela fechou os lábios em um grunhido, quando a ponta do seu nariz se alargava ainda mais. Bigodes dispararam fortes do seu focinho. Ao mesmo tempo, que o cabelo em cima da sua cabeça se retorcia com vida própria,

Espalhando miçangas para todos os lados, sua pele se espalhou através da sua coluna vertebral. Por fim, não conseguia mais ficar em pé, e acabou ficando em quatro patas, um profundo e brutal som a entre um ronroneio e um grunhido e ela estava transformada em uma fera.

"E tempo!" A treinadora Knorrig quando apertou o botão de pare. "Vinte ponto e cinquenta e sete segundos."

Tirou uma caneta de trás da sua orelha e escreveu algo na sua prancheta.

O que estava agachado no centro do semicírculo, não era exatamente uma pantera, mas era bem parecido com uma. A primeira vista parecia um gato selvagem, mas quando Cally olhou mais de perto, não via a calda e viu também que ele tinha polegares ao invés de garras.

"Foi um bom tempo?" Melinda perguntou esperançosa quando terminou de voltar a sua forma humana.

"Não está ruim, mas tem que fazer melhor", respondeu a treinadora Knorrig. "Agora recolha suas miçangas".

"Tenho essas coisas sempre comigo" Melinda falou ao se ajoelhar pra recolher os pedaços que restaram do seu colar turquesa.

"Talvez da próxima vez me escute quando te dizer pra não usar nada na transformação. Bem, Monture: você será a próxima".

"He? Quem? Eu? Cally olhava ao seu redor, com uma cara confusa.

"Sim, você. Tome seu lugar".

"Eu-Eu não sei se posso fazer isso, treinadora"

"Claro que você pode!" A treinadora franziu a testa. "É só uma questão de querer".

"Não foi isso que eu quis dizer" .respondeu Cally. Suas bochechas ficaram vermelhas "É só que, na minha escola antiga, agente só ia ter essa matéria no quarto ano".

"É serio? Tão tarde?" a treinadora a olhou com raiva. "Você veio de que escola?" Perguntou, olhando nos documentos na sua prancheta. "A academia Cauchemar em Paris? A escola Glamis, na Escocia?"

"Varney Hall".



"O que?" A treinadora Knorrig quase deixa cair sua prancheta.

"A diretora não me disse que você era uma New blood." E fez um sinal para que Cally se aproxima. "Olha, menina, essa é uma turma intermediária. Todas as meninas passaram na introdução de mudança de forma no último ano. Você tem que falar com a diretora e averiguar o que você está fazendo aqui, não quero você atrapalhando o resto da turma. A última coisa que quero é que você termine aleijada pelo resto da sua vida, porque não pode voltar sua perna ao normal e voltar os ossos dos seus dedos corretamente, supondo em primeiro lugar, que consiga mudar de forma."

"Significa que estou livre da aula?" Perguntou Cally esperançosa.

"Você gostaria." A treinadora Knorrig sorriu "Significa que você está correndo de volta. Apartir de ...agora".

Enquanto Cally passava pelas estalagmites com forma derretida de uma Estátua da Liberdade do século XXV, uma sombra apareceu em cima da sua cabeça e se apressou pra baixo, com asas negras implantadas e afiados caninos em sua boca aberta.

Segundos antes de a criatura tocar o chão se dissolveu como uma miragem no deserto e a treinadora Knorrig apareceu na frente dela usando seu moletom. "Isso é o suficiente para essa noite, Monture.vá tomar uma ducha".

"Isso foi incrível, treinadora!" Disse Cally como se recuperasse sua respiração, "Nem se quer vi como mudou".

"Esse é o ponto, menina. Todo mundo começa lento. Mas depois que se aprende tudo, você pode mudar num piscar de olhos. Fala com a senhora Nerezza sobre sua turma. Preciso ter uma idéia do que você pode ou não fazer fisicamente. Você vem aqui depois das aulas esta noite para que possa trabalhar em uma avaliação de suas habilidade."

"Certo, treinadora.Obrigada".

"Ah, está certo, Monture. Porque não me corrigiu quando te chamei de New blood?"

"Desculpe?" Perguntou Cally, não entendendo o que a treinadora queria dizer.

"Nerezza disse que você esta aqui pela concessão de um legado", disse a treinadora de uma maneira significativa. Quando Cally não respondeu, Knorrig suspirou e sacudiu a cabeça. "Isso te faz, uma Old blood,Monture.",Explicou.

"Só por um lado, senhora", explicou Cally tranquilamente.

"OH!" exclamou a treinadora, abrindo seus olhos ligeiramente."Assim! Você é uma mestiça? EH? Bom, um dos pais das gêmeas Maleditto é um New blood,e elas estão entre minhas melhores alunas"

Quando voltava para o vestiário, Cally viu Lilith Todd indo até ela. Vendo a oportunidade se apressou para alcançá-la.

"Lilith-?"



77

A ruiva se virou, mas quando viu que era Cally, sua face se endureceu e seus olhos piscaram de puro ódio. "O que você quer, novata?" Ela grunhiu.

"Só falar, só isso", respondeu Cally. "Olha eu sei que não entrei com o melhor pé na outra noite. Tinha que cair fora, mas a verdade é que eu não quero dizer nada disso, honestamente. Eu sinto pela sua amiga. Queria te dizer isso. Mas não existe mais nenhuma questão de sangue entre nós duas agora que estamos na mesma escola. O que você acha?" Perguntou, enquanto estendia a mão aberta para Lilith. "Vamos começar do zero?"

Lilith franziu a testa como se a mão de Cally estivesse cheio de esterco fresco. "Não sei que tipo de jogo você esta querendo jogar comigo, sua vaca, mas não estou caindo nele."

"Jogo? Que jogo?" Perguntou Cally. A despeito de seu desejo verdadeiro de acertar as coisas estava começando a ficar irritada. "Estou tentando ser amável aqui..."

"Isso é pra perdedores, Monture." A cara de Lilith se contraiu com repugnância

"A final de contas, parece que você conseguiu falar com Madame Nerezza pra te deixar entrar em Bathory. Mas, se ficar perto de mim as coisas vão ficar ruins para você, muito ruins.

"Você se livrou facilmente na outra noite porque me pegou de surpresa, mas não vai acontecer de novo. Se você tiver juízo, deixe essa escola em um minuto e fique longe de mim por toda a sua miserável vida. Porque se me encontrar com você de novo fora dessa escola horrorosa juro que vou te matar".

"Isso é uma ameaça, Todd?"

"É um aviso, Monture," Lilith respondeu friamente.

"E outra coisa: Fique longe das minhas amigas! A próxima vez que te pegar olhando pra elas, te arranco os olhos fora das órbitas, e te dou para comer."



ONZE



Caligrafia era a última aula da noite para Cally. Olhou a fila dupla de antigas mesas com seus tinteiros. Sabia que sentiria falta de seus amigos, mas não esperava perder o toque moderno da Varney. Bathory era tão retrô que parecia que tinha atravessado um túnel do tempo, até havia crepitantes luzes a gás que eram a única luz nos corredores subterrâneos.

Quando Cally se moveu para pegar o assento na parte dianteira da sala, Carmem Duivel passou ao seu redor e rapidamente se sentou na cadeira.

“Este é meu lugar, novata.” Carmem sorriu. “Sempre me sento aqui”.

Cally suspirou e se aproximou da cadeira ao lado, só para que Melinda Mauvais bloqueasse sua intenção de sentar.

“Sinto muito” disse Melinda, tratando de não olhar Cally na cara enquanto falava. “Este lugar está ocupado”.

Cally já havia experimentado essa estratégia infantil, tanto em ‘Domínio de sua Besta’ como em ‘Hipnotismo’. Sentou-se no final da classe e esperou que o professor não gastasse toda a aula olhando-a como se fosse uma espécie de inseto repulsivo.

“Senhoritas, por favor, abram suas carteiras e tirem os materiais de caligrafia” Madame Geraint anunciou quando parou diante da lousa. A professora de caligrafia era uma mulher magra, com mãos excepcionalmente dramáticas. Seus dedos se moviam com uma graça sobrenatural, como algas flutuando suavemente na corrente.

Cally abriu a tampa de sua carteira e encontrou uma caixa para papel de escrever pintada de preto. Sua tampa estava decorada com incrustações de madrepérola que representavam o selo da Academia Bathory: um gótico B maiúsculo emoldurado por plantas de Acônito e Beladona. Em seu interior, várias folhas **quadradas de pergaminho, um peso de papel plano de pedra e uma pena de escrever de seis polegadas de ébano.**



Madame Geraint utilizava um ponteiro de madeira e golpeava um gráfico que parecia uma cruz entre um ideograma chinês e um desenho de borrado Picasso.

“Esta noite praticaremos a maneira correta de escrever a palavra sangue em Chtonic. Na língua verdadeira, seria chamada desta maneira” Clareou a garganta e logo emitiu uma rápida série de ultra-sons. “Tenham em consideração que, a palavra para sangue se pode utilizar para descrever a vida, a alimentação, a família, devido que esta palavra é a mais importante no nosso vocabulário. “Penas acima, damas! Começar!”

Cally tirou uma folha de pergaminho da caixa de papel, colocando cuidadosamente o peso de papéis na parte inferior da página. Por sorte, ela havia tido aulas de caligrafia em Varney, assim, não estava completamente perdida. Entretanto, dominar o estilo de escrita era difícil inclusive para uma Old blood, sendo assim teve de prestar a maior atenção ao que estava fazendo em todo o momento.

Pegou a pena, usando seu dedo polegar para sustentar corretamente contra o seu dedo indicador direito, que logo inclinou para que coincidissem com a curva do instrumento e molhou a ponta da pena no tinteiro.

Cuidadosamente Cally tirou o excesso de tinta antes de colocar a ponta contra o pergaminho. “Não, não, não! Isto está uma absoluta porcaria! Comece de novo em uma folha fresca!”

A classe levantou a cabeça para ver quem estava sendo repreendido. Madame Geraint estava de pé diante a carteira de Carmem Duivel, sacudindo a cabeça em sinal de desaprovação.

“Quem irá se importar se não está perfeito?” Replicou Carmem, com as bochechas vermelhas de vergonha pela reprimenda.. “Se quer que escreva algo, basta escrever no meu computador. Desta forma se cometo algum erro, o elimino em lugar de ter que começar uma nova página inteira. Escrever desta maneira é estúpido, em minha opinião.”

Uma risada nervosa correu por toda a classe.

“Computadores!” Madame Geraint bufou com sarcasmo.” Os teclados estão arruinando a capacidade de sua geração de pegar uma pena corretamente, muito mais escrever de forma legível. Acaso, nos primeiros dias, não havia necessidade de coisas como instrumentos para escrever. Nossos antepassados simplesmente molhavam suas garras na tinta e escreviam diretamente nos rolos de pergaminho.

Entretanto quando nós temos abraçados avanços tecnológicos tais como a impressão e inclusive desenvolvido software que nos permite nos comunicarmos uns com os outros através da internet, mas nossos documentos mais importantes continuam sendo redigidos à mão. Permita-me lhes assegurar que a capacidade de ler e escrever em Chtonic está longe de ser estúpido. Em todos os documentos jurídicos, escritos religiosos e dados genealógicos gerados por nosso povo durante milênios, nem uma palavra foi escrita em um idioma conhecido pelos humanos. Assim é como podemos nos proteger daqueles que nos erradicam da face da terra.

Os escribas qualificados são muito apreciados por todos os possuidores da lei no Sínodo e a caligrafia desempenha um papel muito importante na eleição do Lorde, Chanceler e outros altos funcionários.”

“Bom, isso não é nada do que tenha que me preocupar.” Carmen franziu o nariz. “não tenho planos para ser funcionária pública quando me graduar.”



74

“Isso pode ser muito bom, senhorita Duivel”, Madame Geraint disse com um suspiro. “Mas ao ver que é sua mãe quem paga sua matrícula, é meu trabalho me assegurar de que não deixe esta escola como uma analfabeta funcional. Agora comece outra vez.”

Carmen franziu o cenho, mas não se atreveu a dizer nada mais enquanto reiniciava sua cópia. Madame Geraint, observou por cima do seu ombro um par de minutos antes de retomar sua patrulha silenciosa pela classe, com as mãos entrelaçadas elegantemente atrás de suas costas.

Quando a sino que indicava o fim da noite na escola soou, Madame Geraint assinalou a parte dianteira da sala. “Senhoritas, por favor, ponham em seu lugar os materiais de caligrafia, assinem suas folhas de trabalho e as deixem na minha escrivaninha.”

Cally guardou rapidamente seus materiais de caligrafia e recolheu sua folha de trabalho. Quando se aproximava da fila de estudantes que esperavam para deixar seu trabalho, Samara Bleak se voltou para olhá-la de modo fulminante.

“Pro fim da fila, novata.”

“Mas tem outras pessoas atrás de mim.” Cally protestou.

“Já ouviu, idiota. Disse para ir pro fim da fila.” Cutucou Carmen, dando um forte empurrão no ombro da Cally.

Cally cambaleou para trás, batendo sua coxa na quina de uma das carteiras.

“Qual o seu problema, Carmen?” perguntou Melinda olhando para Cally.

“Não há nenhum problema. Só estou ensinado a esta novata seu lugar, isso é tudo.”

Cally queria mais que tudo bater na cara dela, mas isso era exatamente o que queriam que fizesse. Apertou os punhos com tanta força que as unhas tiraram sangue em suas mãos. Por mais que lhe agradasse a idéia de machucar a cara de boneca de Carmen com seu pé, teve que se conter.

Se pudesse, passaria pela treinadora Knorrig e a estúpida avaliação e sairia pela porta principal e não voltaria nunca mais. Mas fazer isso significaria desestabilizar por completo sua organizada vida, sem falar de Sheila. Apesar de suas debilidades e defeitos Sheila era sua mãe e consernia a Cally protegê-la o melhor que pudesse. E se isso significava ter que comer a merda dos “oldies”, então que assim fosse

Quando pôs a folha de seu trabalho em cima dos outros empilhados sobre a escrivaninha, Madame Geraint deu um passo adiante, colocando sua mão sobre a de Cally. Apesar de que os dedos da professora pareciam frágeis como os talos de uma erva nova, mostraram ser surpreendentemente flexíveis e fortes.

“Posso ver isso por favor?” Madame Geraint perguntou enquanto pegava a folha de trabalho de Cally. Susteve a página com o braço estendido, a estudando com um olhar concentrado em seu rosto e logo olhou para Cally. “Parece que você possui o toque”.

“Isso é algo bom?”

“Sim, garota, é” Madame Geraint disse, sorrindo com um lado da boca. “Isso significa que seu trabalho mostra poder e controle, assim como um certo refinamento. Me dei conta de que tinha talento, enquanto estava supervisionando a classe, mas não considerei prudente te chamar a atenção diante dos demais.”



“Obrigada, senhora... Suponho.”

“Estou certa de que é consciente de que há tutores que resistiram a que fosse inscrita em Bathory, senhorita Monture. Eu não sou um deles. Acho tal esnobismo grosseiramente hipócrita.”. Madame Geraint franziu o nariz com desgosto. “No final das contas, os tutores são invariavelmente os últimos usurpadores da linhagem. É como o velho refrão diz: “Os que podem converter-se em New blood, são os que não podem ensinar.”

Cally pôs seu traje de ginástica e ficou esperando sua avaliação.

“Estar aprendendo sobre a história de nossa espécie e caligrafia é muito bom. Mas se não domina a habilidade de mudar de forma e voltar, nunca viverá para ver seu centenário” A treinadora Knorrig declarou enquanto caminhava indo e vindo.

“Enquanto que a mudança de forma é uma habilidade que todos nós possuímos, não é algo que simplesmente saia da cama sabendo como fazer. Quando tentar fazê-lo, é uma questão de memória muscular. Com o fim de maximizar a memória muscular, é necessário repetir o processo de transformação por várias vezes até que se converta em automático. Isto significa praticar, praticar e praticar mais ainda.

“Não vou mentir a você, a mudança de forma dói, especialmente quando se é novo nisso. Por sorte, quanto mais o faça, mais fácil será. No entanto, é muito perigoso tentar mudar a forma antes de saber no que se esta mudando. Dependendo de sua linhagem, que poderia ser qualquer coisa.”

Ela finalmente parou de andar.

“Primeiro teremos que ver qual é o seu animal totêmico e trabalhar desde ali. Talvez seja um lobo. Ou poderia ser um gato grande, como o de Mauvais. Ainda que não é muito provável, inclusive poderia ser uma das poucas que se convertem em uma cobra real ou algum tipo de serpente. Vamos ver. Bom, faça o que eu digo, de acordo? Em primeiro lugar quero que feche seus olhos e ponha sua mente em branco.”

Cally fechou os olhos e tratou de relaxar-se, tomando uma respiração profunda pelo nariz e fazendo-o entrar no seu ventre.

“Isso está muito bem. Muito bem. Agora quero que vá mais fundo, nas profundezas de sua mente!”, disse a treinadora Knorrig, sua voz tomou um tom de uma mãe ninando um menino no sonho. “Olha para a escuridão. Diga: O que vê?”

Cally estava a ponto de dizer a treinadora Knorrig que tudo o que via era um montão de manchas púrpuras vibrando atrás de suas pálpebras quando se deu conta de que estava vendo um denso grupo de árvores e arbustos.

“E-eu vejo um bosque” balbuciou.

“Bem. Muito, muito bem,” disse a treinadora encorajando-a. “Quem lhe dá as boas vindas no bosque?”

Cally franziu o cenho quando se concentrou mais forte, tratando de levar ao bosque detrás dos olhos maior nitidez. A medida que adentrava o bosque, um par de olhos vermelhos como brasa de repente piscou na escuridão tão densa como o petróleo dentre os troncos retorcidos das árvores. Ouviu um grunhido e um lobo cinzento saiu das sombras, cheirando o ar com cautela.



“Vejo um lobo”, disse emocionada.

“Excelente,” Disse a treinadora Knorrig. “Esse é o seu totem, a besta de sua linha familiar. É uma parte de sua herança, como a cor dos seus olhos ou de seu cabelo. Quero que tente tocá-lo.”

Cally assentiu com a cabeça e deu um passo para frente quando levantou a mão direita. O lobo a cheirou a medida que avançava com uma série de passos cautelosos, como se não soubesse se atacava ou fugia.

“Pode ver sua energia?”

Ainda não havia notado a principio, Cally agora poderia ver que o lobo cinzento estava banhado por uma estranha luz, de cor esverdeada.

“Sim”, disse, movendo a cabeça.

“Bem, bem. Coloque sua mão sobre o lobo e deixa que flua sua energia dentre de ti.”

Cally estendeu a mão e cautelosamente acariciou a pele do lobo, passando a mão pelas costas. Ainda que ela sabia que não havia nada diante dela, só o vazio, podia sentir o calor de seu corpo abaixo da mão e sentir seu suave pelo entre os dedos. Acariciar a criatura desencadeou uma sensação inesperada de bem-estar dentro de si, como se houvesse voltado para casa depois de uma longa viagem para encontrar uma lareira acesa e seus parentes queridos reunidos para saudá-la.

O fogo esverdeado que rodeava o lobo se envolveu ao redor de sua mão, viajando por seu braço como uma trepadeira de crescimento rápido. Mas ao chegar no seu ombro, foi subitamente presa por uma dor aguda, como se alguém estivesse rompendo seus ossos desde o centro.

A treinadora Knorrig observou atentamente como Cally se pôs de joelhos, fazendo uma careta de dor pro seu braço direito que começou a inchar-se e converter em uma pata dianteira de um lobo.

“Vamos, Monture, estas fazendo muito bem! Não tenha medo. Tome o poder do lobo para si própria!”

Temerosa de que o animal se liberasse de seu agarre, Cally fundiu os dedos profundamente em seu pelo, só para ter a besta dando a volta e tentando mordê-la com suas temíveis mandíbulas. Apesar de saber que o que estava vendo não era real no sentido físico, instintivamente se afastou quando o animal apressou sobre ela. O lobo voltou-se rapidamente e saltou dentre as sombras entre as árvores, levando consigo seu sentido de bem-estar.

“Não! Espera! Não vá!” Cally gritou como se fosse chamar a criatura de volta.

O odor de ozônio encheu o ar e a treinadora Knorrig soltou uma exclamação de surpresa ao encontrar o braço estendido de seu estudante coberto de energia escura. O ectoplasma era tão negro que parecia pulsar como veias e artérias. Quando a treinadora Knorrig a olhou assombrada, o resíduo negro começou a gotejar nas estiradas pontas dos dedos da colegial, crepitando ao chocar contra o frio solo de pedra da gruta, como gotas de água sobre uma panela quente.

“Abra seus olhos!” A treinadora Knorrig gritou. “Monture, abra os olhos!”

No momento em que os olhos de Cally se abriram, o resíduo negro desapareceu, reabsorvido pelo seu corpo. Seu braço caiu inerte ao seu lado enquanto ela olhava ao seu redor, um pouco aturdida.

“Sinto muito, treinadora” disse. “O lobo escapou. Quer que tente de novo?”



“Esta bem, Monture” respondeu a treinadora Knorrig rabiscando notas em sua pasta. “Acredito que vi o suficiente.”

DOZE



Era muito tarde quando Cally chegou em casa. Como se ter que lidar com estudantes que a odiavam e com professores que pensavam que ela era lixo não fosse suficientemente ruim, o ir e vir de sua nova escola era uma longa viagem.

Esteve de pé na plataforma de Williamsburg durante um bom tempo e olhando fixamente as luzes traseiras do trem J depois de sua saída. Olhou ao redor, com a esperança de ver Peter, e logo sacudiu a cabeça, se repreendeu por ser tão estúpida. Se envolver com um Van Helsing era a última coisa que precisava. Isso tinha tanto sentido como um **mangusto** se apaixonando por uma cobra ou uma sereia ansiando por um pescador. Certamente nada de bom poderia sair disso. Cally ainda podia recordar quando tinha quatro anos e caiu da parte superior do balanço do pátio e quebrou o braço. Havia chorado durante mais de um minuto mas por surpresa que por dor e então saltando começou a brincar de novo como se nada tivesse acontecido.

Sua avó, que estava observando da varanda, rapidamente se aproximou de Cally, explicando aos demais adultos que iria levar sua neta para a emergência mais próxima. Em vez de ir ao hospital, elas pegaram um taxi de volta para casa, onde sua avó a sentou na mesa da cozinha e lhe explicou as diferenças que havia entre Cally e as outras crianças.

"Tens que ser um pouquinho cuidadosa quando brinca com os humanos.", disse sua avó.

"Apesar deles parecerem contigo, são muito diferentes. Quando caem e se machucam, os humanos não podem se curar logo em seguida como você. Tens que entender isso. Se você se machucar em público, nunca pode deixar eles verem que você se curou. Você tem que fingir que está ferida e partir o mais rápido que possa".

"Se as pessoas souberem o que você é, te levariam para longe de mim e de tua mãe. Não importa o



quão agradável eles pareçam, é muito, muito importante que nunca revele o que você realmente é a ninguém, especialmente aos humanos"

Com a advertência de sua avó sempre soando em seus ouvidos, Cally colocou sua mochila Diesel sobre os ombros e se dirigiu para a rua pela escada de metal. Apesar de ser tarde, tinha que pegar algumas coisas para ela e sua mãe, antes de voltar para o apartamento. Ao chegar na parte inferior da escada ela correu ao outro lado da rua e entrou no mercado 24 horas da esquina.

Pegou uma das cestas de compras empilhadas atrás da porta e se dedicou a encontrar o que necessitava: papel higiênico, lixa de unhas, uma caixa de bolinhos, uma garrafa de Yoo-hoo, e, por último, um ramo de flores frescas. Quando embalou suas coisas, o caixa olhou sua jaqueta da escola, a saia frisada, e seus mocassins com grande interesse.

"Você esta disfarçada como uma colegial travessa ou é de verdade? " Ele sorriu sagazmente.

"Seu pervertido", disse Cally, lhe empurrando para longe dela e agarrou a sacola plástica e foi porta afora, balançando o ramo de flores em uma mão. Cally teve que terminar uma tarefa antes que voltasse para casa de noite.

Rodeado por todos os lados por empresas e edifícios residenciais, o cemitério Rest Haven havia sido criado em 1830. Um portão de ferro forjado, com sua parte superior com lanças de ferro, permitia aos pedestres um vislumbre do verde relvado, as árvores de sombra e aos monumentos desgastados pelo tempo no outro lado. Pesadas correntes rodeavam a porta fechando-a com um cadeado cromado, protegendo aos mortos atrás de seus muros dos vândalos, bêbados, drogados que buscam um lugar para dormir.

Depois de examinar de cima a baixo a rua para se assegurar de que não estava sendo observada, Cally deu um salto, aterrissando firmemente encima da parede. Tomou um segundo para se assegurar que não havia caído nada de sua bolsa do mercado antes de cair na grama do outro lado.

Ela sempre havia amado como Rest Haven parecia tão longe da sociedade e o ruído da cidade. Com suas aves, esquilos e os velhos carvalhos lhe recordou mais a cabana de verão de sua avó no campo que a um cemitério.

Silenciosamente seguiu seu caminho através das lápides iluminadas pela lua até as tumbas de seus avós, que estavam cobertos por um manto de folhas avermelhadas de um espinheiro próximo. Sua lápide de granito tinha a forma de dois corações unidos por uma pomba descendente.

Apesar de o nome no lado esquerdo do monumento ter experimentado a exposição aos elementos durante duas décadas, continuava perfeitamente legível: CYRIL MONTURE, 1925-1988. A inscrição no outro lado era muito mais recente: SINA OSTERBERG MONTURE, 1931-2006.

"Olá vovó; Olá vovô. Eu trouxe flores novas" disse Cally quando removeu as bocas de dragão murchas do jarro comemorativo e colocou o ramo fresco.

Quando retirou com sua mão as folhas da tumba de sua avó, lhe surpreendeu um cheiro familiar no vento. Cally olhou por cima do seu ombro para um grande monumento que parecia um anjo chorando sobre o caixão de um ser querido.

"Por que está aqui? Quem está com você? " perguntou ela.

Uma sombra se separou de uma das asas do anjo e deteve na débil luz refletida desde a rua. "Não



“há necessidade de ter medo”, disse Peter Van Helsing, alcançando. “Estou sozinho”.

“Isto está ficando estranho! ” Cally se encontrou inesperadamente querendo gritar. “Foi bastante estranho que me seguisse até o clube, mas como poderia saber que eu estaria aqui, de todos os lugares?”

“ O que posso dizer? Fui criado para ser um caçador” Encolheu os ombros se desculpando.

“Você estava tão chateada ontem a noite que se foi antes de que eu pudesse te explicar as coisas. Não quero te ver ferida Cally Monture”.

“Isso é engraçado, você estava tratando de tentar me matar a primeira vez que nos encontramos.” Riu. “Espera um minuto, eu nunca te disse meu sobrenome. ”

“Eu sei muito sobre você e sua família, Cally. ”

“Por que deveria acreditar no que você diz? ”

“Sei que tem toda razão para não confiar em mim. Mas antes deveria acreditar em seus próprios olhos. ” Peter alcançou dentro do bolsinho interior de sua jaqueta e tirou uma velha fotografia, com as bordas ligeiramente curvadas pela idade. “Tirei isso de um dos arquivos do meu pai. Se ele souber que peguei, me chutaria a bunda. É uma foto de sua avó com meu pai, Christopher Van Helsing, e seu então protegido, Grainger Ike”

Cally olhou fixamente com incredulidade a foto que Peter lhe entregou. A mulher retratada era mais jovem do que ela poderia recordar que sua avó fosse, mas não havia dúvidas de seu sorriso e do brilho em seus olhos. Estava de pé entre um alto e belo homem com cabelo ondulado avermelhado que não se parecia com Peter e um jovem afro americano que reconheceu como o mais velho dos caçadores de vampiros que tinha fritado no parque.

“Quando foi tirada?”

“Faz aproximadamente trinta anos”, contestou Peter. “Não muito tempo depois do meu pai tomar seu cargo do Instituto de meu avô”.

“Eu ainda não entendo”, disse Cally com voz perplexa. “O que minha avó fazia com seu pai?”

“Você não vê? Ela foi uma das Elites, aqueles que são treinados para utilizar o dom sobrenatural com o fim de caçar vampiros. Segundo meu pai, Sina foi uma das melhores”.

“Isto tem que ser falso!” disse Cally cheia de ódio, empurrando a foto de novo em suas mãos.

“Aposto que fez isso com photoshop! Você está louco! Minha avó não era uma caçadora de vampiros”

“Sua avó era uma bruxa, Cally”, disse Peter com firmeza, agarrando seu punho. “Era uma bruxa branca que utilizava seus poderes para lutar pelo bem, mas não obstante era uma bruxa. E o que é mais importante, foi um ser humano. Como é tua mãe. ”

“Isso é tudo, não vou escutar mais esse lixo!” Cally agarrou a sacola de comida aos seus pés. “Você tá louco, sabia? Agora me deixe sozinha!”

“Não, não vou te deixar sozinha até que me escute!” disse Peter, empurrando suas costas para por



ela contra a árvore. A sacola do supermercado caiu no chão, derramando seu conteúdo em uma tumba próxima. Ela olhava para o rosto de Peter. Podia sentir sua respiração em seu rosto quando o cheiro maduro, quente dele encheu seus sentidos. Olhou-lhe nos olhos e se viu refletida neles, como se de alguma maneira estivesse presa dentro de sua cabeça.

“Por que você está fazendo isso? ” Perguntou.

“Porque quero te ajudar”.

Ela riu com amargura. “Desde quando os Van Helsing querem ajudar os vampiros? ”

“Você não é um vampiro, Cally. Um vampiro não haveria instigado um rato em um humano e o e depois tentado salva-lo da maneira que você fez. E desde quando vampiros comem comida lixo?” Apontou para os bolinhos no chão.

“Há quanto tempo tem tentado passar por um, Cally? Seis meses? Um ano?”

O primeiro instinto de Cally foi mentir para Peter como havia mentido para outros humanos em sua vida. Desde daquele dia que caiu no parque, sua avó lhe havia feito prometer que nunca deveria dizer a verdade sobre ela para os outros, não importa o que acontecesse. Mentir era uma ação de reflexo. Ela abriu sua boca para negar suas acusações, mas se encontrou dizendo “Quase dois anos.”

Cally se surpreendeu pelo bem que se sentia ao admitir a verdade. Desde a morte de sua avó, ela não havia podido falar com ninguém de verdade, mas ela se atreveu a contar para Peter.

“A comida lixo é para minha mãe, não para mim. Comecei a metabolizar sangue faz três anos. Minha avó começou a me desprender da comida sólida depois que ela se inteirou de seu câncer. Ela sabia que só poderia beber sangue se iria me fazer passar por um deles depois de que ela morresse.”

Cally agarrou sua mão mais estreitamente. “Não vou mentir para você Peter, às vezes me sinto tão cansada de tentar ser algo que não sou que tenho vontade de jogar tudo ao alto.”

“Não tem viver uma mentira, Cally. Pode vir comigo para o Instituto. Vou cuidar para que sua mãe seja bem atendida. Você não teria mais que se preocupar com isso.”

“Você quer que eu me converta em um Van Helsing?” Cally se sobressaltou. “Eu nunca poderia fazer algo assim!”

“Você é um híbrido, Cally. Quanto tempo acredita que pode continuar se fazendo passar por um verdadeiro nascido, agora que esta na Academia Bathory? São obrigados a averiguar sobre seus pais, cedo ou tarde.”

“Como sabe sobre a escola?” Ela ofegou.

“Vamo lá, quer me dar algum crédito?” Peter deu um sorriso torto

“Conheço o uniforme quando o vejo. Meu antepassado queimou a escola original, depois de tudo. Não tem que se preocupar por traí-los acidentalmente contando para mim. O Instituto tem sabido dela durante décadas. Além do mais, está fortificada demais para que nós tentemos algo como isso agora... sem mencionar que é bem difícil explicar para a polícia o porquê de estar atravessando os corações de adolescentes com estacas.”



81

Olhou sobre seu ombro para a lápide de sua avó, brilhante como uma tiara na pálida luz da luz. “Mas se o que diz de minha avó é verdade, teve suas razões para me manter longe do Instituto. Por mais que queira estar com você, não posso fazer o que esta me pedindo.”

Peter respirou fundo e soltou outra vez. “Desconfiava que essa seria sua resposta” Ele entregou um cartão. “Aqui está o meu número. Se quiser me encontrar, tudo o que tem que fazer é me ligar.”

“Obrigada”. Cally sorriu, deslizando o cartão no bolsinho de sua jaqueta.

“Meu pai é um grande homem”, disse Peter, com um olhar inquieto no seu rosto. “Mas também é um dirigente. Ele tem estado te buscando durante muito tempo, Cally. Os híbridos são os melhores caçadores de vampiros, já que podem se fazer passar entre os vampiros por um deles. Meu antepassado foi prova disso. Meu pai quer te usar como uma arma contra seus inimigos. Mas agora tudo o que sei é que não quero te ver ferida por ninguém, e isso inclui meu pai”. Ele baixou o olhar até seu rosto, seus olhos cheios de angústia. “Compreende que enganaria a qualquer um que te conhecesse?”

Ainda que ela soubesse que era a pior coisa que possivelmente poderia fazer, Cally alcançou e afagou o pálido rosto de Peter com suas mãos, levando sua boca a sua em um profundo e sensual beijo. Depois de um momento, com seus braços fortemente abraçados a ela, Peter encostou seus quadris com os dela, suas respirações se tornando mais profundas a cada expiração.

A medida que seu desejo foi crescendo, a atormentou uma furiosa sede. Ela se libertou da inquisitiva língua de Peter e apertou seus lábios tremulos contra sua garganta. Pode provar o suor escorrendo sobre sua pele como mercúrio e sentir sua veia jugular palpitando contra suas presas. Teve a tentação de dar só uma pequena mordiscada. Só uma mordidinha de amor, na verdade. Afinal de contas, provavelmente não poderia transformá-lo em um não-morto, mesmo o que quisesse. O verdadeiro perigo se residia em se deixar levar e beber tempo demais e profundo demais...

“Não!” Cally gritou quando ela mesma interrompeu abruptamente o abraço. “Sinto muito, não posso fazer isso.” Rapidamente reuniu suas coisas que estavam caídas. “Tenho que ir. Te ligarei mais tarde.”

Peter olhou silêncio com um perplexo como Cally escalava facilmente a parede que rodeava o cemitério. Quando ela desapareceu pela calçada abaixo, ouviu um ruído seco, viu uma mariposa sobrevoando e se debatendo contra o poste fora do portão. Ele franziu o cenho e olhou ao longe.

Sheila Monture roncava ligeiramente diante da tela plana quando Cally chegou em casa. Cally recolheu os restos meio comidos de comida chinesa e a garrafa pela metade que estava sobre o sofá e os jogou no lixo da cozinha. Então pegou a velha manta de sua avó do armário da frente e cuidadosamente cobriu a dormiente forma de sua mãe.

Se inclinou e deu um beijo na bochecha arrebitada de Sheila, logo se dirigiu ao banheiro e ligou o chuveiro.

Esteve de pé com seus olhos fechados embaixo do jorro de água durante meia hora, mas não importa com que força tentou, não poderia apagar a imagem de sua avó sorrindo para a câmera quando estava em pé ao lado do inimigo jurado da raça vampírica. Enquanto isso as palavras de Peter eram repetidas várias vezes dentro de sua cabeça: ‘Não tem que continuar vivendo uma mentira’.



TREZE



"O vôo alado é a nossa herança e nosso destino" A treinadora Knorring manteve suas mãos atrás das costas enquanto se dirigia para o segundo período de exercícios aéreos." Mas tem que bater suas asas para voar e desviar dos Aviões que voam baixo. Voar no céu é uma coisa; E usar a ecolocalização para poder voar bem, é outra completamente diferente "

Estando em uma alta, e ampla coriza a uns cem pés sobre a gruta, Cally estava feliz olhando as meninas que estavam entre ela e Lilith, as quais a olhavam perigosamente.

Enquanto a treinadora Knorring continuava com seu discurso sobre a Importância das habilidades de vôo frente a frente, Cally foi mais pra frente pra poder ver melhor. Dali era fácil dizer que a extensa câmara subterrânea havia sido construída, e não criada naturalmente. As estalagmites no solo se assemelhavam muito a uma espécie de labirinto.

Ficou olhando fixamente para baixo, até que teve vertigem, levantando a cabeça percebeu que Todd a olhava fixamente como se a deseja-se na sola do seu sapato. Seria muito ridículo acreditar que arrancaria sua cabeça. Por outro lado, ela seria capas como qualquer outra menina da sua sala especialmente Lilith, que já a empurrara pelas costas.

A treinadora olhou sua sempre presente prancheta e disse.

"Maleditto,vai primeiro".

A princípio Cally pensou que a menina que deu um passo á frente fosse Bella, que estava em sua turma de metamorfose na noite anterior logo percebeu quando a olhou que a fita que a menina tinha no cabelo era rocha e não azul.

"Poderia segurar isso?" Perguntou timidamente Bette Maleditto.estendendo a fita para Lilith.

Ela estava acostumada em ter a ajuda de sua irmã gêmea para tudo, mas a administração as colocou em turmas separadas com a intenção de as tornarem independentes.

"Quem você acha que eu sou? Sua empregada?", bufou Lilith, olhando com raiva para a fita.



Vendo uma oportunidade de fazer uma necessária aliada, Cally rapidamente deu um passo à frente. "Eu cuido para você".

"Obrigada", disse Bette.

Bette ficou na beira do Precipício e levantou seus braços sobre a cabeça, Seus dedos rapidamente saíam pra fora enquanto seus polegares se encurvava em grandes garras. Quando os ossos das suas mãos se retorciam em uma estranha e nova geometria, a pele entre seus dedos e a lateral de seus braços se expandiram surgindo uma camada membranosa. A ponta do seu nariz foi puxada pra cima e pra trás, enquanto seus lábios se abriam para revelar caninos branco pérola.

As pontas de sua orelha quadruplicaram de tamanho, quando se movia pra cima do seu crânio, e seu cabelo foi substituído por uma pelagem cinza escuro tão suave quando a pele do topo. Seu pescoço se retraiu, colocando sua cabeça entre seus ombros e seu peito se alargou.

Os dedos dos seus pés se alargaram até que ficassem bem longos, suas unhas se curvaram em garras. Em seguida Bette estava se inclinando para frente sobre suas pernas transformadas, seus joelhos agora estavam inclinados para trás.

Cally estava muito assustada no quanto rápido Bette havia se transformado de uma linda adolescente com cara de bebê para um monstro morcego Humanóide. Toda a transformação, do começo ao fim, não durou mais do que umas quatro batidas de coração.

"Não fica nervosa, Maleditto", disse a treinadora Knorring com uma voz tranquila. "Você consegue".

Bette contraiu seus músculos do peitoral, baixando suas asas pra um lado. Dobrando seus enormes polegares mutantes e se jogou no abismo. Seus amigos de turma avançaram, empurrando um ao outro pela melhor vista quando ela ia cair nas rochas. Os braços de Bette se abriram bruscamente como uma mola e, agarrando suas asas contra o ar que corria por seu corpo, começou a fazer um movimento enérgico de remos.

"Bom trabalho, Maleditto! Foi perfeito!" gritava a treinadora Knorring. "Agora encontre uma rocha e se segure nela!".

Bette pairava no ar, até que se segurou numa estalactite, segurando firme com seus pés e polegares em forma de gancho.

"Espero que todos vocês tenham visto como Maleditto se jogou." Disse a treinadora Knorring

Mortimer: que tinha levantado a mão, disse ela, apontando para Bianca. "O que aconteceu?"

"Isso vai cair na prova?".

A treinadora Knorring suspirou e beliscou a ponta de seu nariz com os dedos e disse. "Não tem prova escrita para essa turma, Mortimer. vocês são qualificados só pelo desempenho físico".

"Sim, senhora". Contestou Bianca timidamente.

"De acordo, agora que as encantadoras senhoritas viram como é fácil se transformar no ar, quero que se organizem em uma fila por ordem alfabética, prontas para seu salto.

"Isso não te inclui, Monture".



"Mas a senhora disse..."

"Foi o que eu disse e não estou falando que se retire. Se você não pode se converter em lobo, não vou de modo algum permitir que você se jogue a cem pés na esperança que suas asas abram enquanto você cai. Olha menina, você pode andar nas paredes?"

"Mais ou menos, mas não muito", admitiu Cally, olhando para baixo. Estava secretamente aliviada em não precisar colocar sua habilidade de vôo em ação, ao mesmo tempo estava envergonhada por ser diferente dos outros.

"Mas sou muito boa saltando. Posso pular de uma muralha de cem pés".

"Bom, isso já é um começo", concordou a treinadora Knorrig. "Mas é diferente de ser capaz de voar".

"E o que vai acontecer com minhas notas? A senhora falou que o desempenho se baseia em aula, então se supõe que eu devo voar".

"Dê voltas".

"Mas..."

"Não discuta comigo, Monture," Disse a treinadora Knorrig. "Se te digo que dê voltas, a única coisa que quero escutar da sua boca é: 'Por quanto tempo?' Está claro?"

"Sim, treinadora. Por quanto tempo?"

"Até que diga que pare. Agora se me permite, preciso continuar com a aula".

Depois disso a treinadora Knorrig se soltou, e com um só golpe de suas asas reuniu o resto das estudantes, que agora ficaram num único grupo. Com um suspiro fundo Cally foi a escada de espiral construída ao lado da caverna até o subsolo.

"Monture!" gritou a treinadora Knorrig, sua voz vez ecoou pela gruta.

Cally foi diminuindo a velocidade de sua corrida antes de terminar completamente. Ela havia dado voltas por tanto tempo que havia perdido a noção do tempo. Ao olhar para cima viu a treinadora Knorrig, em sua forma alada, agarrada no alto de uma estalagmite.

"Oi treinadora", Cally engasgou enquanto se inclinava para tomar ar, descansando suas mãos sobre os joelhos. Na gruta estava muito quente e tinha perto de 30°C graus, estava muito úmido e escorriam gotas de suor por suas costas. "Terminou a aula"

"Sinto muito, menina. Para ser honesta, eu me esqueci de você. Mande o resto das meninas pra ducha tem uns minutos, se você correr poderá fazer o lanche da meia noite antes da sua próxima aula.

"Claro, obrigada. Treinadora". Disse ela, lutando contra a vontade de dizer algo sarcástico sobre o quanto apreciava ter 10 minutos para comer uma vez que ainda tinha que tomar banho e trocar de roupa. As coisas já não eram boas com a treinadora Knorrig. Ela não precisava provocar mais.



Enquanto ia para o vestiário, Cally se deu conta de que a fita de Bette ainda estava no bolso da sua roupa de ginástica. Ela decidiu esperar porque sabia que uma hora ou outra Bette iria procurá-la, e quem sabe não poderiam conversar antes que Lilith ou uma de suas seguidoras a interrompessem.

O vestiário parecia estar completamente deserto do momento em que Cally entrou. Apesar de saber que não teria tempo de comer, pelo menos teria o luxo de poder trocar de roupa sem que a vissem. Como cada menina da sua turma vestia La Perla, enquanto ela tinha que comprar sua botas em uma promoção leve três pague duas se sentia muito humilhada.

Enquanto abria o armário com toalhas limpas, Cally acreditou ter escutado um barulho que vinha do outro lado do vestiário.

"Oi? Tem alguém aí?"

Inclinou sua cabeça para o lado, quando escutou o barulho de alguém ligando a ducha. Ela deu de ombros e voltou para o armário.

Só que dessa vez escutou um característico som de soluço.

Cally fechou a porta do armário, e foi seguindo o barulho, abrindo as portas onde se encontrava as duchas. Até que ficou na frente da última e se deparou com um par de pernas usando sapatos café e meias brancas até o joelho.

"Esta tudo bem?".

"Vai embora!", a voz do outro lado da porta estava tão alta que parecia que a dona tinha inalado um tanque de hélio.

"O que aconteceu com a sua voz? Você está machucada?"

"Não, estou bem. Quer dizer, não, não estou ferida só vai embora e me deixe sozinha!" A menina do outro lado da porta começou a chorar e a soluçar desesperadamente.

"Olha, isso é ridículo. Obviamente tem alguma coisa errada porque se não tivesse você não estaria chorando" Alcançando o suporte da porta. "Saia pra eu poder te ver".

"Não", gritou a estudante, sua voz saiu tão alta que Cally teve que cobrir seus ouvidos com as mãos. "Não olhe pra mim!".

"Tudo bem, tudo bem!" Disse Cally tentando tranquilizar a menina. "Tem alguma coisa que posso fazer por você?".

"Não tem."

"Como pode estar tão segura se nem sequer me dizer qual é o problema?".

"Ta bem, vou te dizer". Disse a menina do outro lado depois de um longo tempo. "Mas deve prometer que não vai contar pra ninguém".

"Eu prometo".



"Estou presa".

"Trancada?". Cally franziu a testa, indecisa sobre o que ela se referia.

"No banheiro?".

"Não, é isso que estou falando", disse a menina enquanto abria a porta do banheiro.

Cally gritou de surpresa antes de colocar a mão na boca. Na sua frente, vestida como uma das estudante da Academia Bathory, havia uma menina pequena com a orelha e o nariz de um morcego gigante.

"Não olhe pra mim! Estou medonha!". Disse a menina com cabeça de morcego, levantando suas mãos até o rosto.

Cally teve que se segurar para não rir. "Como isso aconteceu?". Perguntou.

"Não tenho certeza". Falou a menina com cara de morcego. "Tinha mudado de forma e estava me vestindo quando me dei conta de que não estava com minha fita. Tentei me lembrar da última vez que á vi, e do nada comecei a mudar de forma! Corri pro banheiro quando vi que ia mudar outra vez. Não queria que as outras meninas me vissem".

"Você é Bette Maleditto?" Engasgou Cally assustada.

"Acho que sim", Falou Bette enquanto confirmava com a cabeça.

Cally colocou sua mão no bolso da sua roupa de Ginástica "Aqui está sua fita, se isso ajuda".

"Obrigada", disse Bette, esfregando-a contra seu pelo como se fosse um mascote querido. Logo falou, "O que vou fazer? C ontinuo tentando mudar mas não funciona!".

"Fique ai como esta. Vou chamar a treinadora Knorring".

"Não, não faça isso!" Suplicou Bette agarrando seu braço. "Ela contará para o diretor, e todos na escola vão me olhar com cara de nojo, já que eu e minha irmã somos mestiças! Esse é o tipo de coisa que eles usariam como desculpa para nos humilhar e dizer que o nosso lugar não é aqui!".

"Essa é boa. Achava que era a única estudante com esse problema",disse Cally com um perplexo sorriso.

"Não, nós também somos o legado de estudantes". Disse Bette.

"Nossa mãe é Lamia, uma das Old blood,mas o nosso pai é New blood. A maioria das outras meninas não tem nada contra nós, apesar de não nos intimidarem como fazem com você, por medo do que pode acontecer. A única que é amável com agente é Melinda. As outras gostam de rir dela porque seu toten é uma pantera, não um lobo, como o resto delas. Acho que isso a faz sentir uma espécie de entendimento de mim e minha irmã".

Algo como uma espécie de desespero cruzou o rosto transformado de Bette. "Qual é o sentido? Se isso cair no meu registro permanente, jamais seria capaz de superar. Lilith se assegurará disso! Seu pai e o nosso são velhos inimigos, e ela lembra isso em cada oportunidade que tem para nos chamar



87

de miseráveis! E eu posso escutar as outras meninas rindo e dizendo 'Batty' por minhas costas" Se jogou no chão do banheiro e começou a chorar outra vez, esfregando seu respigando nariz em forma de folha com papel higiênico "Minha vida social esta abaixo do chão mas estou aqui!".

"Não fica nervosa" Disse Cally,dando palmadinhas no seu ombro." Isso não vai ajudar em nada. Olha, você precisa decidir o que é mais importante: Ter uma nota ruim ou ter de andar com um saco de balatas sobre sua cabeça. Não vai poder entra nos vestidos pelo resto da sua vida.Vai ter que sair algum dia. Vou chamar a treinadora Knorring e explicar a situação. Tenho certeza que ela vai saber o que fazer".

"Tem razão. Não tem outra forma de sair dessa", disse Betty com um suspiro, seus ombros caíram em resignação.

"É muito nobre de sua parte me ajudar, a única pessoa que tinha me tratado assim foi minha irmã".

"Bom, eu acredito que as mestiças precisam ficar juntas, certo?".



CATORZE



Cally saiu do vestiário e se apressou para o escritório da treinadora Knorrig, só para encontrar a porta fechada. Voltou a gruta e olhou ao redor a paisagem rochosa, com a esperança de ver a treinadora.

De onde estava o solo da gruta se assemelhava a um bosque cheio de árvores petrificadas.

“Olá? Treinadora?”

Cally virou sua cabeça, esperando ouvir uma resposta, mas tudo o que escutou foi a sua própria voz fazendo eco na caverna.

Enquanto virava até o lado da gruta de Ruthven, viu alguém se movendo entre as formas rochosas.

“Treinadora! Espera!” gritou. Cally se apressou até a figura esgueirando-se pelo caminho através do labirinto para o subsolo.

De repente uma figura escura saiu detrás de uma das grandes rochas bem no seu caminho. Cally deu um pequeno grito de surpresa e caiu para trás aterrissando em sua bunda.

“Owww!”

“O sinto terrivelmente! Por favor, me permita que te ajude a levantar”, disse a figura na sombra com uma ligeira pronuncia masculina. Estendeu uma mão com dedos quase o dobro de comprimento que o normal. Cally olhou para cima além da mão do estranho viu um jovem magro, muito alto, vestido com uma calça cinza, jaqueta borgonha e a fita rosa e preto dos estudantes de Ruthven. O cabelo vermelho-sujo do jovem estava penteado para trás fora de sua alta e ampla testa em um pronunciado topete, que não só acentuava suas sobrelhas arqueadas e suas orelhas pontiagudas, mas que seu nariz aquilino, grandes olhos fundos e sua ampla e sensual boca também. Apesar de sua aparência excêntrica, desperdiçou uma gentileza que Cally não estava acostumada nos garotos de sua própria idade.

“Sinto muito se te assustei. Tendo a fazer isso.” Sorrindo em desculpa, a ajudou a se levantar.

“Eu não diria que me assustou... surpreendeu seria mais correto.” Cally sorriu entre dentes enquanto se limpava.

“Sim, faço isso também”. Ele suspirou.



“Estou tentando encontrar a Treinadora Knorrig”, explicou Cally.

“Oh! Quando ouvi alguém chamando o treinador, pensei que poderia estar tratando de encontra ao Treinador Munn. Sou seu aluno ajudante.”

“Não, eu estou buscando a treinadora Knorrig. Sabe onde ela esta?” Cally perguntou esperançada.

“Ela foi dar um recado. A última vez que a vi estava saindo pela porta de emergência”, disse, assinalando até o extremo oriental da gruta.

“Saída de emergência?” Cally franziu o cenho.

“As escolas providenciaram uma depois do Grande Fogo. É um túnel secreto que vai abaixo de East River e até a Mill Rock Island, fora no East River’s Hell Gate”.

“O que acontece com esse treinador Munn que você tinha mencionado – está por aqui?” Cally perguntou com esperança.

“Acho que não”, respondeu.

“Genial!” Murmurou Cally, rodando seus olhos em consternação.

“Talvez eu possa ajudar? Sou um aluno monitor, afinal de contas.”

“Bom, há uma garota na minha classe... é que ela está, eh, de certo modo presa”.

“Presa” ele ecoou, levantando uma sobrancelha burlonamente.

“Sim... entre formas”.

“Entendoo.”

“O negócio é o seguinte. Ela não quer que ninguém a veja. Apenas fui hábil o bastante para lhe pedir que me deixasse ir buscar a treinadora Knorrig”.

“Sem problemas, acredito que posso ajudá-la a sair”.

“Poderia? Isso seria genial!”

“Onde ela está?”

“Se escondendo no vestiário. Vamos, te mostro!”

O sorriso em seu rosto desapareceu de repente. “O vestuário? O vestiário das garotas?”

“Sim. Onde seria?”

“É só eu poderia me complicar – você sabe – se alguém me vir entrar ali...”. Gaguejou.

“É a única garota no vestiário. Nenhuma outra pessoa está lá. E você disse que tanto a treinadora Knorrig quanto o treinador Munn saíram, nesse caso quem fica para te ver?”

“Bom, você me convenceu”, disse com um sorriso.

“Obrigada. Meu nome é Cally.”



“Meu nome é Xander”, respondeu. “É um prazer. E meus amigos me chamam Exo”

“Olá? Bette?”

“Quem é?” Bette perguntou ansiosa desde seu esconderijo no Box do banheiro.

“Relaxa, sou eu”, respondeu Cally “Você está decente?”

“Decente?!? Sou um morcego do pescoço para cima!”

“Estou perguntado porque tem um garoto comigo”.

“Um garoto?!?” A voz de Bette momentaneamente desapareceu no registro de ultrasônico.

“Pensei que ia trazer a treinadora Knorrig!”

“A treinadora saiu para comer, suponho. Mas eu encontrei alguém que disse que poderia ser capaz de te ajudar”, Cally explicou.

“Esquece! Se não quero que o resto das meninas vejam como estou, é óbvio que não quero nenhum homem me olhando!”

“Quero falar com ela”, sussurrou Xander para Cally.

Caminhou até o banheiro fechado, se apoiando contra ele de modo que sua boca estava o mais próximo da porta como fosse possível.

“Olá – Bette, não? Sei que você está cheia e agora envergonhada”, disse falando numa voz calma, como se estivesse tratando de apaziguar a um animal raivoso. “Mas não há nada de que se envergonhar. Ficar presa de vez em quando é perfeitamente natural. Acredite em mim, não há nada de que se preocupar. Pode me mostrar.”

“Promete que não vai rir?” perguntou Bette.

“Eu prometo”, respondeu solenemente.

“Nem gritar?”

“Acredite em mim quando te digo que sua aparência não fará nenhuma diferença para mim”, disse Xander com uma pequena risada.

“Não sei.”, disse Bette duvidosa. “Estou horrível”.

“Você se sentiria melhor se ti dissesse que sou um Orlock?”

Houve um som de um trinco correndo e a porta do banheiro se abriu o suficiente para que Xander visse a uma menina, olhos vermelho-sangue rodeado de pele cinza escuro olhando para ele.

“O filho do conde?”

“Um deles, afinal”, respondeu.

“Bom, acredito que está bem, então.” Bette tirou o resto da porta do caminho e saiu para que ele pudesse ter uma vista melhor.



Xander a estudou por um longo momento, seus braços dobrados de forma que sua mão esquerda se apoiava em seu colo direito enquanto dava golpezinhos ao lado do seu nariz com o dedo indicador muito comprido.

“Muito ruim?” guinchou Bette temerosa, agarrando seus laços vermelhos em seu peito.

“Não, imagina! Só precisa de um pequeno empurrão na direção correta para que possa finalizar a transformação, isso é tudo. Há algo chamado de Poção de Inversão que vai resolver o problema. Lamentavelmente, o Treinador Munn mantém seu fornecimento sob chave. No entanto, tenho estudado a fórmula em minha aula de poções e acredito que posso reproduzir.”

“Isso é genial” disse Cally emocionada. “Tá vendo Bette? Eu te disse que tudo estaria bem! Tudo o que Exo tem que fazer é ir preparar rapidamente um pouco da Poção de Inversão e trazê-la de novo aqui para que possas bebê-la!”

“Simmmmm. Quanto a isso,” disse Xander enquanto esfregava a nuca. “A poção na realidade tem uma vida útil curta e requer um agente condicionante especial para ser engarrafada e transportada. O problema é que a única pessoa que tem acesso ao conservante é o professor Frid. O tempo para que eu faça a poção, coloque em uma garrafa e a traga do laboratório da minha escola, ela será inútil. Para que funcione, deve ser consumida no minuto ou dois depois de ser preparada.”

“E isso significa...?”

“Teremos que levá-la de escondida pra dentro de Ruthven”.

“O quê?” A voz de Bette fez se estremecer tanto Cally como Xander. “Você está louco? As estudantes de Bathory pegadas no campus de Ruthven, sem acompanhantes, são automaticamente expulsas! O mesmo acontece aos estudantes de Ruthven que vagam pela propriedade de Bathory! O que aliás, é o que aconteceria se alguém nos visse agora, nós todos seríamos postos para fora!”

“Prefere ir e informar sobre seu estado a Madame Nerezza?” perguntou Cally.

“Não”, admitiu Bette.

“Então Xander tem que te passar de contrabando pra escola dos garotos... e pra cá de novo”.

O deformado lábio superior de Bette começou a tremer e as lágrimas brotaram em seus brilhantes e redondos olhos vermelhos. “Tenho medo, Cally! Não estou acostumada a fazer coisas sem Bella.”

“Se vai fazer você se sentir melhor, vou com vocês.”

“Você iria? Oh, obrigada, Cally!” Bette guinchou, jogando seus braços ao redor do pescoço da outra garota. “Obrigada! Obrigada! Obrigada! Mas não tem medo de se encrencar?”

“Do jeito que as coisas vão, tenho sérias suspeitas de que não estarei na Academia Bathory por muito mais tempo, a final de contas.” Cally encolheu os ombros. “Sendo assim, o que tenho a perder?”

“Oh, então é assim uma escola de garotos”, Bette sussurrou atemorizada, enquanto se apressavam pelo longo corredor que conectava a gruta até a Escola para Garotos Ruthven.



O corredor que levava ao lado da gruta que pertencia a Academia Bathory havia se formado de rocha natural e contava com um telhado abóbada-barril, se parecia ao caminho fechado de um monastério gótico.

“Nós temos que nos apressar, a gruta e o laboratório normalmente estão vazios durante as refeições, mas há uma possibilidade de que sejamos vistos”, explicou Xander. Apertou o botão de chamada para o elevador. “Eu poderia tratar de emitir um feitiço de escuridão ao redor de vocês duas, mas isso é só de uso contra ser visto pelos tontos.”

“E o operador do elevador?” Perguntou Cally. “Não tem problema que nos veja?”

“Que operador?” Perguntou Xander com um perplexo cenho franzido quando as portas se abriram, revelando um moderno elevador com quadro de botões.

Igual a Bathory, as aulas da Escola para Garotos Ruthven estavam situadas a três níveis subterrâneos, o terceiro dos quais era a gruta, que compartilhava com sua escola irmã. O aspecto arquitetônico gótico continuava no segundo nível, com uma impressionante abóbada acanalada de telhado e portas de arco ogival.

“Aqui estamos”, sussurrou Xander, quando estava abrindo a porta do laboratório de poções. “Por sorte, nosso professor de química, o professor Frid, é um homem de costumes muito rígidos. Nós temos uns bons quinze minutos antes que voltem do almoço.”

O piso no centro da sala estava coberto com estranhos símbolos e velas meio derretidas e as paredes estavam revestidas com tabelas de pedra. Xander se apressou para uma mesa num canto distante coberta por uma confusão de frascos, garrafas e ferramentas, incluindo uma macabra massa em forma de crânio e uma mão (de massa também) criados a partir de um crânio humano e ossos de braço.

Ele tirou o casaco da escola sacudindo os ombros e deslizou para um avental de couro tingido. Rapidamente medindo líquidos e pós de diferentes recipientes, que derramou em pipeta suspensa sobre um pequeno bico de gás inflamável, que posteriormente acendeu.

“Você tem certeza de que isto vai funcionar?” Bette perguntou com ansiedade quando viu como ele misturava heléboro negro.³⁴

“Positivo!”, disse, lhe dando um piscar de olhos tranquilizador.

“Nós os Orlocks temos um dom para esse tipo de coisas sabe.”

De repente, a porta fechada do laboratório se abriu de um golpe.

“Há alguém aqui!” Xander sussurrou com um olhar de medo em seu rosto.

“Rápido! Se escondam!”

Cally assentiu compreendendo e agarrou Bette pela mão, arrastando-a logo atrás dela enquanto se escondia debaixo de uma mesa próxima.

“Oi Exo! É você?”

³⁴ planta herbácea vivaz, pertencente a família das ranunculáceas, e caracterizada por ser altamente tóxica.) e mandrágora em pó (contém alcalóides, tal como atropina e escopolamina. Se usava como anestésico. Em grandes doses se entraria em coma.) em uma mescla louca e borbulhante.



93

Xander se virou ao ver seu primo Jules aproximar-se tranquilamente até ele, um olhar surpreendido em seu belo rosto.

“Sim, sou eu”, respondeu Xander, enxugando nervosamente a palma de sua mão contra seu avental do laboratório.

“O que você está fazendo aqui?” perguntou Jules.

“Eu ia perguntar a mesma coisa.”

“Eu esqueci o meu caderno de fórmulas”, explicou Jules, levantando um maltratado volume encadernado em couro com broches metálicos. “Meu pai continua a adiar a viagem para Vail se eu não melhorar minhas notas. Por que você está aqui?”

“Só fazendo um pouco de trabalho por crédito extra, só isso.”

“Você é o maior nerd, Orlock”. Jules riu entre dentes.

“Bom, não posso contar só com minha beleza, como algumas pessoas que conheço”, disse Xander com um sorriso torto.

“Depois que... quer sair depois da aula? Sergei tem chamado mais um montão de caras. Os pais dele estão fora nas Hamptons.”

“Acho que não”, disse Xander. “Esse não é bem meu lugar. Como você mesmo disse, sou um nerd. Além do mais, tenho a sensação de que Lilith fica incomoda comigo por perto.”

“Na verdade eu ainda não falei com Lilith sobre a festa”, disse Jules, olhando seus sapatos.

“Você vai falar?”

“Não sei. Talvez.” Ele deu um encolher de ombros. “É só que ela está agindo de forma estranha ultimamente, sabe? Desde o ocorrido com Tanith, você sabe, ela não tem feito nada além de se dedicar a sua obceção por essa garota nova de sua escola, a New blood”.

“Lilith e Tanith eram amigas, Jules”, disse Xander prontamente.

“Provavelmente esteja tentando não pensar nela. Talvez a fixação pela New blood deixe sua mente fora disso.”

“É, acho que sim,” Jules admitiu com pouco entusiasmo. “Só queria que fosse mais como seu velho eu de novo.”

“Se esse é o caso, por que não tenta fazer algo para distraí-la de Tanith?” Xander sugeriu. “Algo romântico.”

“Isso não é uma má idéia”, disse Jules alisando seu queixo. “Para alguém que nunca teve um encontro, parece entender de mulheres”.

“Minha mãe tem todas essas coisas, assinatura da Cosmo e coisas assim”, disse Xander com um riso. “Eu leio quando meu pai não está olhando”.

“Melhor eu ir”, disse Jules. “Obrigada pela dica, primo! Acho que até que pode funcionar!”

“Nos vemos logo,” Xander disse quando seu primo saiu da sala.



“Quem era?” Cally sussurrou enquanto saía debaixo da mesa do laboratório.

“Meu primo Jules.”

“Seu primo?” Exclamou Cally, não podendo ocultar sua surpresa.

“Não notou a semelhança?” Xander disse com ironia.

“Não quis dizer isso, Exo”.

“Tudo bem.” Xander suspirou quando voltava para seu trabalho com a poção. “Estou acostumado. Jules é um imã para as garotas e eu sou um anti-imã de garotas. Eu sei, você sabe e todo mundo sabe.”

“Não deveria falar dessa maneira sobre você mesmo”, Cally lhe repreendeu, colocando a mão sobre seu braço.

Xander parou para olhá-la com um sorriso triste. “É uma menina muito gentil, Cally, mas não há razão para me fazer ter ilusões. Os Orlocks podem ser uma das famílias mais antigas, ricas e poderosas do mundo, mas se há uma coisa que não é, é fácil de se olhar. Droga, a maioria de nós consegue ao menos passar por humano. Sei que nunca serei bonito e já aceitei isso. Estou bem comigo mesmo, que é muito mais que um montão de gente – incluindo os vampiros – pode dizer. Agora tenham cuidado, quando colocar os ingredientes finais na poção, vai borbulhar como Coca Cola Light com Mentos”.

Xander recolheu um frasco sem marca e colocou uma pequena medida de pó no vidro com borbulhas.

A mistura começou a fazer espuma selvagemmente enquanto expelia toda a escala de cores. Quando chegou a lavanda, Exo tirou o vidro pingando do Bico de Bunsen e derramou o líquido em uma xícara e entregou para Bette.

“Tome rápido, antes que terminem as borbulhas”.

Bette inalou a mistura com apreensão subindo seu nariz de morcego.

“Cheira como meia suja de ginástica”.

“Eu não te disse que cheirava bem”, respondeu Xander exasperado. “Só disse que funcionaria”.

Reunindo sua valentia, Bette fechou os olhos e bebeu o conteúdo da xícara de um gole. “Ugh!” sabe inclusive é mais asqueroso que o cheiro!” disse com uma careta enquanto limpava os resíduos em sua boca.

“Também não disse nada de um gosto bom”, lhe recordou Xander. “Como você está se sentindo?”

“Ok, eu acho”, disse Bette enquanto sua pele retrocedia desde sua cara e suas características voltavam ao seu antigo aspecto.

“Mas, é meio estranho. É como se alguém massageasse minha cara de dentro para fora”.

“Não acredito!” exclamou Cally. “Funcionou!”



“É claro que funcionou”, disse Xander, uma pitada de orgulho na sua voz. “Mas vocês devem sair daqui. A ceia terminará a qualquer momento. Isso quer dizer que os corredores estarão cheios de estudantes e professores voltando para suas aulas.”

“Obrigada, Exo” disse Bette sinceramente. “Não esquecerei o que fez por mim. Vamos, Cally, vamos!”

Quando Cally se dirigia a porta para voltar para seu colégio, de repente se voltou e deu um beijo rápido no lado da bochecha de Xander. “Obrigada por tudo, Exo”, sussurrou em sua pontiaguda orelha. “Você é um cara legal, sabia?”

Xander parado ali, com a boca aberta como um peixe, uma mão receosa sobre sua bochecha beijada como se lhe tivessem dado uma bofetada, enquanto olhava Cally sair rapidamente pela porta e seguir pelo corredor.

“Orlock, você é um nerd”, gemeu.

Jules de Laval estava a serviço dos estudantes no segundo piso, olhando para baixo na pia enquanto lavava as mãos. Exo tinha razão sobre o que tinha que fazer.

A bem da verdade,, Xander sempre tinha sido o inteligente da família.

Se queria que Lilith retornasse ao seu velho eu, precisava manter sua mente longe da garota New blood. Mas como?

Recordou que Exo havia dito sobre as revistas de moda da tia Juliana. Sua mãe também tinha várias assinaturas, das que estava pensando.

Talvez devesse fazer uma ligação entre as aulas e pedir a um dos criados para olhar as revistas de sua mãe e encontrar algo romântico para que ele fizesse.

Estava decidindo como por seu plano em ação à noite quando saiu do banheiro e trombou com alguém correndo pelo corredor.

Jules virou para atrás pasmo e estava a ponto de xingar a quem fosse por ser um bastardo torpe quando se deu conta que não estava olhando a um de seus companheiros estudantes de Ruthven, sim a uma garota.

Ficou ali surpreso, não só porque as estudantes da Academia Bathory estivessem proibidas de entrar em Ruthven, sim porque a garota de pé diante dele era a New blood do parque, próxima e preciosa.

Com seus olhos verdes brilhantes, pele branca como uma flor de lua e cabelo curto, estranhamente cortado, a garota de pé diante dele era exatamente o contrário de Lilith e todas as outras mimadas garotas Old blood que havia conhecido.

O tecido vermelho de seu traje de ginástica ajustado em todos os lugares corretos, abraçando seus peitos e seu bumbum perfeito, mostrando suas compridas e bem formadas pernas.

Jules olhou mais adiante da beleza de pé diante dele e viu, mais abaixo no corredor, Bette Maleditto, vestida com o uniforme completo de Bathory.



96

Ela se inclinava fora do elevador, fazendo sinal para a New blood, enquanto mantinha a porta do elevador abertas.

“O que em nome dos Patriarcas...?” conseguiu balbuciar.

A garota com traje de ginástica levantou um dedo até seus lábios.

“Por favor, não diga nada!” lhe rogou. “Se nos metermos em problemas, também colocará seu primo!”

“Como você chegou aqui? E como você sabe quem é o meu primo?”

“Porque Exo nos trouxe escondidos até o laboratório de alquimia. Estávamos escondidas ali quando você chegou para pegar sua tarefa”, explicou.

“Eu sabia que Exo estava metido em algo!” disse Jules. “Só que não pensei que envolveria, se sabe, garotas”.

Jules olhou ao seu redor para se assegurar de que não havia ninguém mais no corredor antes de agarrar a mão da garota. Seu coração começou a bater com mais rapidez quando sentiu sua suave pele debaixo de seus dedos.

“Diga a Bette que nos siga!” sussurrou. “Usar o elevador para voltar para a gruta é muito perigoso agora. Há uma velha escada neste piso que conduz até onde precisam ir. Não muitos estudantes sabem sobre ela e raras vezes alguém a utiliza. Deve ser segura”

Cally deu a volta e fez sinal para Bette para que se apressasse. Jules as levou por um corredor fora do corredor principal até uma pequena porta de madeira com uma alça de bronze. A porta rachada se abriu facilmente, revelando uma série de estreitas escadas de caracol que levavam abaixo na escuridão.

“Obrigada por nos ajudar”. Cally sorriu. “Acredito que podemos continuar desde aqui”.

Jules sacudiu a cabeça. “Não, é mais seguro se eu for com vocês”, disse.

“Posso cobrir sua retaguarda se alguém aparecer”.

Quando Cally e Bette passaram ao interior da escada depois dele, a porta se fechou atrás deles por contra própria. Eles seguiram pelas escadas até embaixo, continuando seu caminho através das teias de aranhas. Depois de uns minutos chegaram até outra porta estreita.

“Isto abre uma sessão na gruta a mais ou menos cem metros da entrada do túnel de Ruthven”, explicou Jules.

“Vou primeiro para ver se a barra está limpa”.

Ele saiu e olhou ao seu redor em busca de sinais de estudantes ou professores, mas não viu ninguém. Voltou para abrir a porta e sinalizou para que as garotas se unissem a ele.

“Uma vez mais, obrigada por ter ajudado,” disse a garota de traje de ginástica, zombando dele com um sorriso. “Foi muito muito cavalheirismo de sua parte”.

“Não foi nada, senhorita...?”, disse em resposta a seu tom de flerte.

“Cally”



Jules deu um passo adiante e pegou as mãos de Cally nas suas, fazendo uma ligeira reverência com a cintura e os lábios roçando ligeiramente contra a curva de seus dedos. “Enchanté, Cally”. Jules sorriu.

“O prazer é todo meu, monsieur,” respondeu ela, fingindo uma exagerada reverência.

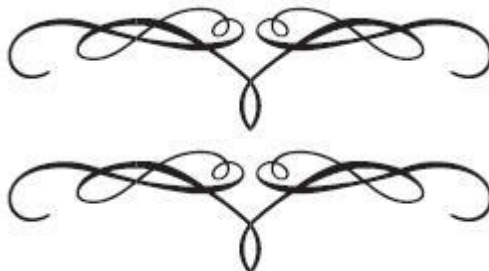
Encantados com seu jogo, Jules e Cally começaram a rir, mas quando escutaram a risadinha de Bette, Cally corou. “É melhor ir”, disse, soltando suas mãos.

“Au revoir”. Jules sorriu.

Jules parou para olhar as garotas voltarem correndo para seu lado da gruta. Disse a si mesmo que estava comprovando que chegaram com segurança, mas na realidade ele só queria admirar a bunda de Cally.



QUINZE



Quando a academia
essa coisa de cafeteria na escola.

Bathory foi fundada, não tinha

Mas o sistema de bancos de sangue de Victor Todd foi cada vez mais aceito pela população, e com o tempo isso mudou. E agora temos uma grande sala para que os alunos e professores possam se alimentar. Nos fundos da cafeteria estava o banco de sangue em um grande freezer frigorífico de três portas.

Como Lilith era a primeira da fila, tinha uma vista sem obstáculos das estantes de aço inoxidável, cheio de gavetas de plástico com bolsas de sangue humano.

O criado não-morto na cafeteria sorriu e perguntou:

"O que vai querer esta noite, querida?"

"acredito que ainda tenho algum da minha reserva particular", respondeu Lilith.

"Claro que tem Miss Todd". A senhora do almoço abriu as portas da geladeira e procurou dentro de uma gaveta, tirando uma bolsa de sangue, que logo colocou numa bandeja de plástico da cafeteria.

Na parte da frente da bolsa tinha uma etiqueta marcada com um grande AB junto com o logotipo da empresa HemoGlobe:

Lilith pegou sua bandeja e sentou na primeira mesa disponível.

Uns minutos depois todos os seus amigos já estavam com ela.

Porque, não importava onde ela sentasse esta sempre seria a mesa popular.

"Você viu a Annabelle Usher esta noite?" Carmen perguntou quando se sentou na frente de Lilith, com um sorriso sínico inclinando sua cabeça na direção de uma baixa e pálida menina com uma cara redonda e cabelo escuro cortado no estilo pajem com o que parecia um bigode ao invés de sobrancelhas. "Ela esta absolutamente horrepilante olha como essa roupa esta medonha? Será que ela não tem coisa melhor pra vim a escola?"

"Lilith sacudiu sua cabeça com desgosto." Ela não é digna que estudar em Bathory. "Parou um pouco e olhou ao redor da sala. "Falando nisso, onde esta a novata?"



"Está falando da Cally?" Bianca Montimer perguntou, se metendo como sempre. "Não a vi desde a aula de voo. Porque? Esta afim de falar com ela?"

"Lilith está certa" Carmen concordou. "Já temos muitos mestiços e legados arruinados para o resto de nós, e não precisamos de uma New blood para piorar as coisas."

"Acho que está cometendo um grande erro." Disse Melinda de repente.

O bate-papo parou abruptadamente quando as outras meninas giraram para olhar Lilith, que estava olhando para Melinda como uma águia enojada, quando finalmente falou surpreendentemente tranquila.

"O que foi isso?"

"Só acho que talvez não deveríamos ter tanta pressa pra torná-la nossa inimiga", Melinda respondeu com cautela. "Ela não é nenhum ratinho acuado, já viram o que ela pode fazer."

"Está dizendo que deveríamos ter medo dela?" Perguntou Lilith, com os olhos arregalados.

"Não, claro que não, Lily" Melinda respondeu com uma risada nervosa.

"Não me surpreende que você esteja defendendo aquela cachorra, Mally," Disse Lilith, escorrendo veneno enquanto falava.

"Todo mundo sabe o quanto é acolhedora com as gêmeas Maleditto, acho que deveria encontrar a novata e a unir a sua coleção de meninas solitárias."

"O que está tentando fazer, Lilith?" Gritou Melinda.

"Oh, você é uma piada, Melly" Disse Lilith " De todas as meninas desta mesa, você é a única que nunca teve namorado. Me pergunto o motivo, Ummmm... Está muito impressionada com a novata pra falar a verdade, tem algo estranho nela, muito mal! Eu senti isso desde a primeira vez que a ví."

"Só está com ciúmes" Disparou Melinda de volta.

"Ciúmes" Lilith falou não parando de rir " De quem eu tenho ciúmes?" De uma perdedora idiota que nem sabe mudar de forma!"

"Ela acabou com o Van Helsing que matou Tanith com uma só mão". Respondeu Melinda. "Isso é mais do que qualquer uma de nós podemos fazer, se eu fosse você não a chamaria de perdedora idiota".

As outras meninas na mesa continuaram quietas esperando a explicação que viria. Porém Lilith fez o contrário do que todos esperavam, se levantou da mesa e foi embora.

Carmen deu a volta e franziu a sobrancelha para Melinda. "Você voltou a ser psicótica, falando dessa maneira?" Suspirou. "E pra que? Para ficar nas botas de alguma cadela New blood?"

"Agora não posso mais dizer a verdade?" Melinda perguntou, sacudindo a cabeça não acreditando no quanto suas amigas eram cabeça oca. "Acho que vou terminar do comer com uma das minhas amigas". Melinda pegou sua bandeja e mudou para a mesa onde estava Bella Maleditto, que estava



sentada sozinha, parecia confusa e perdida sem a sua irmã.

Lilith se sentou em um **afloramento a cinquenta** pés sobre o solo da gruta, com os braços em volta das suas pernas, ela olhava a escuridão que a envolvia. E ficou feliz, porque era a única que conhecia aquele lugar, e ninguém iria procurá-la ali.

Ela tinha tudo na sua vida. Era linda. Seus pais eram ricos, e o status da sua família sempre trazia muitos novos amigos. Na verdade, nunca teve trabalho para fazer amigos, e muito menos cuidar deles.

"Amigos" isso era uma piada. Melinda, Carmen, e as outras eram como pequenos peixes nadando junto a grande baleia, para morder as migalhas que caíam de suas mandíbulas. Sem problemas, era importante contar com esse tipo de amigos, se queria continuar sendo popular.

Por ter consciência de que era linda, popular e desejada, sabia que não tinha um círculo de amigos de verdade, pois estavam com ela ou por a admirarem, por medo ou respeito a sua posição, como poderia estar segura tendo amigos desse jeito.

Em menos de uma semana, ela tinha perdido dois amigos, todos por causa da Cally Monture, Tanith que foi assassinada por causa do show organizado pela New blood, e agora Melinda que estava mostrando as garras, a desafiando na frente de todos. Ela deveria ter dado uma bofetada naquela traidora.

Mas o que iria adiantar? A verdadeira culpada era Cally, não Melinda.

Lilith escutou vozes vindo do fundo da gruta. Tirando-a dos seus pensamentos. Olhou para baixo e viu a três figuras de pé do lado da caverna pertencente a Ruthven. Um deles era um rapaz com uniforme de Ruthven enquanto as outras duas eram garotas, uma com o uniforme da academia de Bathory e a outra com roupa de ginástica.

Quando Lilith estava olhando, o rapaz deu um passo a frente, se inclinou e beijou a mão da menina com roupa de ginástica. Lilith os reconheceu, eram eles: Jules, Cally Monture e Bette Maleditto.

"Como se atreve a falar com ele?" Jules era seu! Seu e de mais ninguém!

Não conseguia controlar seu ódio e muito menos seu corpo, quando viu a reverência que seu antes amado fazia para a puta New blood, teve que se controlar para não pular e arrancar seus olhos das órbitas. Todo seu corpo vibrava com uma fúria incontida. Quando Cally e Bette correram pela gruta como um par de ratos. Seria tão fácil se transmutar na sua forma alada e enfiar suas garras afiadas naquela New blood. Como seria bom escutar sua coluna vertebral se quebrando, mas isso não era nada se comparado aos gritos que Cally daria quando arrancasse pouco a pouco a carne dos seus ossos, com nada mais nada menos que seus dentes.

Lilith olhou suas mãos e viu que estava tremendo tanto que parecia que iria despedaçar seu pulso. Fazendo de tudo para controlar melhor seus dedos trêmulos, abriu o bolso da sua jaqueta e abriu seu maldito pó compacto.

Tudo o que precisava era certa tranquilidade, isso era tudo. Só um pouco de tranquilidade a ajudaria a voltar a aula como se nada tivesse acontecido, para depois encontrar Cally sozinha e só então poder matá-la.

Abriu a tampa do estojo de seu pó compacto, pensando em ser recompensada como sempre por seu



lindo rosto em seu esplendor. E deparou-se com horrendos olhos vermelho de monstro.

Chocada com a visão do seu rosto cheio de ódio, Lilith atirou o ofensivo espelho.o com toda fúria sobre a pedra.

O espelho estava destruído, mas o demônio em seu interior continua muito vivo.



DEZESSEIS



O resto da noite Cally esteve excitadíssima por causa da adrenalina resultante de ter rompido com as normas e saído da linha. Enquanto estava sentada esperando o fim das aulas que faltavam, decidiu que não era tão mau que a tivessem enviado para a Academia Bathory, afinal de contas.

Claro, a maioria dos professores e alunos da escola não cuspiriam nela, se ela estivesse em chamas. Mas, agora podia ver que nem todos eles eram uns vaidosos esnobes como Carmen e Lilith.

Essa noite ela havia feito amizade com Bette e Exo e sabia que Jules estava pronto para mais. Teve que admitir que os tutores de Bathory eram muito melhores que seus equivalentes em Varney Hall. Sua instrutora de caligrafia, Madame Geraint, foi realmente animadora e, apesar de sua aparência áspera, a treinadora Knorrig parecia estar realmente interessada em ajudar a tirar todo o seu potencial.

Mesmo sabendo que não deveria ter falsas pretensões em relação ao seu futuro na escola, se ia sobreviver no mundo vampiro, precisava aprender todo o que pudesse sobre sociedade dos Old blood, as competências e capacidades, tal como havia aprendido sobre a humanidade de sua avó e sobre os New blood Nova em Varney Hall.

Todavia se sentia otimista, quando saía da aula de história de Madame Bourcher. A escola era durante a noite, e enquanto se dirigia a seu armário, Cally se perguntou se ia até Peter de novo no seu caminho para casa. Ela esperava que sim, porque ela realmente queria lhe contar tudo o que aconteceu com ela na escola hoje.

Com Peter havia encontrado alguém que entendia de onde vinha e não a julgava. Não querendo desperdiçar sua recente sorte, pegou o número que havia lhe dado e ligou para ele.

Rapidamente concordaram em se encontrar no cemitério depois da escola.

No entanto, o bom estado de animo de Cally mudou, ao chegar a seu armário e ver uma peça de pergaminho dobrado encaixado em um dos espaços de ventilação. A nota, escrita com os rebuscados caracteres Chotonic dos Old blood, dizia: Alguém nos viu. Ela vai dizer a diretora do colégio se não lhe dermos dinheiro. Se reúna comigo na gruta depois da escola, Bette.

Cally saiu do elevador para o corredor que levava à gruta, se deu conta de que os faróis a gás se haviam apagado. A escuridão era mais profunda que qualquer que tivesse experimentado antes. Era como se o elevador a tivesse levado para a mais profunda fossa oceânica.

Ficou ali uns instantes, permitindo aos olhos se adaptar a ausência total de luz. A escuridão começou a se transformar em vários tons de cinza, e ela continuou caminhando pelo corredor até a gruta. Na entrada, olhou uma agitação no extremo oriental da curva.



“Oi?” sussurrou na escuridão total. “Eu recebi a nota”.

Em resposta, ouviu uma agitação. Cally olhou, tentando localizar a fonte do ruído, mas tudo o que viu foram as estalactites talhadas que desciam do teto, como um poste de cima para baixo.

“Onde você esta?”

“Por aqui.” Sussurrou uma voz da escuridão.

Ao se mover na direção da voz, sentiu que algo triturado em baixo de seus sapatos. Olhou para baixo e viu que os fragmentos de prata e vidro haviam se intensificado.

Agachou-se e ao recolher uma pedaço de espelho destacad, sentiu uma agitação de asas tão próximo da cabeça que lhe arrepiou os pelos da nuca. Cally saltou e girou sobre seus pés, o coração acelerado no peito, mas não havia nenhum sinal do que acabava de passar voando.

“Quem está aí?”, gritou na escuridão.

“Responda!”

Risos malignos pareciam vir de nenhuma parte e de todas as partes de uma vez. Cally se amaldiçoou por ter sido tão tonta a ponto de baixar a guarda. A escola deveria ser território neutro, a uma zona livre de vinganças, por isso havia caminhado para diretamente para uma emboscada.

Repentinamente, houve uma forte explosão de sacudir de asas e um corpo peludo com a cara de um demônio se precipitou desde seu esconderijo, chocando-se contra Cally com a força de um carro e golpeando-lhe a coluna. Cally caiu para o lado, o ar brilhava próximo da criatura morcego e de repente Lilith estava de pé sobre ela.

“É meu! Todo meu e de ninguém mais, cachorra estúpida! Agora e sempre!”

Lilith gritou, agarrando Cally pela parte superior da cabeça.

Usando um prendedor de cabelo como apoio, Lilith puxou Cally até seus pés. Cally gritou de dor por causa de seu couro cabeludo e lhe saltaram as lágrimas.

“Ninguém toma o que me pertence e vive para desfrutar disso!”

“Me solta, sua cachorra louca!” Cally grunhiu, lançou o punho contra o estômago de Lilith era bastante difícil se soltar de suas garras.

Lilith cambaleou para trás, se pôs de pé, se inclinou com os braços envolvendo protetoramente seu estômago.

Seus olhos brilharam na escuridão, ela mordeu o ar como um animal raivoso.

“Vou te matar, New blood! Vou espalhar suas entranhas daqui até a Broadway!”

“Você perdeu a cabeça?” Cally gritou.

Em resposta, a outra garota gritou e lançou-se de cabeça, presas em direção a Cally. Cally agilmente se esquivou, golpeando com o cotovelo as costas de Lilith o mais forte que pode. Lilith cambaleou pela força do golpe de Cally e caiu de joelhos. Cally se movimentou de forma rápida e lhe deu um chute feroz nas costelas.



“Eu não comecei isso, cachorra”, Cally grunhiu. “Mas estou segura como o inferno de que vai acabar aqui!”

Antes que Cally pudesse lhe dar outro chute, o corpo de Lilith se ondulou e retorceu e foi substituído pelo corpo de um lobo grunhindo.

Lilith transformada, com os dentes afiados, correu para trás de Cally em direção a seus calcanharres, Cally rapidamente pulou para trás, evitando por pouco a mandíbula da grande criatura.

A escuridão da gruta se dizimou por conta de uma explosão de luz branco-púrpura. Lilith gritou em alarme enquanto se encolhia frente a visão do estranho brilho violeta que envolvia a mão direita de Cally.

“Para trás!” Cally gritou enquanto suspendia sua mão em alto como uma tocha. Línguas de energia bailavam nas pontas de seus dedos como chamas em um candelabro.

“Vou te ferir se tiver que fazer!”

Lilith se assustou do desafio e correu nas quatro patas até a parede mais próxima. Ao chegar na rocha, mudou de novo para sua forma humana, correndo pela íngreme superfície, tão rapidamente como um lagarto. Na metade da parede, girou a cabeça 180 graus sobre seus ombros, preparada para cuspir no em sua adversária a continuação.

“Você se dá conta do que Madame Nerezza fará quando souber disto?” Cally gritou para ela.

“Bem, não estou preocupada com o que essa vaca seca possa fazer!” Lilith replicou. “Sou parente de sangue do fundador desta escola e minha família é sua maior mantenedora! Posso fazer o que quiser em Bathory! E te quero morta, New blood!”

As feições de Lilith se desvaneceram e mudou uma vez mais, se convertendo em um monstruoso morcego. Separou-se da parede abrindo suas asas por completo. Cally se agachou quando Lilith correu para ela, mas não antes que sua atacante lhe rasgasse as costas com suas garras. Cally pousou uma mão sobre o seu ombro agora úmido e vermelho.

“Primeiro sangue é meu outra vez!” Lilith cantou em uma voz aguda.

“Aceite, novata: não pode competir contra mim!”

Cally se escondia detrás das estalagmites, Lilith se apressou de novo, suas garras entendidas como um trem de aterrissagem. Cally alçou a mão com um arco relampejante saindo de sua palma. Com furiosos chiados ultra sônicos, Lilith voou pelo ar, desaparecendo nas seções altas da gruta. Cally examinava o teto abobadado, tentando desesperadamente saber para aonde havia ido sua atacante, mas Lilith estava muito bem escondida entre as sombras.

Cally estava em sérios problemas e as duas sabiam disso. Ainda que ela e Lilith se equiparassem no mano-a-mano, não podia competir com a capacidade de Lilith de mudar de forma ou voar, a única arma que tinha em seu arsenal era seu coletor de tormentas e como ela havia perdido seu primeiro disparo ia tomar tempo concentrar energia para reunir outro. Cally rezou para que Lilith não soubesse e que seguisse mantendo distância. Sua única esperança de sobreviver era sair da gruta e ir até o elevador. Provavelmente não poderia cravar suas garras em sua coluna vertical através da porta, tinha que aproveitar a oportunidade.



Chamando todo seu valor, Cally correu tão rápido como pôde ziguezagueando pelo labirinto de estalagmites e colunas. De repente, desde as profundezas da cova produziu-se um grito horrível, como o de uma alma condenada submetida à chama.

Cally olhou por cima do ombro e viu que Lilith caía sobre ela com as garras estendidas, com os olhos ardendo com alegria sinistra, como uma harpia obtendo uma desafortunada vítima.

Ao se dar conta de que podia ser morta se Lilith a prostrasse no chão, Cally se voltou e pulou tão alto como pôde, alcançando sua adversária no ar.

Lançou-se de braços abertos, em uma paródia grotesca de abraço, que cobrindo as asas de Lilith e juntas caíram no chão.

Não podia reunir os raios necessários para se defender, Cally desesperadamente tratou de se separar da cabeça de Lilith, já que rodaram pelo chão de rocha dura da gruta. Percebendo a debilidade de seu adversário, Lilith se lançou adiante e afundou seus dentes profundamente no ombro direito de Cally.

Gritava de agonia enquanto Lilith a sacudia como um cachorro a sua caça. Sem prévio aviso, Lilith abruptamente renunciou seu agarre de morte em seu inimigo. Inclusive através da neblina de dor, Cally podia ver claramente a surpresa nos pequenos e brilhantes olhos de morcego de Lilith.

Cally não sabia o porquê de Lilith ter falhado em seu ataque, mas aproveitou sua boa sorte.

Convocou sua energia restante, utilizou a ligeira abertura para lançar um raio de eletricidade com sua mão, enviou Lilith para trás. Cally se pôs de pé e foi onde seu oponente estava no solo gemendo de dor, fumaças saindo de sua pele queimada.

Quando se pôs de pé sobre ela, Lilith levantou a cabeça e olhou desafiante para Cally.

“Adiante! O que você está esperando?” cuspiu. A pele pálida foi substituída pelo cabelo loiro e pele bronzeada perfeita. “Me mata e acaba com isso de uma vez!”

Cally olhou sua mão direita fechada, que ainda brilhava com fogo elétrico, e em seguida para Lilith. Ela respirou fundo e fechou seus olhos. O arranhão de Nimbus piscou e desvaneceu em nada.

“Não Lilith”, disse Cally. “Acredite ou não, não quero te matar.”

“Isso é mentira!” Lilith grunhiu. “Deixa de brincar comigo e acaba de uma vez!”

“Pode para com o ‘por favor, me mate’? Estou tentando fazer algo de bom aqui, ainda que não saiba porque, eu me importo”.

“Não finja que não sabe porquê, eu fiz isso, puta!” Lilith grunhiu.

“Eu avisei o que aconteceria se não ficasse longe do que é meu! Te vi com Jules antes! Você está tentando roubá-lo de mim, não? Assim como você está roubando meus amigos! É por isso que me seguiu para essa escola, não? Para roubar o que é meu!”

“Whoa! Você pode se acalmar por um momento?” Cally disse, levantando suas mãos para pedir silêncio.

“Olha, Lilith sei que o que você viu deve ter sido ruim, mas há uma explicação inocente por detrás disso. Eu não estou interessada em seu namorado e ele não está interessado em mim.”



“Eu nunca disse que ele estivesse!” Lilith interrompeu.

“Qualquer que seja o caso, não tem absolutamente nada com que se preocupar nesse departamento. Se não acredita em mim, pode perguntar a Jules. Ele dirá a verdade. Você não confia nele não?”

“É claro que confio, Jules é meu prometido. Ele nunca mentiria para mim.”

“Fico feliz de ouvir isso. E, quanto a razão pela qual estou aqui em Bathory, você entendeu tudo errado. Apesar do que possa pensar, não tenho estado te seguindo. Não quero usurpar sua vida. Só vim para essa escola porque meu pai ameaçou suspender o envio de dinheiro para minha família se não fizesse.”

“Teu pai?” Os olhos de Lilith se reduziram a fendas. “Não me pergunte o porquê de ser tão importante para ele.” Cally suspirou. “Nunca conheci o homem. Nem sequer seu nome. Olha, acho que provavelmente nunca vamos ser amigas, mas não há necessidade de nos matarmos por um estúpido mal entendido”.

Lilith ficou em silêncio no chão por um momento e logo olhou na direção de Cally. “Você vai dizer à diretora o que aconteceu aqui?”

“Não tocarei no assunto se você não disser que eu escapei da escola com os garotos.”

“Certo, então”. Lilith assentiu.

“Aqui, me deixe te ajudar”.

“Não encosta em mim!” Lilith grunhiu, batendo para o lado a mão de Cally enquanto ela se pôs de pé. “Continuo não gostando de você, New blood, e certamente não confio em você! E o que disse antes ainda continua: Mantenha-se longe dos meus amigos! E se alguma vez te vir falando com Jules de novo, vou te partir em pedaços!”

Com isso, Lilith abriu suas asas e saiu disparada na escuridão.

Cally se levantou e virou para se assegurar de que ela realmente havia ido, só para estar segura, antes de voltar para o elevador. Ela esperava que sua mãe estivesse dormido quando ela chegasse em casa. Apesar de que suas feridas já haviam sarado, sabia que Sheila certamente enlouqueceria se visse o sangue na jaqueta e na blusa. A última coisa de que precisava era que seu pai se inteirasse de que havia brigado na escola. E com ninguém menos que a filha de Víctor Todd.



DEZESSETE



Deixando a Academia Bathory, Cally estava aliviada por encontrar as ruas vazias. Depois de seu confronto na gruta, não queria que ninguém soubesse que ela confiara no metrô para voltar para casa. A última coisa de que precisava era Lilith esperando para pular em cima dela enquanto ia até a plataforma número seis.

Enquanto andava até o a estação Oitenta e seis, Cally não podia esperar para voltar para Williamsburg, sentir o abraço de Peter. Tinha muitas histórias para lhe contar, mas, de repente compreendeu, que tinha que excluir a parte de Jules beijando suas mãos – e suas fantasias sobre como havia se sentiria se ele houvesse beijado sua boca. Ainda que gostasse de compartilhar com Peter os detalhes de sua vida, uma garota tinha que manter seus segredos.

Estava perdida em seus pensamentos quando uma limusine negra parou próxima a ela. Cally girou os olhos com repugnância. Era o que faltava para completar a noite: uma proposta de carona com algum velho rico pervertido.

Ouviu um ronrono elétrico, enquanto a janela escura e pesada do passageiro se abaixava, revelando um homem de idade mediana com cabelos grisalhos usando óculos escuros redondos e um Armani. Cally sentiu o cheiro de charutos cubanos finos e whisky americano vindo dele como se fosse colônia cara.

“Quer dar uma volta, Senhorita Monture?” o homem velho perguntou.

“Nem pensar camarada” lhe respondeu ela firmemente antes de parar e piscar com surpresa. “Hey, espera um momento!” disse, se virando para olhar fixo para o homem de óculos escuros. “Como você sabe o meu nome?”

Para lhe responder, Bella e Bette Maleditto se inclinaram para frente.

“Oi Cally!”

“Oi Cally!”

“Oh, sinto muito! Não sabia que o senhor era o pai de Bella e Bette!”

“Está tudo bem, querida” o Sr. Maleditto sorriu em silêncio. “No entanto, a oferta continua de pé.”

“Eu agradeço, Senhor,” disse Cally. “Mas justo agora estava indo a caminho para pegar o metrô...”

“O metrô?” O Sr Maleditto soprou com aversão. “Uma garota jovem e encantadora pegando o metrô a estas horas da manhã? Tenho medo só de pensar o que poderia te acontecer!”



A porta de passageiros da limusine se abriu de repente, como se houvesse sido aberta por um fantasma. “Por favor, me permita te levar até a sua casa.” Disse ele, convidando-a com a mão para entrar no carro. “Insisto.”

Cally subiu na limusine, se acomodando no assento em frente de seu anfitrião e suas filhas.

“Bette disse ao papai o que você fez por ela no colégio.” Disse Bella.

“Realmente.” Disse seu pai alcançando a mão de Bette para acariciá-la. “Senhorita Monture, espero que me permita compensar sua bondade. Porque fez com que minha Bette falasse com muita profundidade de seu caráter verdadeiro. Não pode se encontrar este tipo de coisa entre os jovens, e menos neste país.”

“Obrigada Sr. Maleditto.”

“Por favor, me chame Vinnie!” disse com um sorriso.

“Não o Vinni Maleditto?” Cally arquejou ante a surpresa.

Logo entendeu o que Bette havia dito sobre as outras garotas do colégio tinham medo dela e de sua irmã, tudo tinha sentido. Seu pai era líder indiscutível do Strega, uma das sociedades criminosas secretas mais antigas e mais bem sucedidas da história do mundo.

“Com medo.” Ele riu em silêncio. “Nós os Maledittos valorizamos nossos amigos, sobre tudo os que entendem de honra e lealdade. A partir de amanhã, enviarei um de meus motoristas para a tua casa para te levar e trazer da escola o resto do ano.”

“Não tem que fazer isto, Sr Maleditto!” protestou Cally.

“É o mínimo que posso fazer!” disse fazendo um movimento com sua mão para acompanhar. “A verdade é que, ainda que não tivesse ido em ajuda de minha filha esta tarde, eu te procuraria querida. Tenho ouvido coisas muito interessantes sobre você de um conhecido mútuo.”

Cally franziu o cenho. “Quem pode ser?”

“A treinadora Knorrih”.

“A treinadora tem lhe falado sobre mim?” Cally perguntou ainda mais perplexa que antes.

“Sim, o fez. De fato, veio me ver esta tarde. Veja, ela e eu temos um arranjo. Ela me mantém informado sobre quais estudantes tem potencial, você cria tormentas, verdade?”

“Sim, senhor.”

“Criar tormentas é uma habilidade rara. A maior parte dos vampiros de hoje em dia não podem mais reunir um nevoeiro. Um dos últimos que pode criar um relâmpago foi a própria Morella Karnstein. Sabia disso?”

Cally dirigiu um olhar ao retrato de uma mulher com os olhos intensos e o cabelo vermelho. Uma reivindicação para que Lilith perdesse sua posição. “Não Senhor” admitiu ela.



“A razão de te dizer isto, é porque Victor Tood tem sido durante muito tempo uma pedra no sapato. Parece que sua filha nos tem uma aversão similar,” disse Maleditto, assinalando o sangue seco em suas roupas.

“Como sabes que foi ela quem me atacou?” perguntou Cally com assombro.

“Posso sentir seu cheiro em você.” Explicou Maleditto. “Quando se tem vivido tanto tempo como eu, chegas a conhecer a essência do sangue do teu inimigo.”

Cally esteve a ponto de dizer que confundia, já que não era o único sangue que se havia derramado na batalha, mas logo pensou melhor não. Algo lhe disse que Vinne Maleditto não era o tipo de homem ao que se contrariava.

“Mas antes de ir mais longe, quero deixar algo muito claro”, Maleditto se pôs adiante deixando sua cara a uns centímetros da dela. Baixou seus óculos, revelando olhos negros como azeitonas, “Qualquer um Novo ou Velho, sangue é sangue, tenho razão?”

“Sim, senhor”, respondeu ela silenciosamente.

“Eu gosto de você, Cally” Vinni Maleditto disse enquanto se inclinava até o seu assento e movia os Havanas do descaso de braço da limusine. “algo me diz que com os amigos apropriados, você pode chegar muito longe em nosso mundo. Sobretudo se estes amigos são os inimigos do pai de teus inimigos.”

Jules acabava de consultar seu relógio quando o zumbido da porta anunciou a chegada de Lilith. Surpreendeu-se de vê-la ainda vestida com o uniforme da Academia Bathory. Normalmente se trocava bastante rápido.

“Onde você estava?” perguntou ele. “Estava começando a ficar preocupado.”

“Aconteceu um imprevisto.” Explicou ela. “Tive que ficar na escola depois da aula um pouquinho mais.”

“Você conseguiu solucionar?”

“Não realmente.” Respondeu ela, sacudindo a cabeça. “Então porque você queria me encontrar aqui? Pensei que íamos sair essa noite.”

“Sim, bem, meus pais saíram, e já que tenho a casa toda para mim, pensei que talvez seria legal que agente ficasse esta noite aqui. Não temos feito isso há muito tempo.”

“Sim tem razão, seria legal.” Ela concordou.

“Lili, você está bem?” perguntou preocupado. “Parece distraída”.

“Só estou com a cabeça cheia”.

“Ainda está nervosa pelo que aconteceu com Tanith?”

“Não, não mais.” Admitiu ela.

“Fico feliz ouvir isso” ele suspirou aliviado.



Lilith levantou a vista, como se buscasse algum tipo de sinal que só ela pudesse ver. “Jules – te vi com Cally e Bette na gruta esta noite.”

“O quê?” ainda que estivesse muito alterado tratou de não demonstrar em sua voz. “Você nos viu?”

“Jules, como você pôde? Você beijou as suas mãos dela!” Lilith chorou, seus olhos começaram a se quebrar. “Você sabe o quanto eu odeio essa garota!”

Jules manteve seu rosto ilegível como uma máscara enquanto buscava uma saída para essa situação. Ao menos não estava gritando. Lilith era praticamente impossível de lidar quando ficava enfurecida. Quando ela estava chorona e emocional, fazia com que se sentisse mal e que ele tinha que trabalhar sobre sua insegurança a fazê-la duvidar de si mesma.

“Lilith, eu só estava ajudando Exo. Compreendo que Vinnie e seu pai tenham um ressentimento entre eles, mas não sou o suficiente estúpido para ofender a uma de suas filhas. Além do mais não beijei a mão de Bette Maleditto nem nenhuma parte dela!”

“Não, não ela!” rompeu Lilith. “A New blood!”

“O que você está dizendo?” disse Jules, fingindo que não sabia do que falava.

“Quer dizer que você não a reconheceu?” perguntou Lilith, olhando com desconfiança.

“Não consegui vê-la bem no parque” respondeu ele. “Estava muito preocupado com os Van Helsing’s”.

“Você gostou dela, não é? Eu vi como você a olhava quando pensava que ninguém te observava”, disse Lilith acusadoramente.

Jules riu e sacudiu a cabeça. “Lilith, não tem porquê de sentir ciúmes! Eu só estava sendo cortês, isso é tudo. A única razão pela que estive com ela em primeiro lugar foi para fazer um favor para Exo. Não há nada mais a respeito dela que isto.”

“Então, você não se sente nada atraído?” perguntou Lilith com um tom mais esperançoso do que o de antes.

“É claro que não!” mentiu ele, “Além do mais, acredito que Exo está interessando nela.”

“Exo e Cally?” Lilith não pôde mais que rir ante a idéia deles juntos.

Jules lhe tirou uma mecha de cabelo do rosto enquanto lhe beijava. “Você e essa sua imaginação! Sempre encontrando coisas que realmente não existem com o que se preocupar. É por isso que pensei que seria bom que ficássemos aqui esta noite.”

“Como é isso?” perguntou ela.

“Olha,” disse ele com um sorriso maldoso. “Mas você tem que confiar em mim primeiro. Confia? Acredita em mim, Lili?”

Lilith examinou seus olhos e sorriu. “Claro que confio.”



111

Jules tirou um pano negro de seda de dentro de seu bolso, “Vira pra que eu possa vender seus olhos”

“Como sei que não vai me prender e abusar de mim?”

“Já disse, vai ter que confiar em mim.”

“Não me entenda mal,” disse ela, enquanto lhe vendava os olhos. “Não tenho nenhuma problema com isso!”

“Esta é a minha Lili.” Sorriu em silêncio. “Agora, me a mão.”

“O que você está fazendo?” sorriu ela nervosamente enquanto Jules pegava sua mão, e a conduzia da sala de estar para a escada.

“É uma surpresa.”

“Que tipo de surpresa?”

“Se te disser o que é, então já não é mais uma surpresa, né?”

Ele riu. “Oops. Cuidado. Aqui vem um degrau. E outro.”

“Jules, isto é coisa de louco!” ela levantou a mão para o nó da venda dos olhos. “Vou tirar isso!”

“Não se atrevas!” disse ele, pegando as mãos dela. “Sei que você gosta de controlar qualquer situação, igual ao seu pai, mas tem que aprender a relaxar, Lilith”

“Puxa, que excitante.” Ela riu. “Me comparar com o meu pai!”

“Prefere que te compare com tua mãe?”

“Tem razão.”

Uns quantos degraus e vários abraços mais tarde, chegaram ao segundo andar. “Ainda não posso tirar esta coisa?” perguntou ela.

“Só um segundo mais.”

Ouiu o som de cortinas sendo retiradas, seguidos de uma porta de vidro sendo aberta. “Bem, já podes olhar.”

Jules tirou a venda dos olhos, sorrindo ansiosa. Lilith olhou adiante para a grande varanda e viu dezenas de velas acesas por todo o terraço.

“É lindo!” ela disse.

“Vamos lá fora,” disse, lhe indicando que o seguisse. “Tenho outra surpresa”

Lilith apressou o passo pela varanda iluminada por velas. Com um movimento, Jules lhe deu uma caixinha pequena, azul escuro.



“Abra, Lili” Lhe pediu impaciente por ver sua reação e ganhar sua recompensa.

Lilith desatou a fita vermelha e abriu a caixa lentamente. Emocionou-se ao encontrar uma corrente fina de ouro branco com um pingente em forma de coração incrustado de diamantes brancos e negros.

“Oh, Jules! É magnífico!” exclamou ela.

“Você gostou?”

“Gostar? Eu adorei! Aqui, me ajude a colocá-lo!” Agarrou seu cabelo sedoso e loiro, e girou colocando a corrente ao redor de seu pescoço. Uma vez que fechou o fecho, rapidamente deu a volta, olhando detidamente com inquietação em seus olhos verdes. “Como estou?”

“Você está lida.” Lhe sorriu com cuidado, acariciando sua bochecha com o dorso da mão.

Jules felicitava a si mesmo por haver conseguido, quando o sorriso de Lilith de repente desapareceu, como uma chama extinguida.

“Sei que isso parece estranho, mas se nossas famílias não nos houvessem prometido um ao outro, você ficaria comigo por sua própria vontade?”

“Claro”. Respondeu ele com toda a convicção que pôde reunir.

“E se teu pai te dissesse que teu contrato de casamento tinha mudado? Que está prometido a outra? Faria o que te dissessem ou ficaria comigo ainda que dissessem que tirariam teu legado?”

“Isso é tolice” disse Jules com um riso. “Qual é o ponto em se preocupar por algo que possivelmente não poderia acontecer? Porque não me pergunta se estaríamos juntos se eu fosse como Exo e você pesasse trezentos quilos?”

“Sim, suponho que tens razão.” Disse ela “Já sabes, Tanith me disse uma vez que tive sorte de que me prometeram a você. Pensei que ela dizia porque você é bonito. Mas agora compreendo que era mais que só isto.”

Jules pegou suas mãos e as atraiu para sua boca, as beijando com fez com Cally. “Tenho um AB com whisky americano esquentando na cozinha.”

“Yum, meu favorito.”

“Eu gostaria, por favor” ele sorriu enquanto entrava no sótão. “Porque simplesmente você não desfruta da vista enquanto eu pego algo para agente beber? Voltarei em uns minutos.”

Lilith andou até a borda do terraço e olhou a cidade. O vento do rio brincava com o seu cabelo, o fazendo girar com cuidado ao redor de sua cabeça. Olhou para o pingente de diamantes que estava descansando no seu pescoço segurando-os com nos dedos possessivamente.

Quando Lilith cruzou a primeira vez o caminho da New blood, havia sentido um ódio profundo e imediato. Na maioria das vezes quando Lilith não gostava de alguém, isto era porque eram enfadonhos e não estavam dispostos a fazer o que ela queria.

Mas a inimizade que sentiu por Cally foi abastecida por um combustível muito mais potente: ameaça. Em primeiro lugar não podia entender como ela podia se sentir intimidada por uma mera New blood,



criadora de tormentas ou não. Depois de sua briga na gruta, sabia a resposta àquela pergunta, e não aliviou seus medos que vinham atormentando-a.

Como todos os vampiros, ela podia identificar o sangue de um parente pelo sabor, inclusive se este não fosse mais que uma gota. No momento em que o sangue de Cally entrou na sua boca, Lilith deixou cair a guarda, permitindo a seu inimigo uma melhor posição. Havia esperado que Cally a matasse nesse momento. Mas quando lhe havia salvado a vida, Lilith compreendeu que a outra garota não tinha nem idéia do que passava.

Um dos provérbios favoritos do seu pai era que no conhecimento está o poder. Agora, depois de todos estes anos, ela havia apreciado o que isto queria dizer. Ela não tinha nenhuma intenção de contar para Cally a verdade, e não ia deixar que seu pai soubesse que ela sabia. Ela usaria seus segredos contra ele, tal como ele havia planejado usar contra ela. Teria que ser mais cuidadosa no futuro – ela não queria erguer sua mão para atacar antes da hora.

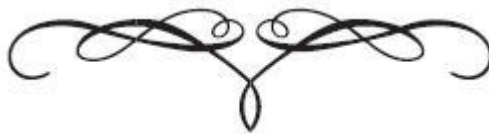
Olhando as luzes cintilantes da cidade, Lilith sentiu seu próprio poder se erguendo. Quando o tempo de agir chegasse, ela o faria assim – sem piedade. O contrato de casamento que Victor Tood havia feito com a família de Jules era simples. Tudo o que queriam era um filho dos Lavals se casando com uma filha dos Tood. E já que havia só um filho e uma filha, nunca houve dúvida de qual seria o destino.

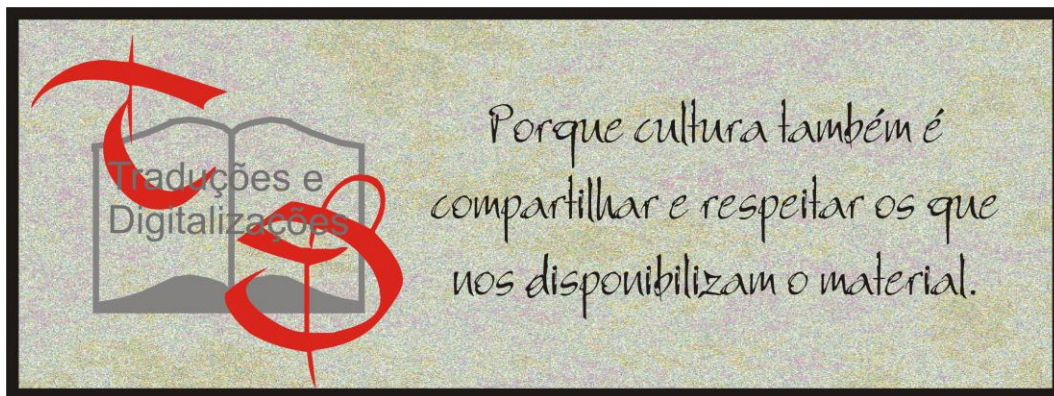
Mas agora, onde uma vez houve uma filha de Tood, de repente havia duas.

Desde que era uma menina, Lilith havia sonhado com o dia em que finalmente seria uma princesa verdadeiramente importante como ela merecia. Ser super rica era uma coisa, mas ser um membro real da aristocracia Old blood, era uma classe de poder totalmente diferente. Uma vez que ela e Jules estivessem casados, seu controle sobre toda a cidade de Nova York seria completo e indiscutível. Depois de todos estes anos, não havia como seu conto de fadas terminar arruinado.

Ouviu os passos de Jules se aproximando que com suas bebidas e ela sacudiu o cabelo de forma glamorosa. Ela ia viver feliz. Era uma vez, depois de condenar a todos os demais; ninguém se interporia em seu caminho – incluindo o príncipe encantado.

FIM





Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **por favor que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog – <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>

Twitter - http://twitter.com/tradu_digital



Feito por:

MARY FLEURY ## SABRINA

TAMIRIS ## TALITA

Revisado por:

LEILA